

ELLORA'S CAVE PRESENTS

Brides of Caroline 1
RITUALS
of **PASSION**

Lacey Alexander



Cerimônias de Paixão

Disponibilização e tradução: Rachael Moraes

Revisão:

Capítulo Um: Ariana Santos

Capítulo Dois: Luthiene

Capítulo Três: Ariana Santos

Capítulo Quatro: Luthiene

Capítulo Cinco e Seis: Aline Bastos

Capítulo Sete: Aliane e Claudia

Capítulo Oito: Ariana Santos

Capítulo Nove: Miskhe

Capítulo Dez e Onze: Ariana Santos

Capítulo Doze: Miskhe

Capítulo Treze: Ariana Santos

Capítulo Quatorze: Sandra Martino

Capítulo Quinze: Aline Bastos

Capítulo Dezesesseis: Ariana Santos

Revisão Final: Claudia



Resumo:

Quando Maven, a filha primogênita do poderoso governante de Caralon, é cedida em casamento ao temível Dane de Rawley, ela se horroriza. Já era ruim o suficiente ela ser possessão de um homem, mas ela também ouviu os terríveis contos sobre Dane, contos sobre força e brutalidade.

Ela entra no casamento se recusando a se submeter de qualquer forma. O único problema é que o sensual e vigoroso Dane exige sua submissão, especialmente em sua cama, e ele está determinado a obtê-la.

Como Maven começa a colidir com a Fera de Rawley, ela precisa de toda sua genialidade para ganhar o controle desta batalha erótica.

Revisoras Elloras



Comentam:

Revisora Ariana:

A este livro vou dar 5 calcinhas, mais o que preciso mesmo é de um extintor para apagar o fogo do meu computador de tão quente que esse livro.

O que vc faria se ouvi-se os terríveis contos sobre seu noivo, contos de força e brutalidade dominação, especialmente na sua cama, e ele está determinado a obtê-lo.

"Na escola usamos estrelinhas para qualificar um aluno. Aqui usarei calcinhas – rs,rs,rs.

Na escala de 1 a 5 estarei qualificando o livro revisado. Uma calcinha quer dizer que você vai permanecer com a mesma o livro todo. Cinco calcinhas que será preciso fazer várias trocas, deve se preparar, pois o livro é quentíssimo." (escala criada pela revisora Angélica)

Revisora Cláudia:

Sinceramente eu achei uma estória muito enrolada, a autora perde muito tempo descrevendo as várias cenas de sexo paralelas e o sentido principal da estória vai se arrastando.

Melhora nos capítulos finais.

Classifico com 05 calcinhas porque é bem hot, mas, é só isso: bastante sexo e romance que é bom, muito pouco.



Capítulo Um

Maven entrou na grande cozinha logo após o amanhecer e parou de repente com o que viu: Senya, uma das empregadas, sentada no alto da mesa com o desbotado vestido de couro levantado até os quadris e as pernas enroladas ao redor da cintura de Arleck, o jardineiro da fortaleza. Maven prendeu a respiração, consciente que eles não a viram. O seu primeiro pensamento foi deixá-los na privacidade, mas uma sensação estranha latejou na parte interna de suas coxas e a impulsionou a ficar. Com o coração batendo forte como o rastro de um trovão, ela se abaixou para esconder-se nas sombras fornecidas pelo forno grande de pedra.

— Diga-me o que você quer! Arleck exigiu calorosamente de Senya. Sua voz também soava um pouco divertida, o que confundiu Maven. Ele estava com raiva ou divertido? A resposta de Senya foi praticamente um rosnado.

— Mais de você. Mais fundo. Venha para mim!

Somente quando Arleck puxou o corpo dela contra o seu num movimento brusco foi que Maven notou que as mãos dele estavam na bunda nua da empregada. Senya gemeu com o impacto e Maven ardeu de vontade de ver entre seus corpos, para entender exatamente o ato selvagem que ocorria entre homens e mulheres. Era uma maldição ser uma filha da realeza, mantida no escuro sobre o ato que todos pareciam entender tão bem - e também se satisfaziam com grande frequência.

Na semana passada ela também tinha encontrado acidentalmente Senya no jardim com um lojista de cidade. Naquela vez, seus corpos não estavam apertados contra o outro como agora, ao invés disso, o homem estava ajoelhado entre as pernas dela. Ela estava sentada num banco do jardim, parecendo provocar o homem puxando seu vestido apenas um pouquinho de cada vez. Naquela ocasião, Maven tinha se forçado a ir embora - devido à propriedade e ao constrangimento - mas agora a sua curiosidade estava tirando o melhor dela, ditando suas decisões.

Curiosidade, tanto quanto as sensações que tinham acometido recentemente o seu corpo, às vezes eram apenas cócegas, outras eram como um formigamento, outras vezes bem pior, era como uma espécie de coceira insaciável. Ela se sentiu como uma idiota os observando enquanto nem mesmo compreendia o que testemunhava, mas tal era o destino de uma menina real em Caralon.

Arleck continuou a empurrar seus quadris contra Senya que gemia tão alto que Maven temeu que pudesse despertar a fortaleza inteira. A empregada então soltou pequenos soluços, mas seu rosto brilhou com tal paixão que Maven se convenceu que Arleck não causava nenhuma dor a ela.

— Sim, amor — Senya ronronava agora — Assim mesmo! Forte! Mais forte! Mmm, sim.

O aposento inteiro gotejou com uma sensualidade crua que Maven não podia compreender, mas sentia a mesma coisa. Pareceu vazar do casal que estava na mesa e cair sobre ela, causando uma umidade entre suas coxas que estava muito familiar ultimamente.

— Mmm, sim, Arleck, agora! — Senya exigiu, a voz dela tornou-se mais exigente — Agora! Os dois corpos juntos numa batida que Maven sentiu como se fosse um ritmo antigo, tão antigo quanto a terra do Caralon em si, que remonta ao antes e além dos tempos.

— Arleck!

Senya sussurrou, seus movimentos diminuindo a velocidade para algo mais sensual que frenético — Isso foi muito bom.

— Diga-me que você quer mais — disse ele, sua voz um pouco mais baixa. — Diga-me que você quer mais do meu pênis.

Senya lambeu o lábio na escura luz matutina.

— Eu quero mais de seu pênis, amor, ela deu um sorriso perverso — Eu quero que você ponha em mim bem forte e fundo e que me faça gritar.

As palavras fizeram Maven vacilar. Ela nunca tinha pensado que o ato pudesse ser tão... violento. O que Senya pediu soou doloroso. Mesmo assim, Maven sentiu-se molhada e sedosa entre as pernas, ansiosamente aguardando mais do desempenho do casal enquanto espiava ao redor do forno.

Novamente Arleck puxou a empregada para ele, muito mais feroz agora, embora Maven não tivesse acreditado que fosse possível. E conforme solicitara, Senya soltou um grito quando seus corpos colidiram.

O próprio corpo de Maven pingava de suor, parte por causa do forno onde os pães da manhã estavam assando. Na verdade, foi por isso que ela veio, tinha acordado cedo com fome, talvez pelo latejar que vinha sentindo em suas coxas e seios nos últimos meses. Até agora, ela não tinha achado nada na cozinha que aliviasse aquele latejar que continuava a crescer e expandir, fazendo-a transpirar. Um pouco de sua transpiração podia também ser atribuído a assistir Senya e Arleck se chocarem freneticamente e com abandono.

Logo, Arleck gritava enquanto Senya se juntava a ele e Maven sentiu a tensão entre eles crescer, mesmo do ponto de onde estava. Finalmente, o jardineiro deixou escapar um longo e baixo gemido antes de cair sobre a empregada, descansando a testa no seu ombro.

Quando ele levantou o rosto logo depois, seus olhos tinham o olhar divertido que Maven vira antes.

— Senya, sua safada. Você sempre começa bem o meu dia de folga.

Os dois compartilharam uma risadinha e Maven de repente compreendeu que esse ato estranho de paixão e violência já havia ocorrido anteriormente na cozinha, talvez com bastante frequência. Ela prendeu a respiração. Imagine — isto acontecendo, aqui, em sua própria casa e ela não sabia.

— Quando você consegue chegar aqui primeiro — Senya disse com uma risada maliciosa.

Arleck riu, também. — Tenho certeza que Ragan e Elger ficaram meio desapontados quando descobriram que eu os venci esta manhã.

Maven aqueceu ainda mais, ela não sabia se pelo forno ou pela conversa. Soou como se Senya mantivesse sua cozinha ainda mais ocupada do que ela pensava. Ela mordeu o lábio com a implicação de Senya conhecer muitos amantes. Maven nunca teria essa oportunidade. Não que ela tivesse certeza de querer no momento, o ato entre o homem e a mulher parecia menos atraente que o de costume, ela nunca imaginou que envolvesse gritos e luta.

Mesmo assim, cresceu a umidade em suas coxas, disse a si mesma que a transpiração era por causa do forno. Então, enquanto observava Senya e Arleck se beijarem e se abraçarem, finalmente encontrou um bom momento para esgueirar-se pela sala.

Ela não podia negar o desejo em seus seios, o formigamento em sua virilha, tudo isso era pelos estranhos e segretos rituais que a aguardavam no leito conjugal.

Mais tarde naquele dia, Maven se sentou próximo à janela, praticando nos azulejos Maran enquanto suas irmãs mais novas, Teesia e Laela, observavam. Laela estudou a pirâmide de azulejos de madeira com extasiada fascinação enquanto Teesia só lançava olhares para baixo de vez em quando, tentando ocultar o seu interesse, mas Maven sabia que ambas as irmãs eram tão mistificadas e curiosas sobre as ladrilhas quanto ela. O tempo delas para aprender o jogo sagrado, contudo, não viria até que Maven tivesse sido dotado como uma noiva.

Ela supôs que poderia ser qualquer dia, já que tinha alcançado a idade de ficar noiva há uma semana. Talvez por isso a curiosidade e as sensações de formigamento, a tinham acometido recentemente. Seu estômago se apertava de nervosismo enquanto ela estudava os azulejos, incapaz de encontrar um outro movimento.

— Oh, lá, aquelas combinam — Laela disse ansiosamente, apontando para as duas peças. Maven juntou sua longa trança loira por cima do ombro e fez uma careta.

— Silêncio! Eu estou jogando, não você.

Laela esticou o lábio, fazendo beicinho, sua pálida trança castanha parecendo inclinar junto com sua expressão.

— Só estava tentando ajudar.

— Bem, não haverá ninguém para me ajudar na minha cerimônia do casamento, não é? Se vocês duas desejam assistir eu espero que se calem e permitam que eu me concentre.

— Desculpe Maven — Laela humildemente murmurou, mesmo Teesia rolou seus olhos pelo tom de Maven. Mas ela não se importou, ela tinha todo o direito de ser emocional sobre os azulejos. Tal como acontece com todas as noivas da realeza, ela não sabia que importância teriam os azulejos Maran na cerimônia de casamento, só que era importante ela ser hábil no jogo.

Naquele momento, a grande porta de madeira do quarto de Maven abriu-se para entrar sua empregada, Lavonia, que tinha cuidado dela desde a infância, todas as três meninas olharam para cima de onde estavam sentadas em torno da placa Maran.

Lavonia lançou um olhar tipicamente arreliado.

— Ainda bem que eu não sou sua mãe, né? Tradicionalmente, o jogo de Maran era tão sagrado que a noiva não podia praticá-lo na presença de irmãos mais jovens.

— Por favor, não diga, Lavonia - Laela implorou.

Lavonia colocou as mãos em seus quadris arredondados, o olhar cético.

— Contanto que vocês, garotas, não dificultem o jogo de Maven e não interfiram de qualquer forma.

Maven achou que sua irmã mais nova pareceu culpada como se fosse pecado e piscou rapidamente enquanto falava:

— Oh, não, claro que não. Só assistindo. E... bem, se perguntando.

Pela primeira vez, Teesia falou, debruçando sua cabeça numa inclinação persuasiva.

— Lavonia, não vai nos dizer agora? A empregada piscou um olhar irônico.

— Você sabe melhor do que até mesmo perguntar. O segredo dos azulejos será revelado a Maven na noite de seu casamento. Quanto a vocês duas, vocês vão descobrir a seu tempo.

— Nem mesmo uma dica, uma pista? Laela implorou. Nós não iríamos nunca dizer que você disse.

Maven continuou estudando os tais azulejos, mas o seu coração batia com a mesma curiosidade que ouviu nas vozes das irmãs, a mesma curiosidade que a assombrou nestes dias. Por que a cerimônia do casamento será tão secreta? Ela teria dado qualquer coisa para saber que relevância a placa Maran traria em estoque para ela.

Lavonia mudou seu olhar azul escuro de menina para menina, até Maven o sentiu cair sobre ela.

— Se Maven desejar saber sobre os azulejos Maran, então talvez eu possa dizer a vocês todas... alguma coisa.

— Oh, por favor, Maven, por favor — Laela implorou.

A imaturidade de Laela, aos quinze anos, estava rangendo, então Maven cedeu à tentação que lhe era oferecida. Ela olhou para sua empregada e tentou parecer indiferente.

— Sim, eu suponho que gostaria de saber o que você pode nos dizer.

— Tudo bem então — Lavonia disse, mas vamos fazer um círculo para que eu possa falar calmamente.

Lavonia acomodou suas formas voluptuosas na cama de Maven e acenou para as três meninas se aproximarem. Enquanto elas se arrumavam perto dela no chão, Maven viu a luz vertiginosa nos olhos de Lavonia, ela sabia por anos de experiência que sua empregada representava a imagem da obediência em seu trabalho, mas que ela reservadamente apreciava falar segredos ou repassava qualquer tipo de fofoca escandalosa.

— O que eu vou compartilhar com vocês não deve deixar este quarto, — ela disse numa voz que era quase um sussurro. É a história dos azulejos Maran.

Laela ofegou de temor enquanto Maven e Teesia simplesmente trocaram olhares mais maduros de interesse.

— Conta a lenda que havia um grande governante chamado Arend, que tomou para sua esposa uma moça chamada Maran.

— Isso foi antes dos Tempos Antigos? Laela perguntou.

— Ninguém sabe com certeza — Lavonia disse — Mas a maioria acha que não. A maioria acha que Arend foi um líder heróico da nossa época e é por isso que a realeza segue os seus rituais de matrimônio hoje em dia.

— Continue — Maven persuadiu. Apesar de seus esforços em transparecer maturidade, ela queria ouvir a história.

— Bem, parece que Maran era uma menina muito tímida e retraída e que ela ficou assustada com o... Bem, com a atenção de Arend em sua noite de núpcias. Agora, a maioria dos homens poderosos não teria se importado nem um pouco com o que a menina sentia, mas Arend, sendo um homem muito mais sábio do que a maioria, desejava que sua nova esposa apreciasse seu casamento.

— Então em vez de prosseguir com os habituais eventos da noite do casamento, ele exercitou grande paciência e perdeu muitas noites criando os azulejos Maran, um jogo que ele achou que fosse preparar sua jovem esposa para suas atenções. Ele estava certo, os azulejos levaram Maran para... Digamos um entendimento completo das alegrias do casamento. Lavonia deu uma risadinha leve — E Arend e Maran compartilharam grande felicidade a partir daquele dia.

Maven só torceu os lábios enquanto Teesia expressou a pergunta que estava na mente dela.

— Só isso? É tudo o que você vai contar para nós?

— Eu acho que soa totalmente romântico — Laela sussurrou, só para ganhar carrancas de suas irmãs.

Lavonia apenas riu.

— Você não acha que eu ia dizer-lhe o segredo, não é? Por que, seu pai provavelmente me tiraria da minha posição se ele souber que eu disse a você até este *muito*. Não, a verdade real dos azulejos será revelada para cada uma de vocês no tempo apropriado e tudo que vocês precisam saber é que o jogo deve trazer-lhes um prazer como vocês nunca conheceram.

Na manhã seguinte Maven estava deitada repleta de sensações que ela ainda não entendia. Observando o jardineiro e a empregada na manhã anterior — e ela tinha sido tentada a esgueirar-se novamente esta manhã também, mas resistiu com medo de ser pega — só tinha criado mais perguntas para ela, sem dar nenhuma resposta.

O ponto entre as coxas dela vibrou loucamente. Esta sensação particular era como se fosse uma grande coceira e que se irradiava através de sua barriga e para baixo pelas suas coxas com uma energia surpreendente. Ela não conseguia deixar de pensar, os malditos sentimentos começaram a crescer mais persistente desde que ela começou a jogar com os azulejos Maran alguns meses atrás. Qual influência os azulejos de madeira, pintados com simples símbolos e curvas, mantinham sobre ela? E Lavonia prometeu que o jogo trará sua alegria? No momento, tudo que ela sentia era que ia enlouquecer. Apesar de sua habilidade crescente no jogo, os azulejos pareciam instilar nela essa irritante sensação que a impedia de dormir.

Claro que, ela sabia muito bem, sua excursão à cozinha na manhã anterior tinha contribuído para a tal coceira também. Estava além dela classificar isso tudo. Ela odiava ser da realeza! Não era justo que uma menina da idade dela, como Senya, conhecesse cada segredo do corpo do homem e Maven ainda fosse mantida na ignorância pura, para que pudesse ser uma noiva mais desejável.

Ela queria tentar remover para longe as irritantes sensações persistentes entre suas coxas, mas isso ela já tinha tentado antes, sem sucesso. Estranhamente, os seus esforços só pareciam agravar a situação ainda mais.

Claro, ela lembrou, não tinha feito todas as tentativas quando estava completamente vestida de peles ou couros? Será que o resultado seria diferente agora, vestindo apenas um vestido de seda de dormir? Mordendo os lábios, ela deslizou as mãos sob o lençol de seda que a cobria. Com uma mão, ela puxou de lado o tecido macio de seu vestido enquanto a outra mão pousava entre suas coxas. Oh, ela estava tão molhada lá embaixo! Claro, ela tinha

experimentado tal umidade junto com o formigamento muito antes disso, mas afundando os dedos diretamente em sua abertura agora que estava tão escorregadia a fazia estremecer e uma sacudida brusca de satisfação a assaltou. Mas espere, não, talvez não satisfação, só algo muito próximo a isso.

Ocorreu a ela perguntar sobre isso a Lavonia, mesmo sabendo que sua empregada só daria uma risadinha e diria a ela - Tudo em seu tempo. Também ocorreu perguntar a sua mãe, mas a Senhora de Caralon era igualmente reservada sobre as cerimônias de casamento. Seus olhos escuros eram mais amáveis que Lavonia nas ocasiões de noiva de Maven - sua virgindade - como se a mãe compreendesse sua frustração, mesmo assim não dizia nada para diminuir o mistério do leito conjugal. Maven continuava a esfregar, embora talvez tenha se tornado mais que um afago, era agora mais forte, uma carícia firme e repetitiva que parecia aliviar a dor ao mesmo tempo em que a aprofundava.

— Oh, Ares! — ela murmurou — Livre-me disto. Deixe-me casar logo, assim eu poderei saber as respostas finalmente!

Enquanto a respiração de Maven crescia com dificuldade, ela percebeu que seu corpo inteiro estava respondendo à fricção forte, seus dedos afundando mais e mais nas dobras lisas e abertas. Maldição isso tudo, agora até seus seios doíam - Por que? Por que? Por que? O que ela devia fazer? Em um desespero absoluto, ela deslizou a mão livre através da seda que cobria sua barriga e fechou seus dedos apertados ao redor de um seio sobre o tecido fino. Seu mamilo sobressaiu-se firme e ereto na sua mão, como se implorasse - coçasse - da mesma forma como lá em baixo.

O instinto a fez beliscar a dura e pequena saliência de carne entre as pontas de seus dedos. Ela ofegou, o que a fez se agitar, as sensações se espalhando como se um líquido espesso e quente estivesse sendo derramado dentro dela. O instinto também disse que se ela apenas continuasse acariciando a fenda molhada entre as pernas dela, melhoraria de alguma maneira e a dor seria aliviada. Esfregando mais forte, mais rápido, a frustração crescendo dez vezes mais. Mesmo assim, sua intuição a mantinha acariciando, acariciando, seus dedos encharcados por seus próprios sucos.

— Oh, Ares, por favor, — ela murmurou. Por favor, o que? Ela nem sabia o que procurava só que a resposta parecia espreitar um pouco além de seu alcance.

A porta se abriu.

Maven gritou levemente e retirou as mãos de seu corpo quando sua mãe entrou no quarto em um longo e esvoaçante vestido de dormir azul celeste.

— Eu assustei você assim? A bonita mulher de cabelos pretos perguntou com um sorriso morno habitual. Por alguma razão, Maven sentiu que tinha sido pega em algo que ela preferiu manter privado. Ela não entendeu a inclinação, mas não se aborreceu com isso.

— Eu estou apenas me sentindo... ..intranquã - ela murmurou, tirando as mãos de baixo das cobertas.

Sua mãe, Jalal, sentou-se nas cobertas de seda ao lado dela.

— Intranquã filha? Sobre o que?

Maven respirou fundo e confessou — Suponho que estou me tornando cada vez mais curiosa sobre as cerimônias de casamento. Outras meninas parecem saber tudo que se

precisa saber sobre mulheres e homens, juntos. Enquanto que Teesia, Laela e eu somos mantidas na ignorância de tudo.

A mãe dela deu pequeno sorriso.

— Você deve lembrar-se, também já fui uma filha da realeza. Jalal era a filha de Osren de Myrtell. Era sabido que ela tinha deixado o pequeno domínio de seu pai para casar-se com Enrick o Atacante, agora Enrick, o Soberano de todo o Caralon.

— Então você, também, tinha ilusões e curiosidade como eu?

Sua mãe balançou a cabeça.

— Eu sei o que a está enfurecendo, não tendo ainda as respostas que você deseja, mas isso é o preço de ser filha do regente.

— Eu mal sei se vale a pena! - ela bufou, sua frustração fez pior pelo tremor que vinha de seu corpo, deixado à deriva naquela mesma loucura de todas as outras vezes que ela tentou aliviar a dor.

Jalal inclinou a cabeça e olhou tão sabiamente quanto Maven sabia que sua mãe era.

— Você vive uma vida tranqüila em comparação com os outros, minha filha. Você não deve tomar isso como garantia.

— Eu ainda não terei nenhum direito de escolha de como meu marido deve ser, eu serei trocada como uma cabra ou uma galinha e serei entregue a um homem sem a menor idéia de como ser uma mulher.

O sorriso calmo de sua mãe permaneceu enquanto ela estendia a mão para afagar o cabelo de Maven.

— Você é mesmo filha do seu pai - ela disse. Forte, determinada, tem vontade própria para batalha.

— Mas eu sou uma *mulher*. O que isso me traz de bom?

— Seu pai não casará você com um homem qualquer, Maven. Ele fará tal escolha com o maior cuidado. Você pode não gostar de sua incapacidade para escolher o seu próprio marido, mas é o nosso caminho, um caminho que vem trabalhado ao longo dos séculos. Sua força vai levar você através da incerteza e depois ela irá crescer, talvez, ao lado do seu marido.

— Como você, com papai.

— Exatamente — Todos sabiam que Jalal era a mulher mais poderosa de Caralon, nos domínios do norte e sul do país. Enrick a tinha escolhido para fazer dela o seu conselheiro e confidente de muitos assuntos, uma posição rara para uma fêmea. Homens, ao que parece, gostavam de mulheres bem o suficiente quando se tratava de beijar e conectar do modo como Senya e Arleck fizeram, mas eles se achavam mesmos superiores na maioria dos outros aspectos da vida.

O pensamento atingiu fortemente a Maven.

— Papai diz a você tantas coisas que outra esposa de regente não conheceria — Ela balançou sua cabeça contra o travesseiro de penas — Ele disse a você quais os planos para mim? Ele já encontrou o meu marido?

Jalal sorriu profundamente.

— Foi por isso que eu vim filha. Seu pai a chama para o grande salão esta manhã. Há de fazer um anúncio.

Maven sentiu o coração saltar para seu estômago.

— Um noivado? Vou me casar em breve?

— Sim, Maven, seu pai fez a sua escolha.

A notícia lhe tirou o fôlego, mas ela conseguiu fazer mais uma pergunta.

— Quem, mãe? Com quem eu vou me casar?

Jalal baixou seu queixo ligeiramente.

— Ah filha, ainda não sei a resposta para isso. Seu pai vai compartilhá-la com todos nós, ao mesmo tempo.

Sua mãe ficou de pé, o tecido azul fluindo acima de suas curvas como cachoeiras sedosas.

— Lavonia virá vestir você brevemente. Depois disso, você irá para o salão: nós todos estaremos à espera.

— Você será casada, filha! Enrick disse, embora proclamasse alto o suficiente para todo mundo na sala ouvir.

Maven ficou de pé olhando para o trono de seu pai, vestindo seu melhor vestido de seda. Estavam presentes sua mãe, irmãs, todos os que trabalhavam na fortaleza e muitos dos cidadãos locais que queriam mostrar seu apoio a Enrick, o mais justo regente a reinar sobre eles em mais de cem anos.

Maven pensou o quão nobre e bonito seu pai lhe pareceu, sentado no trono construído com metais caros, alguns dos artefatos mais valiosos da era Antes dos Tempos. Seu cabelo que já fora loiro começava a ficar prateado, junto com sua barba, seus olhos escuros ainda brilhavam pelo poder. Ele era um homem sábio e justo e ainda era claramente encantado com sua mãe, mesmo depois de muitos anos de terem se casado.

Talvez Jalal estivesse certa, talvez ele escolhesse um homem que trataria Maven com a mesma reverência. Mesmo assim, ela impacientemente esperou seu estômago bater.

— Maven, minha filha mais velha e a primeira a se tornar uma noiva, em três noites você deverá ser talentosa para seu futuro marido nesta sala, então será escoltida para o norte, para a casa dele, onde será o casamento. O homem com quem você irá se casar é Dane de Rawley.

O peito de Maven ficou vazio. Dane de Rawley? Ela não podia ter ouvido o pai dela corretamente — ela não podia ter ouvido! No entanto, todos em torno dela tinham ficado em silêncio, com os rostos em choque. Até mesmo a mãe dela olhou horrorizada, sentada ao lado de Enrick.

— Pai, certamente é brincadeira. Ela tinha que descobrir se tinha entendido mal. Seu pai pareceu descontente.

— Não, filha, eu não estou brincando sobre algo tão sério como o seu casamento.

Uma ira diferentemente de qualquer outra cresceu no peito de Maven. Ela tinha ficado frustrada antes, sobre as sensações irritantes entre as coxas dela e tinha estado irritada antes, sobre não ter nenhum controle sobre seu próprio destino. Mas o que sentia agora superava as emoções de antes vinte vezes mais.

— Pai, Dane de Rawley é um, um... bárbaro! Certamente você sabe disso! Ele é o homem mais temido do norte. Por que, em nome de Ares pretende conceder-me a ele?

Enrick olhou em volta da sala, como se decidisse o que lhe responder, dada a presença de tantas pessoas. No entanto, finalmente, ele respirou fundo e olhou nos olhos dela.

— Justamente *porque* ele é tão temido. Sua propriedade é vasta e seu exército é forte nos territórios do norte de Caralon, seu nome é venerado como um de poder e perigo. Em troca de sua virgindade, Dane vai guardar e proteger toda a extensão da minha fronteira do norte até a minha morte. Como marido de uma noiva real sem irmãos, ele também será eleito para tomar meu trono quando o tempo chegar.

O coração de Maven afundou. Sua mãe estava errada. Seu pai não ia entregá-la a um homem que fosse apropriado para ela, ou alguém que provavelmente ia tratá-la com reverência. Ele tinha concordado em entregá-la a um completo animal, cujos feitos de quem explora tanto as guerras quanto as mulheres eram sabidos ao longo do domínio. Seu pai a estava trocando por um demônio sem coração para garantir que nunca fosse perder o seu poder.

Lágrimas teimavam rolar de seus olhos, embora ela lutasse para mantê-las de volta.

— Pai, como você pôde? Como você pode me dar a esse bruto impiedoso?

Ela esperou ver um pouco de compaixão no olhar geralmente amoroso de seu pai, mas hoje parecia que Enrick, o Regente, uma vez mais se tornava Enrick, o Atacante, um homem que não deixa nada pendente em seu caminho - até mesmo o coração de sua filha - Quando veio para manter controle sobre a terra.

— Você sabe que existem ameaças de Virgland até o norte. Dane exige sua entrada na família real em troca de proteção. Se for para Caralon permanecer intacta, não há outra escolha.

Maven tentou acalmar sua respiração e pensar racionalmente. Apesar de ter sido criada com todo luxo, ela também tinha sido ensinada que sua primeira lealdade era para Caralon, uma região que, antes de seu nascimento, tinha sido repleta de regentes corruptos e guerras esporádicas durante centenas de anos. Enrick trouxe paz e prosperidade para o povo de Caralon e isso era importante, sim. Mas era impossível para Maven acreditar que o único caminho para manter o domínio inviolado era negociá-la para um louco.

— Eu nunca vou perdô-lo — ela chorou, finalmente dando vazão às lágrimas. Com isso, ela se virou e fugiu da sala.

Capítulo Dois

Dane tirou seu pênis das calças de couro marrom. Ele passou a mão de cima a baixo em sua ereção enquanto trocava olhares entre as duas serviçais que geralmente cozinhavam e entregavam sua comida. Hoje o trabalho delas era aquele que elas achavam muito mais prazeroso. As mulheres que o serviam estavam sempre ansiosamente aguardando por sua vez, ávidas para agradá-lo e para a tarefa de hoje, ele escolheu Ráfia, uma menina rechonchuda com seios grandes e redondos, junto com Calla, uma delicada loira com lindos cabelos e adoráveis lábios que ele sempre achou que foram feitos para chupar.

Eles montaram num carro principal de quatro rodas, coberto por um caro tecido de couro e seda. Ele se sentou numa cadeira de veludo e plumas de pelúcia, sua ereção sacudindo enquanto as rodas pulavam pelo buraco na estrada.

— A sua boca é tão qualificada quanto parece, Calla? — Ele perguntou, lançando um sorriso malicioso.

Ambas as meninas estavam ajoelhadas diante dele no chão do carro, nuas, esperando por seus movimentos. Calla sorriu lascivamente. — Você gostaria que eu mostrasse, mestre?

— Sim, mas não me tome em sua boca ainda. Lamba, de cima a baixo. — Ele girou seus olhos para a outra menina. — Você também, Ráfia. Ajude Calla a lambar meu pênis.

Ele pegou suas bolas com as mãos em concha, enquanto as duas meninas se moviam para a sua ereção, ele as soltou quando as fêmeas tiveram sua ereção sob controle. Suas línguas eram como trilhas de fogo que o fizeram gemer enquanto as assistia trabalharem.

Calla sorria para ele enquanto arrastava sua língua pelo duro comprimento, enquanto Ráfia fechava os olhos, parecendo profundamente absorvida com a tarefa. Dane apertou suas mãos, gentis, mas firmes, sobre as nucas delas, persuadindo-as a se moverem mais intimamente contra ele. O calor de seus corpos luxuriantes queimava suas pernas através do couro fino.

Quando Calla corajosamente avançou até começar a amassar suas bolas, ele soltou um gemido suave com a estimulação. — Ares me ajude! — ele murmurou, perguntando-se quanto mais ele podia esperar. E este era só o primeiro dia da viagem, ainda restavam dois. Ele pensou que era preciso mais que o leve fornecimento de duas meninas jovens para mantê-lo excitado, mas pelo menos se assegurou de estar mais do que pronto quando tomasse posse de sua noiva virgem.

— Agora — ele disse, observando as meninas serviçais — Chupe-me, Calla. Mostre o quanto você pode usar bem sua bonita boca!

A menina olhou alegre pela ordem e Ráfia cessou seus estímulos, deixando Calla tomar conta da coluna de pedra que se sobressaía das coxas dele. A serviçal loira manteve seus olhos presos aos dele enquanto lambia uma gota que fluía da ponta de seu pênis, então deslizou seus lábios pela cabeça espessa.

—Mmm — ele gemeu, cheio de inegável luxúria enquanto ela o mantinha, tomando-o mais profundamente — avançando mais e mais lentamente. Ela não conseguiria tragar toda a sua longitude, mas que mulher podia ter uma garganta tão profunda? Ele estava bem contente por sentir a cabeça de seu pênis empurrando lá, contra sua garganta molhada, enquanto ela olhava faminta para ele.

Quando ela começou a deslizar aqueles lábios deliciosos de cima a baixo, ele ergueu seus olhos para Ráfia. — Venha! Traga seus seios para minha boca.

Ele logo envolveu seu braço ao redor da cintura suave e macia e fechou seus lábios em um mamilo rosa e proeminente. Ráfia gemeu enquanto ele desenhava nela com a língua, deixando seus braços caírem sobre os ombros nus dele. Ele mamou, fazendo-a choramingar de prazer enquanto seu mamilo crescia mais duro em sua língua.

Mais embaixo, Calla trabalhava vigorosamente em seu pênis, aumentando seu prazer a cada golpe. — Mmm, sim, bem talentosa realmente! — ele murmurou contra a carne suave do seio de Ráfia. Ele soprou em seu mamilo enquanto assistia Calla chupá-lo pelo canto do olho.

Quanto mais? Ele se perguntou. Quanto ele podia agüentar?

Calla mergulhou mais em seu comprimento, desta vez quase o tomando todo de uma vez. Ele gemeu e pensou: *Eu não posso agüentar mais tanto tempo*. Que vergonha. Em qualquer outra circunstância, ele podia deixar estas duas safadas dar-lhes prazer o dia todo.

— Mmm, sim, Calla, chupe o pênis do seu mestre — ele rosnou. —Continue chupando.

Só um pouco mais. Só alguns segundos mais santificados de encanto intenso. Ele beijou o mamilo de Ráfia novamente e olhou a adorável loira cuja boca não parecia se cansar.

— Pare, — ele disse de repente.

Ráfia vacilou em seu aperto enquanto Calla ficou quieta, olhando para ele com metade de sua ereção na boca. Claramente vendo o comando em seus olhos, ela lentamente se retirou até que seu pênis pulou de volta contra seu abdômen.

— Eu devo montar em você agora, mestre? — Calla perguntou.

Ares, mas ela estava ansiosa. Era agonizante responder. — Não, Calla. Não. — Ele alcançou seu limite.

Pela primeira vez, Ráfia falou, sua voz carregada de paixão. — Eu devo? Minha vulva esta ensopada de desejo e toma seu pênis com facilidade.

Ele aliviou a menina maior de seu aperto. — Não, Ráfia. Eu não serei montado por nenhuma de vocês. Mas vocês podem se deitar em minha cama — ele disse, apontando para o colchão suave alguns metros ao longe — e lambe a vagina uma da outra.

As meninas pareceram desapontadas, mas aceitaram. E por que não deviam? Ele pensou quando elas se moveram em posição. Elas, pelo menos, alcançariam o clímax. Ele, por outro lado, torturaria a si mesmo sentado observando-as.

Ráfia deitou-se de costas e Calla mergulhou seu rosto contra a vagina dela como se fosse uma rosa e a apanhou em sua boca. Ela não perdeu tempo e se curvou sobre ela, suas mão no corpo rechonchudo de Ráfia, encontrando sua vagina e afundando sua língua na carne macia e brilhante. Ráfia soltou um profundo gemido, mas foi amortizado quando Calla deslizou seu próprio sexo pelos lábios de Ráfia.

Juntas as duas servçais se moviam contra a outra, arquejando e gemendo, os sons acompanhados por um molhado banquete de lambidas. Dane se permitiu deslizar sua mão ligeiramente de cima a baixo em sua ereção, ainda úmida da boca profunda de Calla — mas não mais. Toda vez alcançava quase à beira do clímax e sabia que tinha que parar — então só poderia olhar. Ele era um homem com grande controle sobre seu pênis, mas os próximos dias o poriam a teste.

Quando ambas as meninas chegaram ao orgasmo, gritando e empurrando suas vulvas contra a língua uma da outra, Dane temeu explodir, mas ao invés disso, ele se achou exatamente onde pretendia estar — na extremidade afiada do clímax, ainda agarrando-se para um fragmento precioso de controle.

Quando ele conseguir sua noiva de Enrick, seu pênis estaria cheio de sangue e luxúria como nunca antes.

* * * * *

Maven chorava em seu travesseiro com Jalal alisando seu cabelo. — Chorar não mudará o destino, filha. Você deve ter muita força, como nós discutimos mais cedo, sua orientação começará hoje à noite.

Oh! Sua orientação! Já? Se seu pai tivesse chamado qualquer outro homem para seu noivo além de Dane, o Terrível, ela estaria pronta e ávida para o treinamento que ela receberia antes de sua chegada. Mas no momento, ela não podia nem apreciava saber que logo começaria a aprender os segredos que ela se perguntava por tanto tempo.

— Mãe, como ele pôde? Dane de Rawley? É... inconcebível.

Ela olhou pra cima a tempo de ver Jalal contrair seus lábios duvidosamente. — Eu concordo, eu estava chocada com a seleção de seu pai. Mas você deve aceitar a escolha dele — não existe nenhuma outra opção.

Maven rolou de lado e fungou as lágrimas. — Ele me vende a fim de manter seu poder.

Jalal agitou sua cabeça. — Vende você, talvez. Mas não para o poder. Para a paz. Paz para todos de Caralon.

Maven lançou um triste olhar para sua mãe, enxugando a umidade de seus olhos. — Eu ouvi que Dane de Rawley é mau e... forte. Eu ouvi que ele força as mulheres para fazê-las suas, para possuí-las. — Ela até não sabia exatamente o que queria dizer, que ele forçava as mulheres, mas isso tudo soava muito ameaçador.

Jalal suspirou longamente e olhou sua expressão triste. — Eu também ouvi rumores sobre o Dinamarquês. — Então ela olhou novamente para Maven. — Mas eu devo ter fé em seu pai. Eu devo acreditar que ele fez uma boa escolha para você.

— Uma boa escolha para Caralon, talvez, mas não para mim.

Sua mãe suavemente apertou-lhe a mão, então mudou de assunto. — Você deve secar seus olhos e se preparar para aprender, filha. Sua Orientadora estará aqui logo.

Maven sentiu-se abandonada — sua mãe estava aceitando, nem mesmo estava lutando contra seu pai nisso? — Você não me vai ajudar?

— Não existe nada que eu possa fazer para mudar. Você deve confiar nele. Ele une aqueles que devem ficar unidos, ambos em batalha e em casamento. Você deve confiar em seu pai também.

Até onde Maven podia ver, entretanto, seu casamento seria uma batalha — uma batalha com o cruel Dane de Rawley — e não havia nada que ela pudesse fazer para impedir que a mesma começasse.

* * * * *

Lavonia entrou no quarto de Maven sorrindo amplamente. — Não se irrite, doce Maven, tudo ficará bem, começando agora.

Maven fez como sua mãe instruiu — secou seus olhos e se sentou ereta em sua cama, tentando ser forte — mas ainda assim, nada sentiu além de desespero. — Como? Dane de Rawley encontrou alguma morte terrível? Ou meu pai retornou a seus sentidos?

Lavonia manteve sua expressão feliz. — Dane pode não ser o tipo de homem que você esperou, mas eu ouvi que ele é agradável de se olhar e isso conta.

Ele não era um ogro, como Maven temia? Bem, mesmo assim, isso não o fez mais sensível, ou acessível, ou amoroso. Ela repetiu seu pensamento de mais cedo. — Ele é uma besta. Ele provavelmente me esfolará viva.

— Não se você aprender o que fazer por ele — Lavonia deu um sorriso malicioso. — É por isso que eu estou aqui.

— O que você quer dizer?

A mulher voluptuosa endireitou-se um pouco mais, parecendo orgulhosa. — Eu fui escolhida para ser sua Orientadora, Maven.

Maven ofegou ligeiramente — entretanto, ela não pensara sobre quem poderia ser selecionada, Lavonia era uma escolha natural. A Orientadora de uma noiva era sempre uma mulher, sempre alguém que a noiva realmente conhecesse bem e era uma honra considerável. — Bem, essa é uma notícia agradável — ela admitiu. Tendo conhecido Lavonia há tanto tempo, ela se sentia muito à vontade com a mulher mais velha, então quem melhor para ensiná-la os modos da cama para o casamento? — Mas não faz o resultado não menos terrível.

Lavonia deu outro sorriso conecedor. — Você pode pensar diferente depois de ver o que eu vou mostrar a você.

Maven suspirou, sua curiosidade aumentando ligeiramente — Quando nós começamos?

— Agora. — Lavonia pareceu totalmente contente.

Maven segurou sua respiração. — Sempre tem sido assim? — Ela perguntou, sentindo-se perdida, desesperada por respostas. — As meninas da realeza sempre foram tratadas deste modo? Isso é como nos Tempos Antigos?

Lavonia sacudiu a cabeça em um gesto de repreensão — Por que vocês meninas são tão obcecadas com os Tempos Antigos? Você faria bem em se concentrar no agora, Maven.

— Como nós não poderíamos ser? Os artefatos são tão bonitos. O vidro. O brilho dos metais. Elas devem ter levado vidas pródigas — vida, eu suspeito, onde mulheres não eram tratadas mal, especialmente as da realeza.

— Pródigos, talvez, mas todos morreram. Sua cultura inteira perecida. O quão maravilhoso podia ter sido?

Maven mordeu o lábio e fez uma pergunta que ela sempre se questionou — Como aconteceu? Como eles morreram? — Certas coisas sobre os tempos antigos somente eram

discutidas nas mais íntimas das circunstâncias — e Maven pensou que isto era íntimo suficiente para se qualificar.

Lavonia baixou seu queixo então respondeu, falando suavemente. — Só a cidade da ilha em Yorkland, ao norte, mostra os sinais de ataque antigo. As outras cidades parecem ter desintegrado em decadência e negligencia. Então acreditamos que eles foram mortos por doença.

— Isso podia acontecer em qualquer sociedade — Maven discutiu ansiosa por não ter suas fantasias dos tempos antigos anuladas.

— Não — Lavonia disse. — Era uma sociedade vasta — mais vasta do que nós sabemos até agora — e todos eles morreram. Todos eles, com exceção daqueles poucos que devem ter sido fugitivos subterrâneos, mais tarde reaparecendo em nossa sociedade. A maioria acredita que aquilo foi uma doença espalhada pelo homem, de propósito.

Maven engoliu em seco. — Então homens nos tempos antigos também eram dados a batalha.

Lavonia movimentou a cabeça sombriamente.

— E eu estou sendo *doada* para prevenir a batalha. — Ela não podia evitar suspirar. — Talvez você esteja certa. Talvez não fosse tão cheio de princípios então. Talvez não tenha mudado muito.

Lentamente, outro sorriso espalhou-se pelo rosto de sua empregada.

— Por que você está sorrindo com algo tão horrendo?

— Porque eu escolho não pensar mais sobre isso. Não é tempo para tristezas — é hora de você aprender os segredos que você quer saber muito, muito mesmo. E não negue, eu sei que você está curiosa, Maven. Eu vi em seus olhos. Então afaste suas preocupações e deixe-me iluminar você.

Maven respirou fundo e tentou fazer como Lavonia instruiu. Era duro reacender seu interesse com as coisas do casamento sem sofrer o medo de com quem ela seria casada, mas ela tentou. Ela olhou Lavonia no olho.

— Diga alguma coisa, Lavonia. Como é para o resto da sociedade? Como eles casam?— Estava envergonhada em admitir que não sabia, mas a vida para uma menina da realeza era muito protegida e — ela sabia pouco sobre como os outros viviam.

— Bem, só para a realeza — e às vezes para o rico — que a virgindade da menina é uma coisa tão sagrada. As classes mais baixas não têm nenhuma necessidade de uma noiva virgem.

— Continue.

— E nas classes mais baixas alguns casam, mas muitos não o fazem — Lavonia disse. —Embora haja aqueles que fazem e vivem vidas longas e felizes juntos — e aqueles que acham amor verdadeiro naquilo que fazem.

— E o resto?

Lavonia riu. — Nós apenas o fazemos quando sentimos e apreciamos.

Maven apertou seus lábios, tentando reconstituir os pequenos pedaços de vida que ela testemunhou do lado de fora das paredes da fortaleza. —E aqueles que casam têm crianças, mas e aqueles que não tem nenhuma? Como que funciona?

— Muito cuidadosamente — Lavonia disse num tom de arreliar, então falou mais sério. — Ocasionalmente, uma mulher solteira terá uma criança e essa criança será geralmente sustentada com ajuda do pai, mas, mais freqüentemente, a criança acaba sentindo como se tivesse sido criada pela aldeia ou comunidade inteira onde ela vive. Todas os quais, eu posso dizer, tais crianças são normalmente acidentes, mas não serão maltratadas por causa disso.

Maven apenas não soube como decifrar a explicação de Lavonia. — Hum, *acidentes*?— Ela não podia entender o sentido de sua própria ignorância.

— Bem, nós estamos ultrapassando nós mesmas aqui, mas... mulheres podem tomar atitudes para prevenir as crianças de nascer. Existem pomadas especiais — que eu mesma as usei desde que eu era uma jovem. Porém, você não precisa se preocupar com estes tipos de coisas, menina querida, você será uma mulher casada, sem necessidade de prevenir crianças.

Maven soltou um suspiro longo, quase se arrependido de ter começado a linha de interrogatório. Ela ainda não havia pensado sobre o processo de ter crianças com Dane! Suprimindo um calafrio, ela decidiu que era melhor manter-se superior e continuar.

— Como nós começamos?

— Ah, agora, esta é a Maven forte que eu conheço e amo — Lavonia disse, chegando mais perto da cama de Maven — Primeiro, Doce Maven, eu a ensinarei sobre seu corpo.

A sugestão fez a região entre suas pernas apertar-se e ela mordeu o lábio. — Continue. Ensine-me.

Lavonia riu. — De repente ficou impaciente, não é? Muito bem, então. — Sem aviso prévio, ela colocou a mão entre suas coxas, tocando-se através do seu fino vestido de couro. — Isto é chamado de vagina.

— Vagina — Maven repetiu, experimentando a palavra. — Por que é chamada assim?

Lavonia soltou um suspiro cansado. — Por que qualquer coisa é chamada qualquer coisa? Quem pode dizer? Eu acredito que é um termo arcaico dos tempos antigos. — Ela foi para outro assunto então. — Nós vivemos vidas muito diferentes daqueles que foram antes de nós, mas eu sinto com confiança que isto não mudou. Sexo.

Sexo. Uma palavra que Maven ouvia sussurrada sobre a fortaleza e falada mais alta na aldeia — até, claro, o locutor perceber que a filha do rei estava escutando. — E o que é sexo?

Sua empregada riu, quase simpaticamente, então agitou sua cabeça. — Pobre de mim. Eu suponho que não tenha percebido o quanto difícil seria este trabalho.

— Sexo — Maven estalou. — O que é isso?

— O sexo é o que um homem e uma mulher fazem juntos. Às vezes, no casamento para fazer bebês, como nós acabamos de discutir. Mas, mais freqüentemente para ter prazer. Depois que você fizer sexo, não será mais virgem.

Ela se viu relampejado de volta para Senya e o jardineiro na cozinha. — O sexo sempre... bem, terá ambos prazer e dor?

Lavonia arqueou as sobrancelhas, olhando impressionada. — De fato, às vezes é. Na maioria das vezes é uma dor deliciosa. — Quando Maven enrugou o nariz, confusa, Lavonia fez acenos com a mão. — Mas novamente, nós estamos nos distanciando, distanciando à

frente de nós mesmas. O que você precisa saber agora mesmo, minha querida, são os princípios. Outro termo arcaico para a vagina é vulva. Existe uma abertura lá, entre suas pernas, onde o homem insere seu pênis.

Maven recuou ligeiramente e sua confusão aumentou. — Ele põe o “galo” entre suas pernas?

Lavonia rompeu-se em risos selvagens que tiveram sucesso em fazer Maven sentir-se como uma tola. Seu rosto afogueado de embaraço quando ela esperou que sua empregada continuasse.

— Pênis é o nome usado para a adorável, longa e dura barra que se sobressai de entre as pernas dele.

A primeira reação de Maven era dizer que ela nunca havia notado qualquer barra que se sobressaísse de quaisquer pernas de um homem, entretanto ela se lembrou de ocasiões estranhas em que ela testemunhou algo em baixo das calças de couro dos homens. Um tipo de protuberância. Uma protuberância para qual ela, às vezes, se sentiria esquisitamente atraída. Ela mordeu o lábio.

— Quando um homem está excitado e quer fazer sexo, seu pênis consegue ficar muito grande e duro. É uma boa visão de se ter.

Maven podia apenas imaginar.

— Quando você estiver sendo possuída, você sentirá a sensação mais gloriosa — uma sensação de... estar bem completa por seu homem.

— Possuída?

Lavonia balançou os braços, totalmente. — Outro termo arcaico. Quer dizer fazer sexo.

Maven segurou a respiração, ousando fazer a outra pergunta. — O sexo é a razão que eu às vezes sinto a minha vagina pulsante e molhada? A razão de meus mamilos ficarem duros?

Lavonia sorriu. — Exatamente. Esse é modo do seu corpo dizer a você que está pronto para o sexo.

— É... quase insuportável.

A empregada ergueu uma mão para alisar o cabelo desgrenhado de Maven. —Eu não invejo você nisto, querida. Deve ser torturante ter que esperar e se perguntar sobre isso tudo.

Maven balançou a cabeça.

— Mas sua espera está quase terminada.

Ela engoliu novamente lembrando-se de seu destino. — Eu desejaria poder esperar ansiosamente por isso, Lavonia, mas como posso, sabendo que o homem a quem sou destinada para ter sexo é Dane, o Terrível?

— Olhe, ele parece ser um bruto, sim. Mas é como eu disse a você antes. Você, mais que qualquer outra menina real, deve prestar muita atenção para tudo que você ouve e vê durante esta sua Orientação. Você deve aprender a agradá-lo e agradecer bem. Eu tenho certeza que esse é o caminho para um casamento amigável com ele.

— Ouvir e ver? — Ela perguntou.

Lavonia balançou sua cabeça em um ângulo galanteador e sorriu. — Sim. Desde que eu descobri que seria sua Orientadora, eu pensei sobre o quão melhor para ensinar a você os modos de sexo e decidi que o método mais fácil é simplesmente demonstrar.

Então Lavonia ia fazer sexo com um homem enquanto Maven assistia? Uma indesejável, mas familiar pulsação de excitação começou a bater em sua vagina, da mesma maneira que quando ela testemunhara Senya e Arleck na cozinha.

Sem dizer mais nada, Lavonia saiu da cama e caminhou para a porta do quarto. Abrindo-a, ela deixou entrar três meninos que Maven conhecia da fortaleza, todos eles homens jovens e bonitos com mais ou menos a sua própria idade, embora consideravelmente mais jovens que Lavonia.

Maven deixou cair o queixo em surpresa. — Você precisa de três?

Um sorriso modesto curvou-se na boca de sua empregada. — Vai ser uma lição muito longa e árdua, minha querida. — pertencerá só a você.

Capítulo Três

Uma excitação proibida correu pelo corpo de Maven. Ela não sabia porquê, afinal esta era a sua orientação, apesar de tudo, então não havia nada proibido sobre o assunto. Todos sabiam que a orientadora podia usar quaisquer meios que ela considerasse necessários a fim de preparar uma filha real para sua noite de casamento. Mesmo assim, a excitação latejante na vagina de Maven aumentou descontroladamente quando ela olhou para os três homens jovens e robustos e começou a antecipar o que estava para acontecer.

— Você conhece Anglen, Ragan e Donnell — Lavonia disse.

Certamente que conhecia. Ela só nunca antes tinha percebido o quão atraentes ela os achava. Anglen exibia cabelos loiros cor de areia e uma aparência robusta, ele trabalhava no estábulo do seu pai.

Ragan tinha ambos pele e cabelos escuros, um corpo magro e musculoso, Donnell possuía uma longa cabeleira castanha, mais longa que o cabelo da maioria dos homens, puxado para trás em um rabo de cavalo. Os primeiros dois garotos estavam entre as fileiras do exército de seu pai, sendo treinados para liderar as forças caso Caralon venha a ser atacada, mais tarde deveriam servir como guardas da fortaleza.

Sem planejar, Maven baixou os olhos dos rostos dos homens para suas virilhas, onde ela viu as protuberâncias que ela lembrava ter visto nos homens antes. Sua vagina estremeceu de curiosidade.

— Se você desejar se tocar, de alguma maneira, enquanto nós demonstramos - Lavonia disse, trazendo os olhos de Maven de volta para ela - sinta-se à vontade. Embora você tenha sido ensinada a suprimir seus impulsos, o tempo para isso é quase passado. É importante que você aprenda a *abraçar* esses impulsos agora.

Maven só balançou a cabeça, começando a sentir-se um pouco extasiada, como se tivesse sido transportada para algum outro tempo e lugar. Fazia sentido, isso tudo estava acontecendo muito rápido, seu noivado com um bárbaro e agora *isso*, sua empregada preparando-se para... qual era a palavra? Fazer sexo, sim, era isso. Sua empregada estava preparando-se para fazer sexo com três dos jovens de seu pai aqui mesmo em seu quarto enquanto ela assistia!

Por outro lado, porém, ela sentiu como se uma nova energia, um poder cru e diferente de qualquer sensação que ela já tinha conhecido, estava juntando em seu meio como se Lavonia estivesse certa e o tempo da inocência estivesse terminado. Apesar dela mesma arder de vontade de ver os pênis dos meninos, ardia de vontade de ver todas as partes íntimas deste ato entre homem e mulher.

Como se estivesse lendo sua mente, Lavonia caiu de joelhos diante de um Anglen de ombros largos depois de um momento, ela afastou o couro e os cordões de suas calças para revelar — oh meu Deus! Que membro de aparência estranha e peculiar!

Maven mordida o lábio, estudando-o. Lavonia havia descrito como uma haste, o que realmente era, mas ainda... Maven não poderia ter imaginado as estranhas sensações de fome que ela experimentou ante aquela visão.

O pênis de Anglen pareceu crescer ainda mais quando a mão da empregada se fechou em torno dele. Todo o comprimento estava vermelho como se tivesse com calor enquanto Anglen segurava sua respiração, sua expressão imediatamente lembrando a Maven da estranha dor-prazer que ela tinha discutido com Lavonia mais cedo.

— Isto é um pênis — Lavonia disse, virando-se para Maven enquanto passava as pontas dos dedos cuidadosamente na parte da frente da protuberância. — Adorável, não é?

Estranhamente Maven concordou, embora ela não conseguisse entender bem o porquê. Ela desviou o pensamento para algo que, de repente parecia mais importante do que aquela aparência.

— Isto é para *entrar* em mim?

Lavonia riu amplamente.

— Não, minha querida, *isto* é para *entrar* em mim — Ela olhou para Anglen, sua voz era baixa e rouca — Muito em breve, meu menino bonito. Muito em breve.

— Mas eu quero dizer — Maven persistiu — O pênis do meu marido... — Ela fez careta então, lembrando de Dane de Rawley e concluindo com um suspiro profundo.

— Sim, o pênis do seu marido entrará em sua vagina.

— Mas... como? É tão grande — Lavonia riu.

— Se os rumores forem verdadeiros, o pênis do Dinamarquês é ainda maior e mais imponente do que este. — Ela olhou novamente para cima — Sem ofensa, meu querido — Então ela olhou de volta para Maven.

— Mas como você logo verá, o corpo feminino tem uma maneira de aceitar um pênis grande e bonito.

Maven olhou para baixo em direção à sua vagina que formigava, sentindo-se desolada.

— Parece impossível Lavonia — Mesmo levando em conta o desejo descarado que zumbido.

Mesmo assim, sua empregada apenas riu.

— Confie em mim, querida, quando o Dinamarquês afundar seu pênis em você, você amará e implorará por ele.

Essa idéia a estava chocando. Maven não acreditou em nenhuma palavra, mas ela podia ver que era inútil discutir, então não implicou mais com o assunto.

— Agora — Lavonia disse, dirigindo um olhar voraz para a carne dura que continuava apertando, você vai assistir e aprenderá um dos melhores meios de dar prazer ao seu homem — Começando pela parte inferior, a empregada deslizou sua língua sobre o pênis de Anglen numa lambida longa e lânguido que o fez tremer em resposta.

A vagina de Maven se arrepiou também. Que diabos Lavonia estava fazendo?

Em seguida, ela lambeu a ponta do pênis, seu olhar crescente de paixão par Anglen enquanto ela movia a língua até o final. Maven mordeu o lábio, atordoada.

— Quando você trazer sua boca para o pênis do seu homem — disse Lavonia, dirigindo-se a ela, embora o seu olhar ficasse no menino, pense sobre ele como o banquete mais delicioso que você já teve.

Com isso, ela baixou a boca inteira sobre o pênis de Anglen.

Tudo que Maven pôde fazer foi não respirar. Ela assistiu perplexa e preparada para fazer perguntas, mas com a mesma rapidez, ela percebeu que a atenção de Lavonia centrou-

se em Anglen agora enquanto ela trabalhava nele movendo-se para cima e para baixo, até Anglen começou a gemer, empurrando seus quadris ligeiramente em direção à boca receptiva de Lavonia.

Se você desejar se tocar sinta-se à vontade. As palavras de Lavonia se voltaram para Maven quando ela percebeu que sua dolorida vagina implorava por sua carícia enquanto ela assistia sua empregada ao fundo. Mas ela sentia-se muito tímida com os três meninos na sala apesar de que a atenção coletiva parecia se concentrar na boca de Lavonia.

Os gemidos de Anglen se aprofundaram, ficaram mais angustiados. Estranho, esta era a dor-prazer, Maven pensou. Embora quanto mais ela tinha conhecimento, mais ela compreendia que era uma espécie requintada de dor, indissolivelmente ligada à mesma satisfação profunda que seu próprio corpo procurava.

— Mmm, me chupe — Anglen grunhiu — Isso é muito bom, não pare, não pare! — Anglen agora segurava a cabeça de Lavonia, enrolando seus dedos no cabelo vermelho e espesso, empurrando em sua boca.

Maven reconheceu que ela não queria fazer aquilo com Dane de Rawley ou qualquer outro homem, ainda assim... Ver o ato era ainda mais emocionante do que o que ela havia testemunhado na cozinha. O pênis era incrivelmente... proeminente, dominante e ao mesmo tempo assustador e emocionante.

Para a surpresa de Maven, Lavonia não parecia se importar com as pressões crescentes de Anglen entre seus lábios, nem com as mãos dele que agora puxavam sua cabeça cada vez mais perto do seu membro. Em vez disso, ela olhava para ele com fogo nos seus olhos, tornando-o tão excitado que podia ser ouvido em meio a seus gemidos.

Maven sentiu a tensão no quarto crescendo, crescendo assim como quando ela começou a esfregar sua vagina noutro dia só para ser interrompida.

Até que finalmente Anglen disse:

— Agora! Agora!

Seus mergulhos na boca de Lavonia eram selvagens, incontidos, seu rosto se contraía e gemidos profundos e guturais enchiam o ar. Mesmo assim, enquanto permanecia com a boca sobre ele, Lavonia parecia repleta de prazer.

Pouco segundos depois, o corpo de Anglen ficou quieto e o silêncio retornou. Quando Lavonia finalmente retirou a sua boca do pênis dele, Maven olhou e ficou chocada pelo membro ter ficado tão liso e brilhante e como Lavonia parecia profundamente satisfeita com os lábios reluzentes e molhados. A empregada deu uma sacudida em sua cabeça como se voltasse de algum lugar bem longe.

— Eu devia ter liberado um pouco, deixá-la vê-lo gozar — ela murmurou para si mesma. Então suspirou feliz. — Ah, bem, temos tempo suficiente para isso ainda.

Anglen quase desmoronou em uma cadeira quando Lavonia virou-se para Maven, ainda de joelhos.

— Aquilo — ela disse — é como você corretamente chupa o pênis de um homem.

— Você estava chupando?

Outra risada de Lavonia encheu o ar.

— Bem, às vezes sim, às vezes não. De qualquer modo, o homem fica excessivamente contente de prazer por estar em sua boca, confie em mim. Existem três maneiras para ser

bem sucedida em chupar um pênis — continuou ela, levantando três dedos. - A primeira é: criatividade. Você pode lamber para cima, para baixo, em torno, de qualquer maneira que puder pensar. A segunda é entusiasmo: você tem que deixar seu homem saber que está ansiosa pelo pênis dele em sua boca. E a última é: submissão. Quando chegar a hora, ele quer empurrar o pênis entre seus lábios, do mesmo jeito que ele faria se fosse sua vagina, você vai de encontro aos golpes e o toma tão profundamente quanto puder.

Maven pensou no que ela disse, mas uma coisa se sobressaiu — E se eu não quiser fazer isso tudo?

Lavonia inclinou a cabeça, como se não acreditasse.

— Minha querida chupar um pênis é muito prazeroso. Talvez seja intimidante na primeira vez, mas confie em mim, você vai apreciar a oportunidade de tomar o seu homem em sua boca — Maven não se convenceu. A empregada dela parecia arrependida, repreendendo-a.

— Você deve fazê-lo. Se quiser manter o seu homem feliz.

Maven não respondeu. Ela simplesmente não podia se imaginar querendo fazer o mesmo com um homem, muito menos com um facínora igual ao seu futuro marido. A parte sobre submissão era particularmente mesquinha e qualquer homem que esperasse que ela consentisse isso ficaria muito desapontado.

— Talvez nós devamos seguir em frente — ela disse intencionalmente, sentindo-se aborrecida com Lavonia. — E sobre a parte quando ele coloca o pênis em sua vagina? Como é?

A expressão de Lavonia transformou-se em algo mais alegre.

— Como sempre, Maven, você está cheia de perguntas. Seu modo curioso irá atendê-lo bem no sexo, mas você esquece que, por agora, estou no comando. E em seguida iremos descobrir outra coisa.

Maven suspirou de decepção. E qual é?

Sua empregada sorriu — Um dos maiores prazeres de ser mulher, minha cara — Com isso, Lavonia começou a puxar para cima a barra do vestido de couro.

Maven assistiu em choque quando ela o ergueu pelas coxas até a cintura, antes de se sentar em uma cadeira cheia de pena. Quando ela separou as pernas, sua vagina brilhou entre o pelo vermelho fogo que se enrolava em torno de sua abertura de carne macia e rosada.

Embora timidamente Maven houvesse estudado sua vagina no seu próprio espelho algumas vezes, ela nunca antes tinha visto a de outra mulher e ela achou... Tanto chocante quanto excitante.

— Ragan, Donnell — Lavonia disse, olhando pesadamente para os dois garotos — Mostrem para a nossa adorável Maven exatamente como uma vagina deve ser lambida.

Ambos os garotos pareciam ávidos para começar a sua tarefa e Maven observou quando eles correram para se ajoelharem entre as pernas rechonchudas de Lavonia.

— Ragan, você começa — Lavonia instruiu. E Donnell, meu menino adorável, segure minha vagina aberta para ele — Lavonia ajeitou-se na cadeira em um ângulo que desce a Maven a melhor vista.

Donnell a alcançou usando as duas mãos para separar a região externa da fenda deixando-a muito mais larga do que já era. A carne rosada ficou mais abundante. Quando Maven sentiu os olhos de Donnell sobre ela, claramente esperando por sua reação, sua vagina inchou mais ainda. Seu coração estava batendo quase fora de controle já há algum tempo, mas com o simples olhar de um jovem que ela conhecia a sua vida inteira se acelerou ainda mais rápido.

Porém, ignorando o olhar dele, ela manteve seu olhar fixo na vagina de Lavonia, dominada por antecipação quando os cabelos escuros de Ragan se inclinaram e ele chicoteou a ponta da sua língua pelo nó protuberante da vagina da empregada.

— Esse pequeno inchaço adorável — Lavonia disse, a voz já estremecida — é meu clitóris. Muitas partes do corpo de uma mulher lhe trazem prazer quando são tocadas ou beijadas, mas o clitóris é a fonte do êxtase.

Quando ela terminou, Ragan inclinou-se novamente, desta vez entrando na parte mais larga de sua vagina que ia até o clitóris.

O gemido de Lavonia pareceu viajar através de Maven, tornando-a cada vez mais sensível a tudo o que ela via.

— Mmm, sim, outra vez — A empregada instruíra e desta vez ele caiu em uma longa série de lambidas pela coloração rosa dela, terminando no botãozinho superior. Lavonia visivelmente estremeceu, seus sons de delícia encheram o quarto.

— Agora você, Donnell — ela disse. Eu sei que você queria lambar minha vagina molhada também, não é? Ela acariciou o cabelo escuro com a mão.

— Oh sim — ele disse — Muito.

Lavonia mordeu o lábio e abriu a perna um pouco mais.

Maven viu quando Donnell começou a lambar a vagina carnuda da sua empregada e o desejo de se tocar cresceu mais intenso. Ela estava extremamente tentada, Lavonia a havia encorajado e ainda por algum motivo ela resistia à tentação.

— Oh, Ares, sim — Lavonia mordeu o lábio ferozmente enquanto Donnell banhava sua vagina.

Maven notou que a empregada começou a se mover, empurrando-se contra a boca de Donnell. Ela tinha os olhos fechados enquanto ele ampliava seus lábios ao redor do clitóris dela e pareceu chupá-lo com sofreguidão.

Os suspiros e gemidos de Lavonia viraram soluços e a vagina de Maven doía loucamente. Ainda mais quando Donnell ergueu a mão e empurrou dois dedos para a vagina de Lavonia um pouco mais abaixo de onde ele sugava.

— Oh, Ares! A empregada choramingou pela intrusão, o que chocou Maven mais do que tudo que ela tinha visto. Ela observou com surpresa que Donnell começou a deslizar os dedos para dentro e para fora da abertura até que um som molhado pôde ser ouvido apesar dos soluços quente de Lavonia.

— O que devo fazer? — Ragan disse, olhando angustiado por ter sido deixado de fora.

— Abra meu vestido — Lavonia disse asperamente — Massageie meus seios.

Quando Ragan inclinou-se sobre o braço da cadeira e começou a desfazer o amarrado, Lavonia olhou para Maven através de olhos semicerrados de paixão.

— Seus seios são outras grandes fontes de prazer — disse ela, falando pesadamente. Você tem seios adoráveis que eu tenho certeza que seu marido irá apreciá-los imensamente.

Quando ela terminou de falar, Ragan abriu o corpete do vestido para revelar os seios enormes que mais pareciam travesseiros macios com grandes mamilos salientes no centro.

As mãos de Ragan quase não podiam com eles, mas seu entusiasmo dirigiu gemidos um pouco mais fundos para Lavonia que acelerou os movimentos contra a boca insistente de Donnell.

— Oh sim, agora, chupe-os, menino querido — ela ronronou e quando ele se curvou para fazer o que ela tinha pedido, sua cabeça caiu para trás, fechando os olhos no que pareceu ser de puro prazer.

Não houve mais instruções de Lavonia, somente a visão dos dois belos jovens que trabalhavam suas bocas em lugares mais íntimos. Logo, Maven sentiu a crescente tensão familiar e em Lavonia cresceu absurdamente rápido até que ela estava gemendo, gemendo, em êxtase, tão alto que Maven suspeitou que todo mundo na fortaleza podia ouvir, mesmo através das paredes de pedra e, em seguida, um minuto depois, estava feito.

A voluptuosa mulher se calou e mesmo assim, continuou com um sorriso sensual enfeitando o rosto. Os garotos se afastaram lentamente, cada um com o olhar tenso de excitação, claramente esperando para ver o que viria a seguir.

Um minuto depois, quando Lavonia ainda não tinha falado, Ragan falou:

— Nós podemos possuir você, Lavonia?

A empregada estava de olhos abertos, um pequeno sorriso brincando sobre os lábios.

— Não, garotos, eu sinto muito. Basta para a nossa aula de hoje.

Os rostos de Ragan e Donnell pareciam decepcionados e Maven não podia negar que sentia uma decepção semelhante. Ela então quis saber o resto do que aconteceria com ela nas mãos do marido.

— Tem certeza de que não podemos continuar? Maven pediu humildemente.

Ela sentiu os olhares emocionados dos três rapazes, desta vez, todos eles surpresos.

O sorriso de Lavonia se agravou.

— Ah, minha doce Maven, você está ficando ansiosa, o que é bom. Mas nós fizemos o suficiente para a primeira noite de sua Orientação. E, além disso, eu estou muito cansada para continuar. Eu quero estar descansada e pronta para a nossa próxima lição. Então, vamos todos nos encontrarmos aqui. Nos aposentos de Maven amanhã ao anoitecer. Não se atrasem.

Dane se colocou entre Halsá e Hana, as curvilíneas filhas gêmeas de cabelos negros, de seu motorista-chefe, que hoje liderava a caravana para o sul em direção a Myrtell, região de Caralon, onde Enrick morava.

As lindas garotas se derramavam em beijos no seu pescoço, tórax e braços, enquanto as mãos macias acariciavam seu pênis e testículos.

— Eu quero isso dentro de mim — Halsá ronronou, seus olhos escuros brilhando para ele.

Ele sempre apreciara o entusiasmo das gêmeas, mas agora teve que dar a elas as mesmas notícias que ele dera às duas empregadas.

— Eu não posso possuir você, Halsá. Tampouco, você Hana.

A expressão de Hana endureceu enquanto o liberava de seu toque. Ele tinha esquecido quão exigentes as gêmeas podiam ser, algo que normalmente ele apreciava, mas hoje poderia ser um problema.

— Então por que você nos chamou aqui?

Ele riu para si mesmo. Ele não estava pensando claramente quando convocou estas duas em particular.

— Para isso — disse ele, apontando para baixo na sua nudez — E para isso — Empurrando o tecido fino do corpete de Hana para o lado ele deu um beijo em um seio redondo e cremoso.

— Não entendo! — respondeu Halsá.

Ele soltou um suspiro. Tinha sido muito mais fácil convencer às empregadas quanto a sua meta — Eu não posso gozar — ele disse simplesmente.

— Por que não? — Halsá acariciava seu pênis enquanto perguntava.

— Eu devo estar pronto para a Cerimônia de Entrega quando chegamos à fortaleza de Enrick — ele explicou.

Hana ainda pareceu agressiva.

— Porque nos possuir vai fazê-lo um pouco menos pronto?

Elas claramente não entenderam. Ele precisava estar em pleno estado de excitação quando a cerimônia ocorresse. Seu poder tinha de ser óbvio e seu pênis em sua forma mais majestosa.

— Eu prefiro não arriscar — disse ele. Casar com a filha de Enrick foi o primeiro passo para que ele viesse a governar Caralon um dia. Ele faria com que ninguém duvidasse de sua força, seja em qualquer área, quando ele tomasse posse da garota.

— Então você acha que é aceitável nos provocar e nos torturar e depois nos mandar embora? — Hana perguntou.

— Existem outros homens fora deste carro que tomariam alegremente o meu lugar entre as suas coxas.

Halsá suspirou, olhando distraída. — Nenhum homem pode tomar o seu lugar Dinamarquês!

Hana olhou respeitosamente para o pênis dele que se estendia até após o seu umbigo.

— É verdade, você tem o melhor pênis de toda a Caralon.

Ele riu levemente, voltando a morder os seios de Halsá onde seu corpete continuava aberto.

— Vocês já tentaram todos eles, não foi?

Hana divertidamente deu um tapa em seu braço e então se virou mais séria.

— Você ainda irá transar conosco posteriormente? Depois que você se casar?

Ele sabia que poderia, naturalmente. Um homem de poder poderia fazer qualquer coisa que quisesse ainda mais que este era um casamento de lucro e não de afeto.

Ele estaria dentro dos direitos dele para desfrutar da filha de Enrick quando sentisse desejo e também para tomar a seu bel prazer outras mulheres que desejasse também.

Mas sua decisão dependeria de sua noiva, Maven. Enrick havia descrito a garota como sendo bonita, mas forte e determinada. E se eles quisessem um ao outro, ele amaria nada além do que ser fiel a ela depois que se casassem. Ainda que Enrick o tivesse advertido que a personalidade dela poderia trabalhar contra ele também.

— Ela provavelmente não estará satisfeita com o acordo. Você tem uma reputação.

Ele apenas riu. Tinha trabalhado para ganhar aquela reputação, a certeza de que era temido e reverenciado. Então, ele não poderia culpar a primogênita de Enrick se ela não estava satisfeita com o acordo no início. Ele só esperava que ela chegasse a ver que, enquanto ela o mantivesse bem satisfeito, eles poderiam ter uma união feliz e pacífica.

— E então? — Halsá perguntou. Você irá?

Ele considerou mentir, mas decidiu-se pela honestidade em vez disso.

— Veremos.

Halsá faceiramente mordeu o lábio dando a seu pênis um aperto sensual.

— Acho que você não será capaz de resistir a nós, Dinamarquês — ela falou.

Hana lançou o mesmo olhar sedutor.

— A filha de Enrick pode ser a chave para o governo de Caralon, mas eu aposto que os seios dela não são tão firmes e redondos como os nossos. — ela os esfregou contra o braço dele.

— Ou que sua vagina não é tão molhada e faminta — Halsá disse, tomando mão dele e colocando-a sob a saia curta de pêlo que usava.

— Ou que seus lábios não serão tão bons em torno de seu pênis — Hana acrescentou e, com isso, ela ficou de joelhos, depois virou seu corpo de modo que sua cabeça descansava no quadril dele e sua bunda coberta de peles pairando perto do rosto.

— Você está tentado, amor? — Ela soprava na sua ereção enquanto falava.

Ele deixou um sorriso satisfeito tomar o seu rosto.

— Eu disse que não posso possuí-la, Hana. Não significa que você não possa usar os seus lábios encantadores em mim.

Com um último olhar predatório, Hana baixou sua boca suntuosa para a cabeça do pênis. Agora, isto era mais do que, ele pensou, olhando para ela em cima dele, um pouco de ciúme, era um pouco de desafio das gêmeas contra a sua noiva.

Hana começou a contorcer-se enquanto o chupava e finalmente levantou um joelho sobre a cabeça dele, no qual ele pôde sentir o seu cheiro. Deslizando as mãos pelas coxas dela, ele empurrou a saia para cima e contemplou sua vagina aberta sabendo que ela queria que ele lambesse.

Falando de desafios, este seria definitivamente um. Levá-la ao clímax, sem se deixar gozar. Mas ele se sentia mais forte do que quando esteve com Ráfia e Calla, talvez *por causa* de sua força com elas. Então ele acariciou o bumbum dela ligeiramente e em seguida, afundou a língua em sua carne úmida. Dentro de minutos, ela gemia em torno de seu pênis, contorcendo-se em cima de seu rosto, choramingando seu orgasmo. E apesar de tudo, Dane manteve a sua sanidade e impediu a sua semente de estourar livre.

— Agora é minha vez — disse Halsá quando sua irmã saiu de cima dele.

Ares! Ele tinha esquecido de alguma maneira que a outra gêmea estava lá. Mas ele não poderia se negar a ela, não é mesmo? Especialmente quando ela estava debruçada sobre

ele, chupando seu pênis em um ritmo lento e sensual que o fez se contorcer na boca dela. Quando ela se baixou para seu rosto, ele não teve escolha a não ser dar-lhe o mesmo tratamento.

Mesmo quando ele provava o sabor salgado dela, mesmo quando ela empregava um dos trabalhos mais qualificados de chupar que ele já tinha experimentado, ele manteve a sanidade pensando em Maven, doce, jovem e inocente. Maven, que estava tendo neste momento a Orientação dela. Ele esperou fervorosamente que sua jovem noiva estivesse prestando bastante atenção a suas aulas.

Sirva-me bem doce Maven e meu pênis pertencerá só a você.

Capítulo Quatro

Maven quase não dormiu aquela noite, muito ansiosa sobre as coisas que tinha visto e aprendido e o dia seguinte seria igualmente longo esperando o anoitecer. Ela temia fazer sexo com Dane de Rawley, mas pareceu que os eventos que ela testemunhara em seu quarto entre Lavonia e os três meninos fizeram seu corpo querer mais.

Quando a noite caiu, ela estava sentada no chão com as pernas abertas diante de um espelho. Estudando-se pela luz das velas situadas no quarto, ela achou que estava um pouco inchada e pensou que a área inteira estava cheia com uma nova e quase agonizante sensibilidade. *Se você desejar tocar a si mesma, sinta-se à vontade.*

Ainda perscrutando pelas sombras do espelho, olhando para onde estava aberta e rosada, ela ousou passar um dedo sobre a pequena protuberância que Lavonia chamou de clitóris. Seu corpo inteiro se sacudiu pela onda de prazer. Oh! — O que estava acontecendo com ela? Ela pensava que sua vagina havia queimado e formigado antes, mas não tinha sido nada comparado ao que ela sentiu agora. Como ela podia lidar com isso?

Então a batida de metal da porta soou. Depressa ela empurrou para baixo seu pequeno vestido de couro marrom e saltou em pé correndo para atender. Ela abriu a porta completamente esperando encontrar Lavonia do outro lado — mas em vez disso encontrou Donnell.

Esta noite seu cabelo não estava puxado para trás, mas solto como uma juba ao redor do rosto bonito. Seus olhos pareciam ver através dela, de um modo que ela sentiu diretamente em sua vulva.

— Você está pronta para a lição de hoje à noite, Maven?

O som da voz dele fez seus seios parecerem pesados. — Si... Sim.

Ela deu um passo para trás para permitir a entrada dele, mas ele só se moveu para mais perto. — Eu não devia dizer isto a você, mas eu vou.

Seu corpo ficou tenso. — O que?

— Eu quero você.

Ela vacilou e recuou, atordoada.

Mas os olhos dele se tornaram mais sensuais. — Eu estou louco para afundar meu pênis em sua vagina virgem, Maven.

— Você sabe que você não pode!

— Claro — ele disse — mas quando Lavonia escolheu que eu ajudasse em sua Orientação eu soube que isto seria o mais perto de você que eu viria, então eu decidi que faria com que você soubesse.

A vagina dela pareceu vacilar em baixo de seu vestido e ela esperava que ele não pudesse ver a resposta em seus olhos. — Que bem vai me fazer dizer isto?

O olhar dele era sensual e faminto. — Eu estava no corredor quando seu pai anunciou seu noivado. Eu vi como você reagiu — Eu sei que você tem medo de Dane de Rawley.

Qual era seu ponto? — E?

— E eu acabei de pensar... bem, talvez quando você for com ele e você estiver com medo, eu pensei que talvez... você podia pensar em mim.

Ela simplesmente olhou para ele, não compreendendo.

— Você pode imaginar que eu sou ele, que é meu pênis deslizando dentro de você, ou que sou eu lambendo sua adorável vagina. Eu pensei que poderia ser mais fácil para você. E se eu, ainda aqui na fortaleza, puder acreditar que você está fingindo que sou eu possuindo você, bem — seria uma honra.

Maven estava espantada. Mas ela não teve nenhum tempo para digerir as palavras em sua cabeça, nem mesmo para dar uma resposta antes de Lavonia adentrar pela porta com Ragan e Anglen em seus calcanhares. — Ah, bom, nós estamos todos aqui. — A mulher de seios grandes era praticamente incandescente, seus olhos se iluminaram de excitação. — Eu estou ansiosa para iniciar a lição desta noite, embora eu tema que esteja ficando cansada muito rapidamente.

— Lavonia, eu não quero fazer qualquer coisa que você não queira. Existem seguramente outros caminhos para me orientar.

Mas a empregada já estava agitando sua cabeça. — Não, não, nem mais uma palavra. Nós devemos seguir meu plano original.

— Mas...

Lavonia sorriu. — Eu faria qualquer coisa para você Maven e isso inclui eu mesma ser possuída por estes três homens jovens e adoráveis.

E então começou.

— Tome seu lugar na sua cama, minha querida, e fique confortável como ontem à noite — sua empregada instruiu. — Prepare-se para aprender a maior diversão sexual.

Maven fez como Lavonia instruiu, o tempo todo crescendo mais e mais o aquecimento em baixo do seu vestido de couro. Ela permaneceu chocada pela declaração de Donnell, sem mencionar sua sugestão — estava começando a absorver o que tinha acontecido, mas não podia negar que isso a atraía. Ela não tinha nenhuma escolha em casar com Dane de Rawley e provavelmente nenhuma escolha em dormir com ele, nenhuma alternativa — mas se o homem fosse verdadeiramente tão insuportável quanto ela esperava, talvez aliviasse seu desgosto um pouco sentir os olhos azuis penetrantes de Donnell.

Só então, Lavonia passou a se desfazer das calças dele e, segundos depois, o pênis de Donnell estalou livre — como se tivesse uma vida própria. Maven tremeu e esperou que ninguém notasse. Mas quando ela olhou para cima, ela encontrou Donnell e seu olhar quente sobre ela, até quando Lavonia começou a afagar seu membro encolhido. Maven não sabia se olhava para seus olhos ou para o pólo furioso que se sobressaía do punho da sua empregada, finalmente concordou com o último pensamento, não foi capaz de evitar. Oh, mas ela estava ficando tão excitada!

— Isto — Lavonia amorosamente disse, tratando com desprezo a barra dura em sua mão — é uma ereção.

Maven soltou a respiração, não havia percebido que a estava segurando. — Eu pensei que era um pênis.

Lavonia riu e Donnell pareceu divertido também — embora ele só oferecesse um pequeno sorriso. — Quando o pênis está grande e duro, — Lavonia explicou, — é chamado de ereção. Porque, como você pode vê, ele se ergue.

Maven estava confusa. — Às vezes não permanece... Erguido?

Lavonia olhou para os outros dois meninos. — Um de vocês ainda está *adormecido*?
Os dois balançaram suas cabeças, deixando fazer suspirar.

— Bem, a principal coisa que você precisa lembrar é que quando o pênis estiver grande e duro, quer dizer que o homem está pronto para transar. — A seta de Donnell ainda era ligeiramente afagada, ela olhou para os outros dois novamente. — Retirem seus pênis de forma que Maven possa estudá-los.

Anglen e Ragan correram para obedecer a sua ordem, virando-se para enfrentar Maven, e Lavonia moveu Donnell de forma que ele pudesse ficar de frente para ela também.

O coração disparado de Maven bateu ainda mais em seu peito quando ela baixou seus olhos para os três membros. Eles eram ao mesmo tempo intimidantes e bonitos, completamente assustadores, mas incrivelmente excitantes. Estava chocada em descobrir que todo macho que ela conhecia estava caminhando por aí com um destes! E até que ela pensou que deve ser estranho viver com tal parte do corpo pendurada entre as pernas, mas também se encontrou querendo conhecer muito mais intimamente.

Ela tinha visto o pênis de Anglen loiro-cabeludo à noite passada, mas o estudou mais atentamente agora. Espesso e robusto, parecia bastante com um toco, mas de uma maneira melhor. O de Ragan era ligeiramente maior que o de Anglen e mais rosado também, com uma curvatura leve — parecia um arco em cima em seu abdômen. O pênis de Donnell era o maior dos três, claramente um instrumento mais proibido e Maven podia sentir seu olhar queimando nela enquanto analisava sua ereção.

Ela não pôde deixar de notar que Lavonia também parecia embevecida. — Eu gostaria muito de começar com você, — a empregada disse humilde, talvez mais para ela mesma que para qualquer outro, — mas por causa de Maven, eu devo começar com Ragan.

Maven não sabia o porquê de ela ter que fazer isso, por que ela se importaria qual menino Lavonia usaria para sua primeira demonstração, mas ficou quieta, simplesmente observando a cena. De pé, no meio dos três homens jovens e de suas ereções salientes, Lavonia removeu sua túnica escura de couro e ficou nua. Seus enormes seios e quadris eram largos e carnudos, cheios de curvas. Com os meninos observando, ela deslizou suas mãos grandes pelos seios, beliscando seus mamilos consideráveis antes de deixar os dedos de uma de suas mãos se mergulharem entre suas coxas.

— Oh, eu estou molhada por vocês, — ela disse para os meninos, que pareceram emitir um gemido baixo e coletivo pelo anúncio.

Indo novamente para a mesma cadeira da noite anterior, ela abriu as pernas. Mas em vez de chamar Ragan, ela separou a carne macia de sua vagina e disse para Maven — Você vê a abertura? Aqui é onde o pênis entra em você.

Maven viu e fez que sim com um gesto, mas ela não acreditou que quaisquer dos meninos pudessem encaixar em tal lugar.

Só então, Lavonia chamou Ragan para ela. — Possua-me por nossa doce Maven, — ela disse para ele com um sorriso sensual. — Mas entre devagar, de forma que eu sinta cada centímetro adorável e de forma que ela possa ver como meu corpo toma seu pênis.

Maven prendeu sua respiração quando a escura cabeleira de pele oliva ajoelhou-se entre as coxas de Lavonia. Ela viu com a respiração suspensa ele segurar sua ereção e erguer a ponta em direção a Lavonia, vislumbrando sua molhada vagina.

— Você pode ver? — Lavonia perguntou.

Maven podia apenas balbuciar a pequena palavra. — S... Sim.

— Ótimo. — A empregada moveu sua atenção para Ragan. — Agora venha, coloque em mim, menino querido.

O estômago de Maven se contraiu quando ela assistiu Ragan deslizar seu pênis duro na pequena abertura de Lavonia. — Mmmmm, ohhhh, Siiimmm, — a mulher mais velha ronronou até que todo o comprimento fosse escondido em sua vagina. Maven não podia acreditar na facilidade com que a longa barra entrou! A visão daquilo tanto fez seu próprio sexo zumbir com interesse, quanto seus mamilos excitados se apertarem contra seu vestido de couro, aumentando suas sensações exaltadas.

— Oh, bom menino, — Lavonia disse, com sua voz baixa e gutural. — Agora você pode se mover, mas lentamente.

Firmando seus braços nos lados da cadeira, Ragan começou a deslizar sua ferramenta para dentro e para fora. A vagina de Maven doía e tremia em baixo de seu vestido.

— Isso mesmo, — Lavonia arrulhou. — Bom e lento. Você está prestando atenção, Maven?

Ela estava um pouco envergonhada para admitir, mas... — Sim, — ela disse.

— Ótimo. O que você está para assistir é um suave e gentil tipo de sexo. Macio. Fácil. Sim, Ragan, meu menino adorável, assim. — Sua voz era mais um sussurro sensual, ainda assim de alguma maneira encheu o quarto. Todos os olhos estavam enfocados no pênis que deslizava dentro e fora da vagina de Lavonia. — Você tem algumas perguntas? — Ela perguntou a Maven.

Ares, ela tinha! Mas como ela podia fazer suas questões, aqui, agora, na frente dos meninos?

— Muito bom não é meu querido?

Ela respirou com dificuldade. Aquilo era sua Orientação, então se ela tivesse uma pergunta, ela devia fazer. — Como... o pênis entra tão fácil?

Lavonia respondeu entre suspiros de prazer. — O corpo da mulher é criado para isto.

— Como... como sente?

Lavonia lançou uma rouca risada quando a ferramenta longa continuou seus passeios lentos dentro e fora de sua profundidade. — Parece... quente. Delicioso. Empolgante.

— Então... ele não machuca. Não é uma coisa para ser temida. — Ela ansiou pela confirmação, claramente.

Neste momento, Lavonia olhou para ela. Ela soube que sua empregada entendeu o que ela estava pensando sobre Dane e os murmúrios tenebrosos de que aquelas mulheres não eram seguras com ele. — Eu não mentirei. Às vezes ele machuca a princípio. E às vezes um pênis particularmente grande pode trazer dor, mas em troca, às vezes grandes pênis oferecem encantos profundos. Por mais e por menos, sexo é puro prazer, Maven.

Maven estava ciente que sua respiração crescia pesadamente e com dificuldade, quando ela continuou a assistir o ato sexual, tentando pensar em suas preocupações. Eram os grandes pênis bons ou ruins? Lavonia não acabou de dar ambas as respostas para aquela pergunta? E se o de Dane for muito grande? Maven olhou para a ereção de Donnell, ainda vermelho com a cabeça que cintilava com um ponto de umidade.

— Um grande é prazeroso? Ou doloroso? Qual deles? — Ela perguntou, olhando de volta para Lavonia, que agora mordia seu lábio, assistindo a curvada ereção de Ragan deslizar-se para dentro e para fora. O próprio sexo de Maven continuou a pulsar gentilmente.

Lavonia soltou outra de suas risadas exasperantes. — Eu sinto muito se isto está confuso para você, me deixe responder com uma demonstração. — Com isto, ela ergueu o olhar para o rosto de Ragan, então agarrou seus quadris magros e suavemente o empurrou para fora. — Afaste-se agora. — Ela então apontou para Anglen, pedindo para ele se aproximar mais, com um sorriso endiabrado. — Você vê a largura do pênis de Anglen aqui, — ela disse para Maven sem tirar seus olhos do homem jovem quando ele se ajoelhou diante da cadeira.

— Sim, — Maven disse. Como ela havia notado antes, era mais espesso que o de Ragan.

— Veja como facilmente minha vulva o aceita, apesar de ser tão arredondado.

Verdadeiras palavras de Lavonia, o largo pênis não teve nenhuma dificuldade em entrar, embora Lavonia soltasse um gemido fundo e gutural quando Anglen se impulsionou dentro dela.

Maven nervosamente ofegou. — Isso é... prazer, não dor?

Lavonia pareceu exausta de paixão, mas ainda administrou uma risada. — Mmm, sim, querida. Prazer incrível. Agora me possua Anglen, — ela disse, erguendo o olhar para ele. — Lento a princípio, depois acelere. Nós devemos mostrar a Maven os vários modos da penetração.

Como Ragan fizera, Anglen começou a mover sua seta espessa dentro e fora da abertura molhada de Lavonia. Maven ficou boquiaberta em como aquela abertura se alargou para ele. Logo, ele fez como Lavonia pediu, aumentando as estocadas, fazendo Lavonia lançar gritos rápidos e baixos.

Na cama, a vagina de Maven pareceu tremer com todo aquele passeio de Anglen. Ela sentiu faltar sua respiração e seus seios ficarem doloridos. Estava agonizando. *Toque-se se você sentir desejo.* Mas não. Ela não podia. Ela ainda se segurou com a noção de que o que ocorresse entre suas pernas era um assunto para ser decidido sozinha. Ela não tinha a menor idéia por que se sentia daquela forma — Ares! Sabia que Lavonia não era tão tímida — ainda quieta ela deixou que suas apreensões a guiassem.

Anglen continuou a possuir Lavonia até que ela estivesse rangendo os dentes de prazer, gemendo a palavra, — Sim, — a cada estocada. O calor que emanava deles encheu o quarto — o rosto de Maven ficou tão acalorado quanto o resto de seu corpo, sua pele parecendo ferver de desejo. Ela logo ficou perdida em sua paixão, apenas ciente que Ragan aguardava acariciando seu próprio membro, ainda umedecido com os sucos de Lavonia, ou que Donnell a estudava enquanto ela assistia ao sexo que acontecia em seus aposentos.

Por isso, foi chocante para todos eles - Maven pensou - quando Lavonia disse — É o suficiente, — reduzindo drasticamente sua voz pela luxúria espessa. Maven vacilou — como fez Ragan. Anglen soltou um gemido baixo de protesto. Lavonia tentou confortá-lo erguendo uma mão para acariciar seu cabelo loiro arenoso. — Não se preocupe. Eu não

deixarei nenhum de vocês com vontade, isto eu prometo. Hoje à noite todos nós encontraremos nosso prazer em completar a educação de Maven.

— Mas — ele protestou, empurrando mais uma vez dentro dela.

— Não. — Ela o empurrou de volta. — É a vez de Donnell agora.

Anglen claramente não teve nenhuma escolha a não ser consentir e então Donnell prontamente tomou seu lugar, seu aquecido olhar preso a Maven mais uma vez.

— Olhe para este pênis grande, Maven, — Lavonia instruiu. Os olhos da empregada estavam cheios de encanto quando ela afundou o olhar para a seta proeminente.

E, oh, Maven estava olhando, com certeza. Ela podia ver até mais claramente agora o quanto maior ele era do que os outros meninos.

— Quando você vir o quanto eu gosto disso, doce menina, você saberá que não precisa temer um bom e grande como este aqui. — Ela moveu o olhar para o rosto de Donnell. — Deixe-me tê-lo dentro de mim.

Saltando para seus joelhos, ele tomou o pênis na mão. Quando ele guiou a cabeça em direção a vagina de Lavonia, Maven ficou aturdida. Como Lavonia tomaria uma ereção tão grande? Quando ele cutucou a ponta contra sua abertura, pareceu... impossível. Algumas coisas simplesmente não foram feitas para se juntarem.

Ela segurou sua respiração mais uma vez quando ele começou a empurrar e segurou ainda mais quando percebeu que o pênis enorme estava começando a afundar, entrando na passagem que parecia tão pequena. Lavonia silvou com prazer quente quando ele entrava mais e mais fundo, e Maven se pegou arranhando seus dedos no cobertor de tecido fino em que ela se sentava — Oh! Mas ele era uma visão surpreendente.

— Mmm, olhe para o tamanho dele, — Lavonia disse em um suspiro — e saiba que eu estou profundamente cheia de prazer.

Ondas de choque, maravilha e talvez até inveja, passaram por Maven, finalmente convergindo em sua vagina.

— Agora, meu menino bonito, — a empregada instruiu brandamente, — mostre a nossa adorável Maven como penetrar forte e rápido. Faça-me gritar.

Donnell estava concentrado em sua tarefa, mas agora parou para lançar a Maven outro olhar que enviou uma nova onda de ansiedade para seu sexo que devia estar encharcado agora. Retornando o olhar sensual dele, ela mordeu o lábio, então moveu os olhos mais para baixo, para onde seu corpo se juntava ao de Lavonia. Achou um modo de dizer — Sim, mostre a mim!

Retirando-se ligeiramente, Donnell entrou forte em Lavonia, realmente fazendo-a gritar.

— Assim? — Ele perguntou e seus olhos aquecidos agora em Lavonia.

— Sim. Mas não pare.

Quando Donnell começou a enterrar seu grande pênis em Lavonia novamente, os gritos agudos exalados pela empregada deixaram Maven espantada, que prazer era esse? Mas talvez fosse, porque sabia que ela estava excitada — quanto a ela estava mais molhada, gotejando a todo segundo, doendo por algum tipo de estimulação.

— Sim! Sim! Sim! — Lavonia gritou e do mesmo modo da noite passada, Maven perguntou-se se a casa inteira podia ouvir a Orientação acontecendo.

— Ragan, — Lavonia disse quando os golpes ásperos de Donnell aliviaram ligeiramente, — venha, deixe-me chupar você.

Ragan feliz tirou o pênis de sua mão e apressou-se para o lado de Lavonia. Ela não desperdiçou nenhum tempo, embrulhou um punho ao redor do seu comprimento e o puxando avidamente para sua boca. O pulsar na vagina de Maven cresceu mais intensamente quando ela observou Lavonia levar dois pênis duros em seu corpo de uma vez. Ela nunca teria sonhado com tal coisa, mas Lavonia pareceu fenomenalmente prazerosa quando gemeu ao redor da seta de Ragan.

— Que tal eu? O que eu devo fazer? — Anglen perguntou.

Tirando Ragan um pouco de seus lábios, Lavonia suavemente disse: — Você está certo — não é justo deixar você de lado. Você pode vir para o meu outro lado e eu vou revezar com vocês dois.

Maven mal entendeu como ela podia se tornar até mais excitada e ainda que Lavonia avidamente tomasse Anglen ao redor de seus lábios enquanto ainda acariciava ritmicamente Ragan — tudo enquanto Donnell a penetrava. Maven sentia-se cada vez mais inchada.

Enquanto Lavonia alternava sua atenção de um pênis ao outro, Ragan e Anglen acariciavam seus seios fartos. Quando a intensidade dos gemidos da empregada aumentou, Maven não soube se foi por ser acariciada, ou pelas ações de sua boca, ou por Donnell bombeando o pênis nela, que ela ainda não achava que devia encaixar na vagina de qualquer mulher. Porém, quando a mão de Ragan deixou o seio rechonchudo de Lavonia, a moveu pelo estômago dela, passando por seus pelos púbicos e em sua fenda ardente, ficou claro que os soluços que a alcançaram foram causados por aquele estímulo adicional — seu clitóris.

Toque-se se você sentir desejo.

Oh, Maven sentiu o desejo. De alguma maneira, observar Lavonia ser tocada naquele lugar especial onde doía nela mesma sua frustração ficou até pior.

E ela não podia negar mais.

Quase sem pensar ou decidir, Maven fechou seus dedos em torno da bainha de seu vestido e o ergueu, mais e mais alto até que o couro suave descansou ao redor de seus quadris. Ainda animada pela intensidade da lição que acontecia, ela afundou os dedos em sua faminta vagina. O alívio imediato a envolveu. Ela estava tão molhada! Tão quente! Oh, sim! Ela instintivamente achou seu clitóris — a protuberância lhe pareceu enorme quando a acariciou com as pontas dos dedos. Ela moveu seu olhar de Lavonia para ela mesma, para seus dedos úmidos no pequeno botão de prazer que agora ela conhecia pelo nome. Então ela ergueu o olhar de volta para a lição para encontrar os olhos de Donnell presos nela.

Ela quis desviar o olhar, mas não conseguiu. Prendeu-se à expressão luxuriosa dele, o pênis enorme batendo em Lavonia e a transpiração em seu rosto. Ela podia apenas respirar, seus seios subiam e desciam, sua vagina pulsava pelas carícias de seus dedos. Sim, sim, ela estava pegando o jeito agora, talvez porque estivesse tão guiada pela excitação, nem mesmo pensando sobre o que aconteceria a seguir, só se empurrando mais e mais fundo na agonia de paixão — com seus olhos, com seus dedos. Oh sim!

Lavonia resistiu mais forte contra o pênis e os dedos de Donnell e Ragan. Ela não chupava mais Ragan e Anglen, mas continuava a afagar ambos com suas mãos. — Oh, oh... — ela soluçou, seus gritos empreendendo um desesperado som, mais alto ainda. — Oh, oh, oh—

— E então sua voz foi subindo, mais alto, mais alto, — Oh, oh, — até que ela soltou um grito agudo que não podia ser nada além de prazer. Ela bombeou sua vagina mais dura e fortemente contra a ereção de Donnell, gemendo repetidas vezes.

E no meio dessa maravilha e prazer, Maven percebeu que algo dentro dela também estava subindo, muito — como a voz de Lavonia — mais alto, como se alcançando o cume de alguma impossível montanha alta, e então... oh!

Ela ofegou com espasmos de prazer que irradiavam por sua vagina e os próximos gritos de prazer que ela ouviu foram dela própria, tocando alto e despreocupado pelo aposento. Oh, que surpreendente! O thrum, thrum, thrum de sua carne inchada pareceu bater tão alto quanto seu coração fez contra suas costelas.

Quando as sensações atordoantes começaram a diminuir a velocidade até finalmente cessarem, Maven escutou, chocada, sua própria e difícil respiração. O que acabou de acontecer? Claramente a mesma coisa que aconteceu para Lavonia, mas o que foi isso?

Maven piscou, percebendo que a lição estava ainda acontecendo. Embora os gritos de paixão de Lavonia tivessem se aquietado, suas mãos e sua vagina ainda trabalhavam em todos os três pênis com um entusiasmo selvagem. Só agora, ao que parece, os jovens homens começaram a grunhir e gemer.

— Eu não posso agüentar muito mais, — Donnell disse por entre dentes.

— Então venha, goze! — Lavonia disse, ela falava de forma sedutora. — Em mim, — ela adicionou. — Assim Maven pode ver.

Claramente, o prazer de Donnell estava crescendo da mesma maneira que o seu próprio havia crescido - Maven pensou quando ela o estudou. O prazer de Ragan e Anglen também parecia mais elevado, com Lavonia os acariciando.

Finalmente, Donnell se retirou, tomou seu pênis molhado na mão e o apontou em direção ao ventre de Lavonia. Ele bombeou seu membro uma vez, duas vezes e então soltou o gemido mais profundo que Maven já ouvira, então um tiro de fluido branco originou-se da ponta de sua ereção, respingando na barriga suave de Lavonia enquanto a empregada emitia outro suspiro de puro encanto.

Maven mal havia se recuperado da tombada montanha de paixão e não pôde entender o que estava vendo. O que acabou de acontecer a Donnell?

Então naquele momento, Ragan gemeu e três jatos do mesmo líquido branco pulverizaram através dos seios de Lavonia e — oh! — Anglen estourou também, seu fluido jateou em uma linha direta através dos seios e das costelas dela.

Maven só podia assistir, boquiaberta.

Um momento mais tarde, quando os três meninos pareceram se recuperar da excitação, Lavonia soltou uma respiração pesada. — Como eu suspeitei, eu estou completamente exausta. — Ela olhou em volta, fazendo contato com cada jovem. — Mas também completamente satisfeita. Vocês trabalharam bem esta noite, meninos queridos. — Por ultimo, ela olhou para Maven. — Você também, — ela disse com uma piscada.

Maven reconheceu imediatamente que sua empregada estava se referindo a não se importar com o evento que ela provocou com seu louco afagar de dedos. — O que foi aquilo?

Lavonia sorriu. — Um orgasmo. O ápice do prazer sexual. Você terá muito, minha querida, e freqüentemente.

Maven alargou o olhar. Aquilo poderia acontecer freqüentemente? Ela podia fazer isso?

Bem, sim, recordando agora, talvez ela pudesse.

Com o lábio, ela acenou em direção ao fluido branco decorando o peito e as costelas de Lavonia. — E o que é isso?

— A semente deles. Eles a dispararam quando gozam.

— Gozam?

Lavonia parecia tão cansada que só soltou um suspiro longo. — Amanhã à noite será para perguntas, Maven, só você e eu. No momento, descanse e sonhe com o prazer que você aprendeu. Amanhã a sua Orientação será completa, e então — então você será entregue ao seu novo marido.

O coração de Maven afundou com as últimas palavras de Lavonia, seu medo brevemente esquecido voltou a importunar. Oh, ela ia se casar com Dane de Rawley! Ia tomar seu pênis em sua vagina e em sua boca! Ares ajude-me!

Ela se sentou muda, triste e atordoada quando Lavonia se vestiu e andou pelo aposento apagando as velas enquanto os meninos erguiam suas calças de couro. Quando eles todos se moveram em direção à porta para partir, Maven olhou até ver Donnell olhá-la pela última vez com desejo em seus olhos antes de sair.

Sim — ela pensou — talvez eu deva pensar no bonito Donnell e seu pênis grande e adorável quando eu for forçada a dormir com Dane. Talvez isso ajude. Ainda assim, um calafrio de medo correu por ela quando ela rastejou para baixo do cobertor de tecido fino e apagou a vela próxima de sua cama.

Capítulo Cinco

Dane estava ficando cansado do jogo cruel a que ele mesmo se impôs. Mais de uma vez, ele tinha tentado esquecer seu voto e agarrar a fêmea mais próxima e disposta a fim de ter algum alívio. Mais vezes do que ele poderia contar, ele mesmo considerou fazer esse trabalho.

Mas se um homem não pode controlar-se sexualmente, ele poderia controlar alguma coisa? Ele determinou não se aliviar até a sua noite de núpcias. Para o bem dele, durante a Cerimônia de Entrega e para o bem de sua jovem esposa na véspera do casamento.

Sua caravana parou cedo para acampar naquela noite, sabendo que a fortaleza de Enrick não estava longe agora. Dane foi para uma longa mesa de madeira preparada para ele e seus homens, ele cordialmente apreciou o guisado que seus cozinheiros prepararam, bem como a conversa com seus empregados.

Em frente a ele sentou-se Kells, seu melhor amigo e comandante de seu exército, quem ele tirou do cargo de aduaneiro para viajar com ele. Dane sorriu para seu amigo:

— Você só tem olhos para a menina de branco, não é? — Ele perguntou e viu seu amigo olhar para uma bela loira em um vestido de couro branco que carregava estranhos cobertores das barracas que estavam sendo erguidas ao redor deles. Ele não sabia seu nome — ela era uma nova empregada em sua fortaleza — mas com certeza era graciosa.

Kells respondeu com uma gargalhada cordial, balançando uma massa de cabelo castanho claro que caía por seus ombros. — Lonya manteve meu pênis no limite desde o início da jornada.

— Lonya? Então você já a conheceu?

— Não, realmente. Eu simplesmente perguntei por aí para saber o nome dela.

— Eu posso perguntar por que não? Você não é tímido com as mulheres.

Kells deu uma pequena sacudida de cabeça. — Uma aberração, eu suponho. — Ele olhou para Lonya mais uma vez. — A beleza dela... Faz-me um pouco fraco e com medo.

Dane não pôde deixar de rir. — O grande guerreiro poderoso, Kells de Rawley, com medo de se aproximar de uma linda menina? — eu nunca pensei que veria esse dia.

— Assim como eu nunca pensei que veria o dia em que o grande e temido Dane teria uma noiva virgem e inexperiente. — Dane era conhecido por apreciar as mulheres que foram devidamente qualificadas nas formas do sexo, então ele entendeu a observação de Kells e apenas sorriu.

— A filha primogênita de Enrick, Regente de Caralon, é um prêmio que vale a pena um pouco de sacrifício. As meninas têm a sua orientação real. E se isso não treiná-la suficientemente bem, vou ficar feliz em assumir a tarefa. — Pausando, olhou ao redor para encontrar o objeto de afeto do seu amigo. — Agora, eu proponho que você termine o seu vinho e depois use seu encanto nessa linda loira.

Mas, para surpresa de Dane, Kells balançou a cabeça suavemente, aparentemente ainda muito tímido para aproximar-se dela. Bem - Dane pensou - ele pode não ser capaz de transar com as bonitas meninas da caravana, mas isso não significa que Kells não possa—ou

que não vá. — Junte-se a mim em minha barraca após a refeição, então. — ele disse para seu amigo. — Eu quero falar com você sobre algumas questões a respeito do casamento.

* * * * *

Dane estava sentado na sua tenda recém construída à luz das velas que iluminavam o espaço, quando uma sombra foi suavemente desenhada. A adorável Lonya espiou do lado de dentro, seus olhos azuis largos.

— Você me chamou, senhor? — Ele não era tecnicamente um senhor para aqueles que empregava, mas os seus trabalhadores, muitas vezes se dirigiam a ele desse modo, ansiosos para agradar e ele não podia negar que a sua estratégia conseguia despertar nele o conhecimento do poder que tinha idealizado. Ele soube que devido ao seu trabalho na sua propriedade tornou-se muito procurado devido à situação de Rawley — que ele pagava bem, era um empregador fiel e tratava a maioria dos empregados como membros de sua casa, guardando respeito pela região. Agora que ele estava se casando com a filha do grande regente de Caralon, essa relação de respeito se multiplicaria por dez.

— Entre — ele disse para a delicada loira, cuja pele estava bronzeada pelos dias de viagem.

Quando ela entrou, ele percebeu que ela tinha mudado para um vestido mais provocante. Só os ricos podiam pagar a seda feita pelos bichos e que era fiada nas fazendas, mas o traje de couro fino ainda exibia seu corpo com uma grande vantagem, com um amplo decote e a barra no alto de suas coxas.

— Você me deseja para lhe proporcionar prazer, senhor? — Ela perguntou, e antes que ele pudesse responder, caiu de joelhos na grama em frente a ele, claramente disposta a desfazê-lo de suas calças.

Ele sorriu. — Não a mim, Lonya. — Não que ela não estivesse tentadora. Mas ele não achou que poderia suportar os afetos de uma mulher, neste momento — A Cerimônia de Entrega estava muito perto e sua excitação também estava no limite. — Eu desejo que você proporcione prazer a Kells, o líder de meu exército. Você sabe quem é ele?

Os olhos da menina se alargaram. — Ah sim. Ele é um homem muito bonito!

— Ele vai se juntar a nós em breve. Talvez você deva tirar o seu vestido enquanto esperamos.

Lonya não hesitou em agarrar a bainha de seu vestido e retirá-lo sobre a cabeça, revelando seios firmes e suaves, quadris arredondados e um tufo de cabelo castanho claro protegendo sua vagina. Ela virou-se para a abertura da barraca, claramente à espera de Kells, mas um minuto depois olhou por cima do ombro. — Você deseja que eu o faça aqui?

Dane assentiu. — Eu quero assistir.

Ela mordeu os lábios enquanto seus olhos brilhavam com a compreensão.

— Vou apreciar a sua presença, Senhor.

Então quando ela se voltou para a tenda de retalhos, Kells entrou no local escuro. Ele parou perto de Lonya encontrando-a ajoelhada e nua diante dele. Ele visivelmente conteve o fôlego antes de deslocar o olhar para Dane, que descansava confortavelmente em uma cadeira atrás dela. — Você é muito intrometido.

Dane apenas sorriu. — E ela está muito ansiosa, meu amigo.

Kells voltou seu olhar para a pele ligeiramente bronzada da menina ante ele e falou baixinho. — Isto é verdade? Você me deseja?

Ela deu um aceno entusiasmado. — Ah sim, comandante. — Então, ela baixou seus olhos para a considerável protuberância dentro de suas calças. — Ah sim.

Um sorriso lento cresceu no rosto de Kells. — Muito bem, então. Terá o seu momento comigo.

Dane se recostou e viu quando a menina nua levantou-se para começar a trabalhar nas calças de Kells. Em segundos, o pênis dele estava livre. Eles já tinham compartilhado mulheres antes, então Dane não ficou surpreso ao ver que o pênis de Kells era quase tão grande quanto o seu.

Com ávida determinação, Lonya começou a saborear sua haste, levando-a em sua boca quando Kells gemeu. Por um momento, Dane lamentou não ter percebido Lonya antes — mas então se lembrou que logo teria uma esposa e ela esperançosamente seria ávida da mesma forma como a loira, que agora se ajoelhava com o traseiro redondo em direção a ele. Desde que sua noiva tivesse fome de sexo como ele, eles estariam bem.

Depois de direcionar suas carícias para o pênis de Kells por alguns intensos minutos, Lonya levou-o ao chão junto com ela, ajeitando-se sobre a grama. A excitação de Dane cresceu quando ela escarranchou-se sobre os quadris do seu amigo, então lentamente desceu sobre seu longo e duro pênis. O profundo gemido de Kells conseguiu endurecer Dane até que ele se tocou ligeiramente através do couro.

Ela passeava suas mãos no tonificado abdômen de Kells, contorcendo-se em círculos sensuais, liberando um ronronar que pareceu envolver o pênis oculto de Dane. Kells ergueu suas mãos para a cintura dela, ajudando-a a se mover, então, as levantou para os lindos seios rosados. Juntos, os seus gemidos encheram a tenda de Dane e ele ficou feliz por ter o bom senso de não convocar uma mulher para ele àquela noite, apenas assistir já foi tortura suficiente.

Logo os movimentos de Lonya ficaram mais ásperos, mais animalescos, seus seios saltavam enquanto ela cavalgava em Kells. Os gritos aumentaram e tornaram-se mais intensos, assim como os grunhidos de prazer.

— Oh, agora! — Lonya gemeu. — Agora! — Dane viu seu bonito rosto contorcer-se na alegre agonia do orgasmo quando Kells bombeou forte nela. Ela mal tinha se acalmado quando foi a vez de Kells — O amigo de Dane empurrou ainda mais urgente na linda menina, ambos gemendo e forçando-se um contra o outro, entretanto, Dane forçou-se a parar de acariciar seu pênis, a coisa condenável começava a entrar em erupção de qualquer maneira.

Pense em Maven. Salve-se para ela.

Pense em Enrick e Caralon. Salve-se para a Cerimônia de Entrega.

Ele deu um suspiro de alívio enquanto trabalhava em apelos mudos.

Sim, o controle abençoado era dele. Controle de todas as coisas. Ou pelo menos ele controlaria todas as coisas um dia. Tinha tomado o controle de Rawley, depois ele garantiu o norte inteiro da fronteira de Caralon. Agora, depois de seus esforços dos últimos dias, sentiu-se supremo com controle maior sobre o seu corpo. Em seguida viria Maven. E mais tarde, todos de Caralon.

Abaixo dele na grama, Kells suavemente apertou seus dedos polegares nos mamilos tensos de Lonya enquanto ela sorria para ele. — Venha para a minha tenda esta noite— Kells disse a ela.

— O prazer é meu comandante — ela falou em resposta.

Momentos depois, o casal partiu da barraca de Dane de mãos dadas. Kells olhou para trás por sobre seu ombro — Você pode ser implacável e temido, Dane, mas também é um bom amigo.

Depois de terem ido, Dane levantou-se e caminhou para fora da tenda. Ele precisava de uma distração de qualquer tipo para acalmar seu pênis, o suficiente para que ele pudesse dormir porque o dia seguinte seria o mais importante de sua vida.

Como se Ares quisesse pontuar seu pensamento, a primeira vista que seus olhos encontraram quando ele deixou a tenda foi a fortaleza ao longe, iluminada por tochas. O castelo de Enrick. O forte incandescente de pedra e madeira parecia dizer que estava ainda mais perto do que ele tinha percebido, mais perto ainda para reivindicar tudo o que ele queria.

* * * * *

— Tire suas roupas — Lavonia disse.

Olhando para a tina, o artefato mais querido e valioso de sua mãe que tinha sido posto em seu quarto mais cedo, Maven despiu o vestido de seda com que havia dormido.

Lavonia esvaziou outro jarro de água quente na tina, dizendo: - É um banho encantador para uma noiva - Maven jogou o vestido rosa pálido que cobria sua pele na cama e caminhou em direção à tina, só para ouvir Lavonia dizer, —Tut, Tut, Tut—ainda não.

Maven olhou para sua empregada, que estava nua, pronta para subir na tina.

— Por que não?

Lavonia pegou um recipiente feito de vidro antigo e caro.

Maven viu um tipo de pasta azul do lado de dentro. —O que é isto?

— Venha aqui — Lavonia disse, sentando-se na mesma cadeira que ela ocupara nas prévias sessões de orientação.

Quando Maven se aproximou, sua empregada retirou a tampa do recipiente e inseriu os dedos. Ela estendeu a mão com pasta na coxa de Maven sem aviso prévio.

— O que é isto?— Maven perguntou de novo, vacilando.

— Não tenha medo.— Lavonia pegou mais pasta e continuou a espalhar uniformemente sobre todo o comprimento da perna de Maven. — Isso vai remover o pêlo do corpo.

Maven nunca ouviu falar de tal coisa e franziu a testa. — Por que?

— Os homens gostam de sentir a pele lisa — Lavonia disse, espalhando a pasta pelo tornozelo de Maven e em seguida levantou o olhar. —Não olhe tão azeda que você é honrada por ter esta mistura especial que é muito cara e só os ricos podem pagar. Até recentemente, só a realeza utilizava, mas eu suspeito que um homem tão rico quanto Dane comprará uma provisão para você também. É certamente um luxo que eu nunca soube.

Dane—ugh! Por que todos tinham o objetivo de lembrá-la dele? Todos os dias, em todos os lugares que ela ia, suas irmãs, sua mãe, até os empregados, dizendo quem era este Dane, Dane o nome do homem que parecia estar em todos os lábios.

E, bem, ela sabia por que, é claro, na manhã seguinte o facínora ia levá-la para Rawley — mesmo que a hora para Cerimônia de Entrega estivesse próxima, parecia cada vez mais como um longo pesadelo. Ela só esperava que acordasse dele em breve.

Ela soltou um suspiro pesado e incerto enquanto sua empregada começou a aplicar a grossa substância na outra perna, cobrindo toda a área com uma fina camada. — Como ela funciona?

— Em poucos minutos, vamos limpá-la com um pano úmido e você deve estar lisa como um bebê.

Para Dane. Seu estômago se retorceu.

— Levante seus braços — Lavonia disse quando terminou de cobrir as pernas de Maven.

Maven concordou, observando como a empregada untava suas axilas. — Aqui também?

— Aqui também — Lavonia respondeu. — E não só aqui — disse ela, terminando nas duas pequenas áreas e imergindo seus dedos na pasta novamente — mas aqui também. — Com isto, ela passou o creme azul entre as pernas de Maven, fazendo-a tropeçar de novo. — Fique quieta — ela disse, e mesmo sabendo que ela a estava ajudando, Maven se retorceu.

Maven prendeu sua respiração e tentou não se incomodar com a empregada passando outra fileira de pasta azul sobre sua vagina, cobrindo todo o pelo. Ela mordeu o lábio, olhando para baixo. — Ele vai querer minha vagina lisa, também?

Lavonia ergueu o olhar. — Ele vai querer olhar e isso lhe dará uma visão mais clara.

Seu peito se apertou, embora ela não conseguisse determinar se sentia repulsa ou excitação.

Repulsa — ela decidiu. Definitivamente. Não era de Donnell que estavam falando. Se fosse, ela suspeitava que fosse excitação correndo em suas veias. Mas quando pensou em Dane de Rawley, era muito difícil não fazer uma careta.

Poucos minutos depois, Lavonia a instruiu para entrar na tina de madeira e afundar até os joelhos na água. Usando um pano quente, ela começou a limpar a pasta azul das pernas de Maven, enxaguando o pano na tina rasa. Ela podia ver que suas pernas estavam realmente lisas e, quando passou sua mão as sentiu suave ao toque.

Lavonia continuou a remover a pasta—de debaixo dos braços de Maven e, finalmente, de sua vagina. Quando ela caminhou para ver pelo espelho, olhou para seu montículo nu e sentiu-se como uma ovelha tosquiada. — Ares! — ela murmurou, espantada com a aparência de sua genitália nua e as sensações rodando dentro dela.

— Adorável — Lavonia disse com um sorriso, aproximando-se por trás e colocando as mãos nos ombros de Maven. — Dane ficará satisfeito. Agora, banhe-se na tina antes que a água esfrie.

Ainda sentindo-se mais nua do que nunca em sua vida, ela foi até a tina antiga e pisou cuidadosamente, afundando-se na água quente com os vapores de aroma de folhas de hortelã, que Lavonia havia jogado no fundo antes de encher.

Ela esperou Lavonia desamarrar sua trança longa e pesada, inclinando a cabeça para trás na água para molhá-la e tentou relaxar quando sua empregada começou a lavar os seus cabelos.

— Agora — Lavonia disse, sua voz estranhamente suave, — diga-me que perguntas você tem sobre as coisas que aprendeu nestes últimos dois dias.

Maven mal sabia por onde começar, mas indagou sobre o estranho líquido branco que tinha saído dos pênis dos meninos. — Você prometeu que iria me dizer por que aconteceu.

Lavonia riu gentilmente. — Já que prometi irei contar.

Lavonia explicou com mais detalhes sobre bebês e os métodos que as mulheres costumam usar para não engravidar quando fazem sexo. — Mas como eu disse antes, como uma mulher casada, você não vai precisar se preocupar com isso, pelo menos não por enquanto. Agora, quais as outras questões que você tem querida? Você tem que me dizer, pois esta é sua última chance de perguntar.

Durante a hora que se seguiu, elas discutiram o orgasmo da mulher e do homem, os vários métodos pelos quais uma mulher pode chupar um pênis, coisas que uma mulher poderia fazer para seduzir um homem — como tocar em seus seios, um homem adora ver uma mulher acariciar os próprios seios — disse Lavonia - e como ela pode usar todas essas habilidades para adquirir vantagens e ganhar as coisas que ela quer do seu marido.

Essa foi uma idéia nova para ela e valeu muito a pena estudar. Se ela queria ser dada ao mesmo respeito e poder que sua mãe recebeu de seu pai, talvez ela poderia usar o sexo para atingir esse objetivo.

A única pergunta que Lavonia ainda não respondeu era sobre o jogo dos azulejos Maran. Ela só riu quando Maven perguntou.

— Pela última vez, minha querida, você aprenderá o segredo a respeito do jogo dos azulejos em sua noite de núpcias. — Lavonia então se inclinou para olhar Maven nos olhos, levantando o queixo dela com um dedo. — Mas, acredite em mim, Maven, não há nada a temer. Na verdade, pode muito bem ser o evento mais emocionante que você vai experimentar. Assim, quando chegar a hora, não fique chocada. Em vez disso, siga o meu conselho e o saboreie.

Após Maven deixar a tina, colocando seu vestido rosa de dormir novamente, Lavonia sentou atrás dela na cama, trançando seu cabelo. — Pela última vez — Lavonia lembrou a ela. — Como você sabe, em sua noite de núpcias seu cabelo vai ser desatado declarando que você não é mais virgem, para que todos possam ver.

Para sua surpresa, isso gerou atração também. Ela não seria a filha da realeza inocente cujo cabelo preso lembrava a todos que ela não sabia nada sobre o sexo. Mesmo que embora ela não conhecesse ninguém de Rawley, pelo menos, o cabelo dela desatado poderia ajudá-la a conhecer como seriam as outras mulheres de lá, um conforto que ela e suas irmãs nunca tinham conhecido em seu mundo vigiado.

Quando Lavonia terminou a trança, ela apertou os ombros de Maven. — Vou sentir saudades, querida menina.

Oh! Ares — tudo tinha acontecido tão depressa que Maven ainda não tinha tido a oportunidade de considerar o fato de que ela estaria deixando Lavonia para trás. Ela virou-se para sua empregada, sua orientadora, sua amiga. — Eu não sei o que vou fazer sem você, Lavonia.

Embora parecesse triste, a mulher mais velha conseguiu dar um sorriso. — Eu suspeito o que você deva fazer muito bem. Eu só espero que você sinta que fiz um trabalho satisfatório em sua orientação.

Maven assentiu. — Ah sim, eu tenho certeza que vou sentir. Tenho certeza que você fez. — Então ela suspirou, seus olhos ainda fechados sobre a empregada. — O que você vai fazer agora que eu vou embora?

Desta vez, brilhou na empregada um sorriso mais ousado. — Seu pai me ofereceu uma posição de supervisora das empregadas da fortaleza.

Sua resposta animou Maven. — Estou muito contente. E eu sei que você vai fazer isso bem.

— Como você fará bem como a dona da propriedade de Dane. — Lavonia piscou, olhando tanto saudosa como sábia. — Amanhã a sua nova vida começa, Maven. Amanhã você receberá Dane de Rawley.

Maven estremeceu de medo. E talvez também uma espontânea sugestão de antecipação.

Capítulo Seis

O dia seguinte amanheceu claro e brilhante, o sol se irradiava pelas altas e estreitas janelas abertas da fortaleza. Mesmo assim, o coração de Maven estava cheio até a boca de escuridão e medo, com mau humor ela caminhou em direção ao grande salão.

Lavonia a vestiu com a melhor túnica de seda que ela possuía. Feita justamente para esta ocasião, era da cor do céu na primavera, que envolveu suas curvas de um jeito elegante e provocante. Seu cabelo estava solto e foi entrelaçado com uma fita da mesma cor. Sentiu-se bonita... e condenada.

Quando ela entrou no salão, apenas sua mãe e seu pai a esperavam, pois ao contrário da celebração do casamento que ela teria com Dane depois de chegarem a Rawley, a Cerimônia de Entrega era um assunto privado, uma antiga tradição praticada pelos reis e pelas outras famílias de classe alta que tinham algo a ganhar com o casamento de suas filhas.

Seu pai parecia tão majestoso como sempre sentado em seu trono e sua mãe pareceu igualmente da realeza, adornada com um vestido cinza de tom pálido que parecia quase prata. No chão em frente a eles, colocaram uma grande almofada de seda branca que ela sabia ser o seu lugar até ser convocada durante a Cerimônia, mas ela não se contentou em sentar-se. Ela teria um último apelo a fazer.

Ela nunca implorou por qualquer coisa em sua vida — e ela detestou ser rebaixada a fazer isto agora, mas era sua última esperança. Ela caiu de joelhos diante do trono de seu pai e olhou para ele.

— Pai, eu imploro, não faça isso! Não me dê a esse homem!

Seu pai inclinou a cabeça e ela podia jurar que viu a simpatia em seu olhar, mas ele apenas disse: — O acordo está feito, minha filha.

Os olhos de Maven se fecharam em desespero, mas depois ela os abriu bem amplos, rogando-lhe mais uma vez. — Por favor! Por favor, não me faça ir! Eu estou... — Oh Ares, ela odiou admitir, mas... — eu tenho medo dele.

Acima dela, Enrick soltou um suspiro enorme. — Sua mãe manifestou-me suas preocupações, Maven. — Então sua mãe não a abandonou como ela pensava. — Mas minha decisão permanece. Para o seu bem e para o bem da nossa terra, você vai se casar com Dane de Rawley e ponto final.

Ponto final, não era? Bem, talvez sim e não havia nada que pudesse fazer sobre isso, mas ela não iria deixar o seu pai sem que ele soubesse o que ela pensava. — Para o seu bem, você quer dizer. Para se certificar de que você nunca perderá o poder sobre Caralon. Você me negociou como um pedaço de carne no mercado apenas para garantir que você seja sempre o soberano.

Os olhos de seu pai escureceram e ela esperou que ele se lançasse sobre ela, mas ao invés disso ele respirou fundo e falou calmamente. — Eu te amo, Maven, então eu te perdôo pelo que você me acusou. Agora eu sugiro que você tome o seu lugar e fique em silêncio. — Ele apontou um dedo em direção a almofada branca abaixo do trono de sua mãe.

O coração de Maven endureceu mais do que já estava. Se ele a amava, essa era uma forma estranha de mostrá-lo. Mesmo agora, sabendo que ela estava com medo e depois que ela se inclinou para suplicar-lhe, ele ainda ia dá-la para os animais do norte. Ela abaixou-se sobre a almofada e olhou para o chão, pouco disposta a olhar para o seu pai por mais tempo.

Só então, a grande porta de madeira no fundo da sala foi aberta e um dos servos de seu pai entrou. — Dane de Rawley chegou, Senhor governante.

A pele de Maven formigou.

— Deixe-o entrar — seu pai disse.

O coração de Maven saltou do peito quando seu marido entrou no salão. Ela não olhou para cima, de repente tomou a decisão de fingir completo desinteresse, mas ela pôde sentir a sua enorme presença no momento em que ele entrou. Cada passo que dava em direção a eles parecia reverberar através do grande espaço. Do canto do olho, ela viu que ele era um homem grande e musculoso, tão assustador, como ela esperava. Seu cabelo era escuro e alongado.

Oh, Ares! — ela estava morrendo por dentro querendo olhar para ele, mas ela não queria dar a ele, ou a seu pai, a satisfação. Mesmo assim, quanto mais tempo ela ficou lá e quanto mais próximo Dane chegou, ela simplesmente não pode resistir e sutilmente elevou seu olhar.

O que ela viu a deixou completamente atordoada. Ele estava lá com os ombros largos, e olhando-a feroz, claramente capaz de todas as brutalidades que ela temia, mas ao mesmo tempo uma chocante sexualidade irradiava dele. Seu cabelo era de um castanho mais escuro do que o de Donnell, com seu rosto toscamente cortado e belo, a sua barba cobrindo a mandíbula forte e imponente. Ele usava calça marrom escura de couro macio, seu peito musculoso estava nu, mas duas tiras marrons o cruzavam e escondiam. Músculos preenchiam seus braços até seus pulsos, que estavam rodeados por pulseiras grossas de couro. E tudo que ela podia fazer era não tremer.

Foi só então que ela percebeu que ele nem sequer olhou para ela. Isso foi tudo. Uma explosão de indignação, mas ela se forçou a se manter calma e tranquila.

— Bem-vindo, Dane de Rawley, — disse seu pai quando o homem de aparência feroz finalmente estava diante dele.

— Enrick, — ele respondeu, sua voz profunda e segura.

— Minha esposa, Jalal, — disse o seu pai, apontando para a direita.

Dane deu-lhe um aceno curto e ainda não tinha sequer se dignado a olhar para Maven.

— Eu lhe prometi a minha primogênita, — disse seu pai e ela reconheceu isso como o início da curta Cerimônia que Lavonia lhe tinha dado os detalhes na noite passada.

Dane simplesmente acenou com a cabeça, outro gesto curto e casual, como se não fosse nada.

— Você jura que pode dar-lhe uma vida confortável?

Lavonia tinha explicado que estas perguntas eram um assunto de tradição e formalidade. Dane apontou para as tiras grossas de couro que cruzavam seu peito. Só então ela notou os pequenos pinos de prata que se alinhavam. — Isto é apenas uma pequena medida da riqueza que possuo. E você esteve em minha casa, Enrick e viu que é bom e bem protegido. Deixe estas coisas responderem sua pergunta.

Seu pai assentiu, parecendo impressionado. Ela supôs que era porque, de acordo com Lavonia, a maioria dos homens daria uma resposta simples: sim.

— E você jura que pode cumprir suas necessidades físicas e fazer com que gere uma criança, de forma que minha linhagem perdurará?

Para surpresa de Maven, Dane se abaixou e começou a desatar o cós de suas calças. Seguramente ele não estava indo para—oh, querido Ares! Ele retirou o pênis, completamente ereto e... enorme! Ela pensou que Donnell era grande, mas Dane era —Ares! Completamente maior! Impossivelmente grande. A visão quase lhe roubou o fôlego e seus olhos permaneceram tão colados ao eixo imenso que ela não fazia idéia do quanto seus pais estavam reagindo a essa visão inesperada.

— Essa é a resposta para a pergunta, Enrick, — ele disse. — Ela vai ficar bem contente e terá filhos.

Finalmente, Maven conseguiu elevar seu olhar para sua mãe e seu pai. Ambos pareciam muito impressionados, ainda mais pelo que tinham visto depois de sua última resposta.

— Muito bem, então, — seu pai disse. —Eu a entregarei para você, sem contar com nenhuma dúvida.

Dane deu outro ligeiro aceno, então começou a guardar seu pênis dentro da calça de couro. Maven não pode deixar de notar que era claramente difícil para ele conter a vara monstruosa e sua mente girava com o que isso significava para ela. Lavonia prometera que grande era bom e prazeroso, mas como em nome de Ares, ela seria capaz de acomodá-lo dentro dela? Seu estômago se apertou nervosamente na visão intimidante em sua cabeça, até que finalmente ela percebeu que estava faltando o resto da cerimônia.

— Maven, fique de pé e pegue as mãos de Dane, — dizia seu pai.

Ela ficou de pé, sentindo-se carente e abandonada. Olhou mais uma vez, rapidamente, para sua mãe e seu pai, mas depois voltou os olhos para Dane. Mesmo agora que ela estava acima de seus pés, ele ficou uma cabeça mais alta do que ela e, a largura de seu peito e seus ombros a fez sentir-se como uma criança em comparação.

Quando ela não se moveu depressa o suficiente para tomar suas mãos grandes, ele capturou a sua muito menor em um aperto quente e possessivo.

— Tenho a honra de lhe dar a minha filha, Maven de Myrtell, Maven da Casa de Enrick. Ela agora pertence a você, Dane de Rawley.

* * * * *

Os próximos três dias e noites foram surreais para Maven. Durante o dia, ela foi carregada sobre as colinas que florescem no verão e pelos exuberantes vales verdes dirigindo-se para o norte, carregada em um grande trono por doze homens. À noite, ela foi enviada a uma grande tenda com generosas gentilezas, com o maior vidro que ela já vira, com castiçais de bronze antigos, claramente dos Tempos Antigos e, certamente, bem caros.

Porém, apesar de tudo isso, ninguém falou com ela a não ser o absolutamente necessário. Até a empregada que tinha sido atribuída a ajudá-la a se vestir cada manhã trocou poucas palavras com ela tanto quanto possível.

Lavonia a tinha avisado que seria assim até depois do casamento, explicando que até que ela se tornasse a esposa de Dane, ela seria uma estranha e que, para fazê-la sentir-se

mais confiante com Dane seu pessoal provavelmente seria instruído a não fazer amizade com ela ainda. Parecia insano que ela deveria ser tratada como se fosse uma pessoa com alto nível de respeito, mas, ao mesmo tempo encarada com desdém por quase todos que ela entrou em contato.

Ela viu pouco seu futuro marido. Ele a pegou com a grande mão quando passou pelo corredor logo depois da Cerimônia de Entrega, passando por uma multidão de espectadores que se juntaram para vê-la e para a grande caravana que o acompanhou aqui — provavelmente, numa demonstração de poder, mais tarde ela decidiu. Ele a guiou para a cadeira que ela ocupou por três dias, depois desapareceu, até que pararam para o almoço naquele dia.

Ela foi para uma mesa montada só para os dois e esperou que ele a abordasse em particular - parecendo um garanhão—como um dos surpreendentes números de cavalos que tinha notado na caravana. Eles pintaram Dane como um homem muito rico, até mais do que ela tinha conhecido, dada à escassez e o valor desses animais. Até agora, ela nunca conheceu ninguém que os tivesse a não ser seu pai.

Quando ele se sentou em frente a ela, ela ficou consciente que seus joelhos se tocaram. — Espero que a viagem esteja bastante agradável, — ele disse casualmente, como se eles se conhecessem há anos.

Ela assentiu, tentando parecer desinteressada. — Muito. — Então ela brincava com a comida que tinha sido servida para o almoço, inspecionando o pão antes de comer, só para certificar-se que não havia larvas.

— O almoço não está ao seu gosto?— Ele perguntou, soando apenas ligeiramente irritado.

— Está bom — Ela disse, mas tinha certeza que fez uma ligeira careta quando mordeu o pão.

— Olhe, minha pequena noiva, — ele disse, sua voz mais profunda do que ela tinha ouvido antes, — Seu pai me avisou que você provavelmente não goste dessa união, mas não vai ser ruim o suficiente para fazê-la ir embora.

Ela levantou os olhos para os dele pela primeira vez e Ares! Eles eram de um castanho mais escuro que ela já vira, e tão penetrantes, quase hipnóticos. O olhar dele e seu rosto forte e inegavelmente belo tão perto dela a fez recuar um pouco, então decidiu falar com vigor o que ele precisava ouvir.

— Eu ouvi histórias sobre você e se você acha que devo simplesmente me dobrar a sua vontade, você está completamente enganado.

Ela enervou-se completamente quando ele respondeu sua boca se alargando em um caprichoso sorriso. — Vendo agora, não me pareço assim tão terrível, não é?

Algo sobre o brilho em seus olhos quando ele falou fez o estômago dela se enjoar e sua vagina ficar tensa. Ela se fortalecia, tentando combatê-lo, tentando ser a mulher forte que sabia que poderia ser. — Você não pode me fazer gostar de você, assim não precisa nem mesmo tentar.

O sorriso dele desapareceu e seu sangue gelou. — Eu lhe prometo. Você pode não gostar de mim, Maven, mas você vai implorar por mim.

O vermelho irradiou-se por seu rosto apertando seu peito. — Eu não acho, — ela disse com firmeza.

Ele apenas riu, um riso profundo e generoso, como se ela tivesse dito alguma coisa histericamente engraçada, então se levantou e foi embora.

Desde então, ela o tinha visto apenas de passagem e ele não tinha mais se juntado a ela para as refeições. Não que ela se importasse de comer sozinha, era muito mais agradável. Mas sua pele formigava quando ela imaginava o quanto o irritou e com o que ele teria a intenção de fazer com ela depois que se casassem.

Agora, ela elevou-se em seu trono, uma vez mais e de acordo com as conversas das pessoas na caravana, a fortaleza que tinha acabado de entrar em vista era o seu destino, a casa de Dane.

Ares! Ajude-me a sobreviver a isto.

Eles estavam aqui. E agora começaria.

Não só os últimos três dias haviam sido surrealistas, como tinham sido um alívio. Mas agora o alívio tinha acabado e nada poderia salvá-la. Nada, exceto talvez a sua força.

* * * * *

Dane cavalgava seu cavalo favorito quando sua fortaleza surgiu. Gritos de alegria ecoaram da caravana e ele também estava feliz por estar de volta.

Sua noiva virgem não reagiu como os outros. Ele andou ligeiramente atrás dela e seus olhos tinham sido atraídos para ela nas últimas horas. Provavelmente só por causa do vestido que ela usava, porém, o couro tinha sido tingido por um matiz adorável de alcachofra. Como Enrick tinha advertido, a garota era bonita, mas teimosa, e mulheres bonitas estavam em grande oferta, então devido a sua resistência, seu único interesse nela agora era de conquistá-la.

A garota ter sido sincera ou simplesmente aceitado seu iminente casamento teria sido suficiente para satisfazê-lo até agora. Teria mantido suas esperanças de uma união amável. Ele achou sua insubordinação irritante e quis provocar uma mudança em sua atitude. Ele realmente quis dizer o que dissera—antes disso terminar, ela o imploraria. Na verdade, ele decidiu, ela o imploraria mais cedo do que ela imaginara. Ela o imploraria em sua noite de núpcias —ele veria isso.

Uma vez que sua impertinência desse lugar à paixão, talvez eles pudessem ter o casamento feliz que ele esperava. Mas agora que ele a conheceu e viu o seu tom de desprezo e sua determinação de não encontrar qualquer tipo de conexão agradável, ele honestamente não esperou qualquer tipo de mudança nela antes do casamento. Ou melhor, ele pensava agora, eles podem acabar se dando bem na cama, mas provavelmente não se dariam bem em nenhum outro lugar.

E se sua impertinência durasse, se ela continuasse a resistir-lhe mesmo que da maneira que... Bem, ela em breve seria corrigida, de uma forma ou de outra.

Agora que ela o tinha desafiado, agora que ela havia insultado o homem que seria seu marido, ele ardeu para fazê-la implorar, ardeu para fazer com que ela o quisesse.

E como ele andava bem atrás dela, vendo sua loira trança virginal mover-se para frente e para trás no ritmo dos passos dos homens que a levavam, ele jurou que veria isso acontecer, não importava o quanto fosse durar.

Capítulo Sete

Depois de retornar para a fortaleza, Dane se reuniu com os guardas que ficaram responsáveis por manter as coisas em ordem enquanto ele estava fora. Depois de verificar que tudo estava bem, ele se retirou para seus aposentos para um breve descanso.

Enquanto estava deitado na cama, sobre a coberta de pele, com os olhos fechados e o corpo cansado, ele se tornou consciente de que seu pênis ainda latejava de desejo. Ele tinha conseguido a reação que esperava quando mostrou o membro durante a Cerimônia de Entrega - Foi o que ele planejou para Enrick e sua esposa, sem falar de sua noiva, para que entendessem exatamente o tipo de poder que ele exercia, tanto na batalha quanto no leito conjugal. Ele queria que Enrick entendesse que dar sua filha significava verdadeiramente *dá-la* a ele, entregá-la para Dane em todos os sentidos. E ele queria que Maven soubesse que ela era dele também e que ela percebesse que não tinha escolha a não ser submeter-se a este casamento.

Ele pensou que Enrick tinha começado a entender a sua mensagem melhor que a sua futura esposa, mas ela iria entender muito em breve.

Por baixo de sua expressão insolente, os seios eram redondos e provavelmente cremosos, seus mamilos se sobressaíam através do vestido de seda e até pelos de couro também. Os dois montículos promissores lhe pareceram maiores e mais maduros do que normalmente poderia se esperar encontrar em uma menina que tinha acabado de chegar na idade da noiva. Sua cintura era esbelta, os quadris agradavelmente arredondados, as pernas longas e sedosas como o seu melhor vestido.

É claro que sua vagina estava provavelmente da mesma maneira: nua e sedosa. Ele tinha ordenado a um comerciante uma provisão da pomada que as mulheres ricas usavam para depilação, mas suspeitava que ela tinha tido o pêlo removido pela primeira vez na preparação para o casamento. Sem pensar, ele se encontrou fantasiando sobre tocá-la, se imaginou afundando seus dedos em sua lisa e quente vagina, fazendo-a suspirar de prazer.

Ele a queria, não podia negar. Mas ele não gostou dela, e ainda assumiu que, mesmo depois de conquistá-la sexualmente, prazeres sensuais seriam a única coisa amável entre eles.

Ares! Mas seu pênis permanecia faminto e incontrolável e pensar em sua noiva virgem só aumentava seu apetite.

Considerando como as coisas estavam, ele teria estado completamente dentro de seus direitos para chamar as gêmeas, ou Calla e seus lindos lábios feitos para chupar, para aliviá-lo, uma vez que a Cerimônia de Entrega já estava terminada. De fato, ele não tinha certeza porque não o fazia. Sim, ele planejou guardar sua frustrada mega-ereção para a sua noiva, mas depois da reação dela diante dele, por que ia se importar?

Na verdade, dado que o casamento não aconteceria até amanhã à noite, porque não chamar Calla para o seu quarto agora mesmo e deixar que ela o chupe até que ele esqueça tudo? Ele se sentou na cama e moveu seus pés para o chão, com a intenção de chamar uma empregada para convocar a ávida ninfa loira.

Mas ele parou.

Por alguma razão, os pensamentos sobre Maven retornaram. Uma imagem de seu rosto adorável, juntamente com a idéia de que ela seria muito mais adorável se ele visse seu sorriso. Outra imagem o seguia - a vagina dela, nua e lisa, só para ele.

Deixando escapar um suspiro, ele ficou de pé e saiu do quarto, andando corredor abaixo em direção ao quarto onde ele instruiu que a menina fosse colocada por enquanto. Apesar de seu bom senso, ele percebeu que queria dar-lhe outra chance. Ele não ofereceu segundas chances para muitos, em qualquer faceta da vida, mas isto, ele lembrou, era seu casamento, algo que ele desejava ter sucesso. Só fez sentido tentar novamente formar uma relação com a filha do Enrick.

Ele não se incomodou em bater na porta, simplesmente a empurrou e andou a passos largos para dentro. Ela vacilou com a entrada dele, puxando um pano branco para o peito enquanto seu rosto virou uma sombra adorável de cor-de-rosa. Claramente, ele a pegou se refrescando depois da jornada, e, embora conflitasse com a sua intenção, ele não poderia estar arrependido de tê-la pego de surpresa e deixá-la um pouco sem equilíbrio.

— Eu preciso falar com você — ele disse.

Rapidamente, os olhos dela assumiram a mesma característica de aço que ele tinha visto durante a sua última conversa. — Fale então.

Ele respirou fundo, lembrando-se que essa discussão deveria ser sobre a paz. Ele se sentou no grande baú, agora situado ao pé da cama em que ela descansava. — Maven, eu vou falar claramente. Apesar das histórias que você ouviu, eu não sou um homem irracional. Eu desejo ter um casamento agradável e peço a você que dê uma chance a essa idéia.

Uma pitada de incerteza, talvez até consideração, passou brevemente pelos olhos dela, entretanto suas costas ficaram rígidas e a voz fria. — Você está se casando comigo só como reforço para o trono de Caralon.

— É verdade. Mas não quer dizer que eu não possa apreciar esse reforço assim como você.

— Eu não gosto de ser usada.

Ela estava com razão, mas... — Você é filha de um governante, você não tem nenhuma escolha sobre o assunto.

— Não ter nenhuma escolha não me faz menos ofendida e eu o odeio por esperar que eu goste de arrulhar e bajular você como os seus empregados fazem.

Por alguma razão, as palavras dela o irritaram e o desafiaram. Ou era pelo jeito dela, a idéia de que ela continuava a ser tão inflexível, mesmo quando ele tentava ser amável e aberto com ela? A atitude dela provocou nele uma ira fazendo o seu pênis dolorido contido em suas calças, esculpir-se em uma ponta afiada. Ele estreitou os olhos, ciente de que seu sangue estava fervendo de raiva e luxúria. — Você irá — ele disse calma e firmemente. — Na verdade, você fará *mais* do que arrulhar e bajular.

— Eu acho você repulsivo.

— Você implorará — ele a informou com confiança, infalível. — Você implorará por meus toques. Você implorará por meu pênis.

— Nunca! — ela cuspiu.

— Nunca é muito tempo, noiva.

— *Nunca* é quando eu irei querer você.

— Nós veremos — ele disse, em seguida levantou-se e saiu do quarto, batendo a porta atrás dele.

Descarada imprudente. Ele não perdera a cabeça, pois o que devia fazer era colocá-la sobre o joelho e espancá-la, como se ela fosse uma criança, pois foi assim que ela agiu. Para sua surpresa, seu pênis pareceu endurecer ainda mais pelo pensamento do corpo dela estirado de bruços sobre seu colo, seu traseiro nu aceitando os tapas firmes de sua mão.

Bem, ele não iria espancá-la, pelo menos ainda não, bastava que ela enfrentasse suas decisões mais uma vez. Ela imploraria por ele. Ele faria, com certeza absoluta e inequívoca, com que ela implorasse quando chegasse até ela na noite de núpcias. Os azulejos de Maran contribuiriam, como em todos os casamentos reais, mas para Maven, eles dariam ainda mais estimulação.

Vamos ver você resistir a mim nos próximos dois dias, minha noiva virgem, ele pensou triunfalmente quando olhou por cima do ombro em direção ao quarto que tinha acabado de sair. Então sorriu. Ia vê-la implorar por ele de joelhos, e talvez, só talvez, se ela implorasse e pleiteasse bastante, ele daria a ela o sexo que ela desejava.

* * * * *

Uma hora mais tarde, Maven sentou-se na mesma cama, no mesmo lugar onde Dane tinha prometido que ela iria implorar por ele. *Nunca!* Ela declarou para si mesma uma vez mais, mas ao mesmo tempo, seu estômago agitou-se ao lembrar-se ligeiramente de seus olhos vorazes, seu extenso e dominante corpo, seu pênis totalmente imenso.

Oh Ares! O que ela ia fazer? Por um lado, ele pareceu quase razoável, até que começou o negócio sobre ela implorar por ele. No entanto, por outro lado, não importava o quão razoável ele poderia ser, ele ainda pretendia que ela aceitasse sua possessão. E uma posse significava que era o fim. Como alguma mulher podia ter um casamento feliz, em tais circunstâncias? Talvez outras garotas reais eram mais aceitáveis, mas tendo sido criada em uma casa onde as mulheres eram tratadas com respeito e dignidade, ela simplesmente não conseguia aceitar essa noção.

Só então, ela ouviu alguém dando uma risadinha, uma mulher. Ela olhou em direção da estreita janela de seu quarto no andar térreo, de onde o som viera.

Quando uma risada masculina juntou-se à feminina, Maven ficou curiosa o suficiente para ficar de pé e tocar para a fina abertura na parede de pedra, espiando lá fora. A princípio ela não viu nada além de flores, arbustos e uma treliça onde subiam rosas amarelas vibrantes—claramente era um jardim. Mas quando a risadinha continuou e a voz masculina falou, dizendo: — Que menina malcriada você é!

Maven olhou para a esquerda, onde um atraente casal estava de pé se beijando e se tocando. A mão pequena da mulher estava curvada sobre a virilha dele e o massageava.

Ela os tinha visto fazendo parte da caravana e teve a impressão que o homem era um que estava em alto grau na comitiva de Dane. Agora seu coração pulsava forte e sua vagina começava a comichar enquanto ela os observava.

— Minha mão está boa, Kells? — A menina perguntou.

O homem gemeu em resposta e Maven sentiu aquele gemido entre suas coxas.

— Pegue-o — ele instruiu.

A menina sorriu para ele, então sua atenção ficou focada em desatar suas calças. Dentro de segundos, um pênis quase tão grande quanto o de Dane estourou livre da calça de couro.

— Oooh, — a garota disse, — eu amo isto. Eu quero beijá-lo. — Ela imediatamente caiu de joelhos e prosseguiu numa trilha de beijos desde a base até a ponta do membro.

— Chupe-me, — ele disse e toda a diversão se foi de sua voz.

Sua parceira atendeu sem vacilar, baixando sua boca sobre a dura barra.

A vagina de Maven se contraiu enquanto ela observava e se perguntava — ela podia realmente fazer aquilo com Dane? Ela devia? Partes iguais de antecipação e trepidação guerreavam dentro dela. Ela jurou que nunca suplicaria ou imploraria por ele ou por qualquer coisa, mas isso não significava que ela não teria que cumprir o ato com ele—estava incluso, ela presumiu.

Quando ela vira pela primeira vez Lavonia fazer aquilo, ela tinha sido superada com choque, mas com sua Orientação há apenas alguns dias, agora ela podia assistir a bonita menina no jardim correr seus lábios de cima a baixo pela seta do homem bonito com um olho mais técnico e hábil.

O homem chamado Kells gemeu quando a garota o tomava bem fundo em sua boca. Maven duvidou que possuísse tanta perícia, mas como a visão a excitava, ela começou a tentar se ver fazendo o mesmo tomando Dane em seus lábios. O que sentiria quando tivesse em sua boca algo tão poderoso? Faria mal—ou seria mais como um banquete em algo delicado e delicioso?

Ela afastou o pensamento então—pela analogia. Ela tinha jurado que nunca suplicaria e lá estava pensando nele como algo delicioso, justo como Lavonia aconselhou. Pare com isso! Ela se ordenou, então se concentrou mais uma vez nos amantes do jardim.

Kells puxou a menina para cima e arrastou o corpete de couro de seu vestido, revelando seus seios. Eram menores que os de Maven, mesmo assim eram bonitos e atrevidos, os mamilos eram de um rosa pálido e estavam duros. Kells os tocou com ambas as mãos, apertando e massageando até que ela gemeu.

— Me possua, — ela disse suavemente. — Possua-me aqui mesmo na grama.— Ela falou debaixo da treliça de rosas e ergueu seu vestido até a cintura.

Kells gemeu pela visão e caiu de joelhos entre as pernas afastadas dela. Ele se inclinou para acima e deu uma lambida longa e lenta em toda a extensão nua de sua vulva, então deslizou o seu membro para dentro tão suavemente que Maven não acreditou que tinha entrado realmente até que ela ouviu a menina dizer — Mmm, seu pênis me preenche tão bem!

— E sua adorável vagina me traga tão facilmente! — ele respondeu, começando a empurrar dentro dela.

Maven distraidamente deslizou a mão pelo seu peito, achando seu mamilo duro e ereto. *Ares! Por que observar o sexo faz com que seja uma tortura?* Muitos sentimentos agiam como redemoinho dentro dela e ela nem mesmo podia entendê-los.

Enquanto Kells empurrava novamente na garota, seus movimentos foram ficando mais fortes e mais severos. A mão livre de Maven se aventurava mais para baixo pelo vestido curto que ela usava, por entre suas coxas. Ela não ficou surpresa por se achar molhada,

ainda que a sensação em seus dedos e o latejar pelo seu corpo a chocassem. A sensação de querer sexo crescia muito malvadamente nestes últimos dias—mas não com Dane.

Talvez com ninguém *exceto* Dane. Donnell. Ou este homem antes dela agora. Ares! Brevemente ela se contorceria com seu futuro marido como a bonita menina estava fazendo com Kells.

Na verdade, ele não era repulsivo para ela fisicamente. Foi por tudo que seu casamento ia suportar que ela repeliu profundamente. Isto e medo também. Daquele pênis enorme. De como vigorosamente ele poderia penetrá-la. Apesar do tom calmo que ela o ouviu usar, a ferocidade que sempre o seguia lhe assegurava que ele seria o mesmo feroz na cama conforme ela tinha ouvido dizer que ele era em outros aspectos da vida.

Lá fora, o ritmo de Kells cresceu ainda mais selvagem até que finalmente ele deu um gemido poderoso, ofegando contra sua companheira uma, duas, três vezes—antes de desabar sobre ela.

— Mmm, foi bom, amor? — A menina perguntou.

Maven quase não ouviu a resposta quieta de Kells.

— Espantoso!

Para sua surpresa, algo a fez parar de se tocar então. Porque eles tinham terminado? Porque o medo de Dane tinha silenciado o seu excitamento?

Ela tentou se convencer que aquelas eram as razões, mas bem no fundo ela soube que era qualquer outra coisa.

Ela se casaria amanhã, afinal. Ela se juntaria a Dane em sua cama amanhã à noite.

Ela ainda não queria que ele fizesse sexo com ela — certamente não. Mas se ela tivesse que fazer, bem... então algo dentro dela disse que ela podia muito bem deixar que seu próximo orgasmo seja de um modo mais tradicional, dado por outra pessoa, em vez de sua própria mão.

Não tinha nada a ver em querer que ela gozasse com Dane, ela disse a si mesma mais uma vez — não, não tinha nada a ver.

Era mais sobre... tradição. Sim, tradição. Lavonia tinha dito que fazer sexo vinha de muitos impulsos e tradições antigos e, o ideal era que seu companheiro a fizesse gozar. E só porque Maven não acreditava nas tradições que cercavam o casamento real não significava que ela não acreditasse nas tradições do sexo.

Essa era a única razão que ela guardaria seu próximo orgasmo para Dane. A única razão.

* * * * *

Dane estava deitado confortavelmente em sua cama observando as duas empregadas que corriam de um lado para outro em seu aposento com baldes de água quente, lentamente enchendo sua tina de banho. Dahlia e Ofran eram ambas mulheres jovens e bonitas em seus vinte anos, alguns anos mais jovens que ele mesmo e ambas já tinham dado prazer a ele em mais de uma ocasião.

— Dahlia — ele disse para a menina de cabelo preto, — antes de sua próxima viagem, chame minha noiva aqui.

Levantando o olhar de onde ela despejava a água, Dahlia ela articulou um pequeno sorriso. — Antes do casamento, Senhor?

Claramente, foi possível usar a imprudência muito melhor que Maven usaria — uma, como Dália, podia até achar isso atraente. Ele sabia que devia repreendê-la pela pergunta, mas seu sorriso faceiro foi o que o levou a reprimir uma reclamação. Ele simplesmente retornou para sua expressão divertida. — Não se preocupe, eu posso esperar até à noite para tomar a virgindade dela.

— Então com que propósito irei chamá-la?

O sorriso dele desapareceu. — Isto não é problema seu. Só a chame. — Ele deu uma mão e ela tomou muito mais. Ele devia tê-la punido em primeiro lugar. Ainda, o fato de ele não ter feito, dele ter sido momentaneamente conquistado por um pouco de flerte, o fez mais bravo com sua noiva. Tudo o que ele queria dela era um sorriso, uma palavra amável e ele se sentiria tão mais sereno diante dela, tão mais perdoável.

Mas ela era tão inocentemente teimosa que ele não esperava ver um sorriso dela tão cedo — Então seus métodos para torturá-la iriam continuar. No dia anterior ele tinha enviado Kells e Lonya para o jardim próximo a janela dela, sabendo muito bem que ela estava muito chateada e seria muito curiosa para resistir a olhar. De acordo com seu amigo, os olhos de Maven tinham sido vistos pela janela estreita durante todo o encontro deles. Seguramente sua vagina tinha ficado úmida de desejo e sua mente girando de curiosidade sobre sexo. Não se podia saber exatamente como tinha sido a orientação dela — pois era um evento bem privado — mas se ela realmente não tivesse sido treinada, por exemplo, ele se sentiu confiante porque ela tinha observado Kells e Lonya exaltarem todos os desejos que tinham seguramente preparado para mostrar a uma noiva virgem.

Agora ele tomaria um passo a mais naquela sua tortura sensual.

Ele estava deitado com as mãos escoradas atrás de sua cabeça e os pés cruzados nos tornozelos, quando um golpe suave veio da porta.

— Entre — ele disse.

Maven entrou vestida casualmente, usando uma túnica justa de couro castanho claro e uma saia curta de tecido fino. Como sempre, seu cabelo estava trançado atrás de sua cabeça — que ele esperava ansiosamente vê-lo escorregar pelos ombros dela mais tarde naquela noite.

Ela moveu o seu olhar para a tina, olhando com tom agressivo como sempre. — O que é isto?

— Esta é uma tina. Um artefato que certamente um regente rico como Enrick possui um ou dois.

Ela deu um sorriso mal humorado. — Eu sei o que é, mas... por que eu estou aqui?

Ele se sentou na cama e removeu sua própria túnica de couro acima de sua cabeça. — Como é o dia do nosso casamento — ele disse — eu vou tomar banho. — Somente então ele a olhou diretamente no olho, desinteressado se uma sugestão de diversão brilhava em seu olho. — Eu quero que você observe.

Ela hesitou. — *Por que?*

Ele simplesmente sorriu e ficou de pé começando a desfazer os laços de suas calças.

— Eu pensei que esta seria uma boa oportunidade para você ficar familiarizada com meu corpo. Nós iremos nos casar. Eu pensei que isto poderia fazer hoje à noite menos chocante para você.

Ela piscou, olhando com afronta. — Eu vi seu... — Ela parou, claramente desequilibrada. Ele não podia ter apreciado mais. — Bem, eu vi o suficiente de você na cerimônia de entrega e não estou com pressa nenhuma de ver novamente.

Ele sorriu.

— Que pena! E a cerimônia de entrega foi muito breve. Eu quero que você veja tudo de mim, Maven. Eu quero que você olhe o suficiente. Quando eu tomar sua virgindade hoje à noite, eu quero que você esteja pronta para mim.

Ela baixou o queixo desafiadoramente.

— Eu nunca estarei pronta para você, nunca vou *querer* você. Nunca!

— Então você mantém esta declaração. Mas se é isso, então não deve aborrecer você se sentar e me assistir tomar banho. Então se sente. — Ele apontou para uma cadeira próxima à tina. — E observe. — Ele adicionou um tom dominante e esperou enquanto ela decidia se devia ou não desobedecer.

Depois de segundos de hesitação, ela se acomodou na cadeira carrancuda. Ele tomou a oportunidade para empurrar as calças para baixo, revelando sua ereção dura como pedra.

Ela ofegou ante aquela visão e ele não pôde resistir um sorriso. — Você gosta do que vê, minha pequena noiva?

Ela claramente tentou — e falhou — em parecer indiferente e desinteressada. — Não particularmente. Eu já vi melhor.

Ele inclinou a cabeça de um modo inquisitivo.

— Você tem visto muitos pênis grandes?

Ele gostou do rubor que subiu pelas bochechas dela, embora ela tentasse soar mais experiente quando respondeu. — Durante minha Orientação. E... realmente, eu vi um ontem mesmo. Em seu jardim.

Ele ligeiramente balançou a cabeça, como se isso fosse comum, então disse:

— Apesar de todos que você viu, eu apostaria que nunca viu nenhum tão grande quanto o meu.

Como ele esperou, as palavras fizeram com que o olhar dela se voltasse para o seu membro — que se sobressaía duro do ninho de cabelos entre suas pernas, um cintilar de umidade brilhava em sua cabeça. Ele o tocou ligeiramente enquanto ela observava.

Mesmo assim, ela só encolhia os ombros e se recusava a responder.

— Bem, minha pequena virgem, se você gosta ou não do meu pênis, nós saberemos. Então quer você queira ou não, irá me assistir tomar banho.

Com isso, ele jogou longe sua calça e andou a passos largos para a tina branca e antiga, entrando na água morna. Ele sentiu a tensão dela agora que se moveu mais próximo e se sentou, dando a ela uma boa visão de sua ereção.

Ele ordenara que a tina fosse cheia a uma profundidade que proporcionasse uma boa visão do corpo dele, mesmo até depois que ele se reclinasse e soube que ela não poderia resistir olhando.

Depois que estava na tina, ele pegou uma esponja e a ensaboou com uma barra de sabão, então começou a se lavar sem pressa. Primeiro, ele lentamente deslizou a esponja pelo seu tórax, ciente da trilha de bolhas em cima de seu estômago, então ao redor de seu

pênis. Ele não desviou o olhar de sua tarefa, mas sentiu sua noiva jovem e rebelde o assistindo — incapaz de evitar.

Ele trabalhou lentamente movendo a esponja por todo o comprimento de seu braço, sua pele sutilmente começando a formigar pelos movimentos graduais. Ele estava conseguindo de excitar também — bem, até mais excitado que sua ereção constante dos últimos dias o manteve. Ele estava imaginando-a na tina, imaginando a esponja deslizando na pele branca e sedosa.

Ele curvou um joelho, lentamente lavando de cima a baixo e então correu a esponja pela sua coxa interna, deixando-a demorar em cada polegada de sua pele. Ele nunca realmente pensou em ter uma mulher vendo-o tomar banho antes e era mais erótico do que ele imaginara. Ele só esperou que isto estivesse tendo o mesmo efeito nela.

Finalmente, ele passou a esponja em um círculo prolongado ao redor seu pênis, certificando de ensaboar todo o comprimento e apreciando a sensação que culminava sobre ele enquanto se demorava na tarefa.

Ele se pegou querendo manter os movimentos da esponja, querendo se acariciar até que gozasse. Quanto que ele a excitaria? Ele se perguntou. Ou — ele pensou com uma risada muda — será que enviaria sua noiva virgem gritando para o quarto?

Mas não, ele esperou ansioso por ela. Apesar de sua insolência — ou talvez até por causa dela — ele queria dar a ela tudo que ele tinha, todo a semente que ele estivera construindo dentro dele. Ele queria possuí-la com o poder de todos estes dias e noites de tortura própria e antes disso acontecer, ele queria fazê-la implorar por ele.

Ele mordeu o lábio para suprimir a onda de paixão dentro dele quando passou a esponja longe de sua seta, então ergueu o olhar e a olhou pela primeira vez desde que começara a se lavar. Ela, mas que depressa desviou os olhos para longe do pênis dele. Ele tentou não sorrir quando baixou o olhar até começar a enxaguar a espuma de sabão de seu corpo.

Quando ele se levantou da tina, a água escorria de sua pele e ela hesitou movendo o olhar. Desta vez, porém, ela não desviou o olhar de sua nudez. Não podia, ele achou. O conhecimento o fez querer estourar ainda mais, mas seu casamento seria naquela noite, ele lembrou. Logo ele teria a menina briguenta, logo ele afundaria sua seta agonizada em sua vagina virgem e quente.

— Eu devo ter esquecido a toalha — ele disse, então apontou em direção a uma cômoda que as empregadas colocaram próximo a tina, mas que ele tinha movido para mais distante antes da chegada de Maven.

— Pegue uma para mim.

Ela encontrou o olhar dele brevemente então fez como ele instruiu, embora parecesse tomar grande cuidado para que seus dedos não o tocassem quando ela passou a toalha para ele.

Ele começou a se secar sem se preocupar em se cobrir.

—Hoje à noite você sentirá muito mais que meramente minha mão, noiva — ele disse, esboçando um sorriso.

Ela não respondeu e ele terminou sua tarefa, finalmente saindo da tina sobre um tapete de pele. Soltando o pano, ele virou-se e foi para a cama, sentando-se na borda, bem

ciente de seu pênis ainda bem ereto e proeminente. — Só algumas horas mais até que nós estejamos casados, Maven — ele disse — e minha noiva ainda nem mesmo me deu um beijo.

Ele a viu prender a respiração — nervosa, ou talvez ansiosa.

— Venha aqui e me beije, — ele disse, muito mais uma ordem que um pedido. Ele olhou fixamente para ela para que ela tivesse certeza que não tinha escolha. Ela era sua agora e estava na hora de começar a aceitar o fato. — Não tente minha raiva, pequena noiva, — ele disse suavemente, os olhos ainda alfinetando-a.

Como se percebesse que ela não tinha nenhuma outra opção, ela ficou em pé devagar, mas seus pés hesitaram antes dela começar a andar pelo chão de pedra em direção a ele. Ele podia quase vê-la lutando com si mesma — tudo na menina cabeçuda dizia para ela não o querer, mas ela o queria. Ele soube que ela o queria, podia sentir o desejo que emanava dela.

Quando finalmente ela esteve exatamente na frente dele, ele a alcançou até tomar seu rosto com as mãos e a puxou para mais perto. — Beije-me aqui — ele murmurou e então seus lábios se encontraram. Ele a beijou firme, mas breve, então lentamente a empurrou mais para baixo até que ela ficou de joelhos ao lado dele.

— E aqui. — Ele guiou a cabeça dela em direção a seu pênis até que este ficasse só a uma fração de seus lábios. — Beije! — ele sussurrou, apenas audível.

Ela beijou a lateral do pênis do mesmo modo que beijara a boca dele: nervosa e inexperiente. Mesmo assim, enviou um choque de prazer que o sacudiu, suficiente para fazer um homem menos controlado explodir. A menina claramente precisava de algum treinamento na área de beijar, mas sua boca era primorosa mesmo assim.

De repente parecendo perceber o que fizera, ela ficou de pé, olhando-o horrorizada, então seu olhar se desviou para seus pés.

Alcançando-a mais uma vez, ele ergueu seu queixo com os dedos e deixou que ela visse o calor que seguramente brilhava nos olhos dele. — Você pode ir agora, Maven. Vá e se prepare para o nosso casamento. Você achará empregadas em seu quarto para ajudar você. E da próxima vez que nos virmos, nós estaremos destinados a ficarmos juntos... por toda a vida.

Capítulo Oito

Maven saiu praticamente frustrada do quarto dele e horrorizada com o que tinha feito. Ela não podia acreditar que tinha beijado o pênis dele daquela forma, pior, que ela tinha querido!

Mas, ela não podia negar a si mesma, o corpo dele era... Magnífico. O pênis dele era monstruoso e ainda ela estava inexoravelmente atraída por ele. Os músculos dos braços, tórax, pernas, a fizeram querer tocá-lo. Ela jurou nunca o querer, mas estava claramente fora de seu controle.

Bem, claro que, ela tinha jurado também nunca implorar e aquela parte ela ainda poderia cumprir.

Mas se ele a tomasse esta noite, sem tentar forçá-la a pedir por ele. Oh Ares! Por favor, deixe que ele tenha misericórdia de mim! Agora, ela sabia que ele seria bem-vindo. Ela gostaria de receber o seu toque. Ela gostaria de receber o membro enorme dentro dela. Ela ainda não sabia como a coisa ia caber dentro dela, mas se outras mulheres poderiam acomodá-lo, certamente ela poderia também.

Quando ela diminuiu o ritmo, seu batimento cardíaco voltar ao normal, bem, o mais próximo possível do normal dadas às circunstâncias, ela se viu pensando que provavelmente deveria estar emocionada com essa sucessão de eventos. Ela deveria estar emocionada ao descobrir que ela o queria e não tinha medo de seu pênis. Mas ainda permanecia de pé um problema horrível entre eles. O de ser dono dela, dele controlando-a e desejando que ela seguisse seu comando. Poderia ser a regra do mundo em que ela nasceu, mas ela ainda não poderia aceitar isso. Na verdade, ela quase se odiou por querê-lo agora. Como poderia ela querer um homem que estava disposto a tratá-la como um objeto? Ele até concordou que ela era um reforço para ele chegar ao trono.

Ares! O que tinha acontecido com a vida dela? Uma semana atrás ela havia sido normal, ela estava feliz, jogando, curiosa em seus azulejos Maran e na antecipação de seu casamento. Ela nunca tinha sonhado que ia ser empurrada para um mundo estrangeiro, onde era para se tornar mais uma adoradora de um homem que já parecia adorado por todos aqueles que o rodeavam e temido por todos em Caralon.

No momento em que chegou ao seu quarto, ela quase tinha esquecido que Dane lhe dissera que suas empregadas estariam aguardando-a. Três meninas jovens e adoráveis, talvez com a idade dela ou um pouco mais velhas, descansavam sobre o tapete de peles em frente à banheira. Duas eram loiras, a outra era morena com olhos verdes e brilhantes. Todas eram esbeltas e notáveis.

Elas se levantaram com a entrada dela e ela não pôde deixar de notar que todas elas usavam túnicas combinadas, se distinguiam porque eram muito mais extravagantes do que qualquer coisa que ela já tinha visto sendo usadas por uma empregada doméstica, mesmo as de Dane. Os vestidos de seda branca e fina cobriam seus corpos só até o meio da coxa, com cordões de couro se cruzando entre os seios e em volta da cintura.

— Nós vamos ajudar a prepará-la para seu casamento - uma das loiras disse alegremente, os cabelos caindo quase até a cintura como fazia o de Maven quando era solto.

Maven acenou com a cabeça.

— Sim — Dane me disse.

— Nós enchemos a banheira — a morena indicou, apontando para trás. Seu cabelo ondulado não era tão longo quanto o da outra garota, mas era brilhante e lustroso.

— E depois que você tomar banho, vamos ajudá-lo a se vestir — a última garota que falou tinha seus compridos cachos tirados de seu rosto com um par de pentes.

Por alguma razão, Maven se sentiu totalmente tomada pelas belas garotas, cujos cabelos estavam soltos caindo em torno de seus rostos bonitos e dos ombros macios. Ela mal podia lembrar da última vez que tinha visto uma mulher adulta com o cabelo solto e foi atingida com uma força súbita que as três jovens já haviam sido possuídas e conheciam os segredos que ela iria aprender mais tarde naquela noite.

Juntas, as meninas foram para ela, uma dela a alcançou para remover seu vestido e a outra trabalhou no fecho de sua saia até que este pudesse ser empurrado pelos seus tornozelos caindo livre e suave pela pele dela, a última destrançou o cabelo dela com dedos ágeis.

Quando ela ficou nua diante delas, ela percebeu que todas estavam olhando com inveja para sua vagina sem pêlo. Devido a novidade de sua falta de pêlo, ela sentia-se ainda mais em exposição e finalmente disse:

— Algo está errado?

A morena balançou a cabeça. — Oh, não se importe conosco. Estamos apenas com inveja. Sua vagina parece tão bonita assim, tão lisa e feminina.

Só então ela se lembrou que Lavonia tinha dito que só os muito ricos podiam dispor da pomada.

— Posso tocá-la? - pediu a menina de cachos.

Maven ficou surpresa ao encontrar essas empregadas tão audaciosas, mas depois pensou em Lavonia, que nunca teve escrúpulos em relevar em torno dela ou sussurrar segredos escandalosos da equipe no ouvido dela. E da empregada ao longo da vida de sua mãe, Relah, a única pessoa em Caralon que vivia com Jalal dando ordens. Maven mal sabia o que dizer, até mesmo quando uma estranha e nova curiosidade formigou em sua região inferior.

— Um... Tudo bem - ela respondeu finalmente, não vendo nenhum mal nisso.

A menina ajoelhou-se diante dela, correndo os dedos suavemente sobre o montículo de Maven. Ela suspirou.

— Tão suave. Atrevo-me a dizer que é a pele mais macia que eu já toquei. Emocionada Ela olhou para a menina de cabelos lisos.

— Anya, você deve sentir-lo.

Anya não ajoelhou, mas simplesmente estendeu a mão curvada sobre a vagina de Maven, esfregando seus dedos ternamente sobre a pele para deixá-la formigando ainda mais do que quando ela saiu do quarto de Dane. Anya olhou para suas amigas.

— Oh sim, é bem lisa. Então ela moveu os olhos dela para Maven. Dane ficará satisfeito, tenho certeza.

Novamente, Maven esta perplexa pela resposta.

— Eu... espero — Esperava mesmo? Oh Ares, com certeza ela esperava!

As duas meninas olharam para a de cabelos negros.

— Quer sentir a vagina dela, Kaelen? A primeira menina perguntou.

Kaelen fez contato visual com ela.

— Perdoe minhas amigas, Maven. Elas não deviam ser tão avançadas.

De repente Maven sentiu-se sem ação diante delas, e como ela sempre se esforçou para relações amigáveis com suas empregadas domésticas, ela, mais uma vez, ficou sem saber como reagir.

— Está tudo bem - disse ela, acrescentando ainda: - Você pode me tocar se quiser.

O olhar fixo de Kaelen caiu sobre a fenda entre as pernas de Maven e ela sentiu o olhar fixo da mulher jovem mais do que o das outras. Maven achou que ela parecia intrigada.

— Se você tem certeza que não se importa — a morena disse.

Maven assentiu um pouco nervosa e um pouco excitada, esperando que nenhuma delas notasse.

Mordendo os lábios ligeiramente, Kaelen a tocou como Anya tinha feito. Embora seu toque demorasse mais tempo e fosse mais quente, o calor espalhou-se pela vagina de Maven até que ela se perguntou se estava molhando a mão de Kaelen. Quando a empregada finalmente retirou sua mão, ela girou abruptamente em um leve e rápido sorriso que fez Maven pensar que talvez ela tivesse deixado úmidos os dedos da menina bonita.

Kaelen e Anya tomaram as mãos de Maven e a levaram para a banheira, que ela não pôde deixar de notar era muito maior do que qualquer outra que já tinha visto. E, para sua surpresa, as duas garotas entraram junto com ela, a outra menina que se apresentou como Tally seguiu o exemplo delas até que todas estivessem dentro da banheira profunda e larga.

— Não posso deixar de notar seus vestidos — comentou Maven.

Foi Tally que respondeu.

— O nosso senhor nos enviou e nos instruiu a usá-los quando você se banhar.

Ela soube qual parte da resposta dirigir-se primeiro.

— Seu senhor?

Tally assentiu avidamente.

— Dane, é claro.

— Claro — Ela murmurou, atordoada. Aparentemente, as pessoas que trabalham para Dane o adoraram mais até mesmo do que ela tinha percebido.

— Anya acrescentou: Porque você é noiva dele, ele queria que fosse um banho muito especial.

Ele queria agora? Especial era um modo para descrever isto. Os vestidos das empregadas eram tão agradáveis como qualquer um que ela possuía. E apesar de ser servida pela Lavonia e outras empregadas, certamente ninguém jamais entrou na banheira com ela. Ainda assim e tudo, parecia que a cerimônia de casamento era cheia de tradições que alguns conheciam e outros não, então talvez esta fosse simplesmente uma outra.

— Você deveria relaxar e nos deixar fazermos todo o trabalho — disse Tally.

Maven ajoelhou-se na banheira e todas as empregadas se juntaram a ela. Perfume de rosas flutuava da água, levando-a a perceber as pétalas de rosas espalhadas, agora flutuando em torno deles na superfície da água. As empregadas pegaram todas as esponjas e novas peças de sabão de uma mesa que estava ao alcance.

Maven olhou enquanto elas ensaboaram as esponjas e estendiam a mão, começando a lavá-la. Anya segurou o cabelo de Maven enquanto gentilmente lavava-lhe as costas com a mão livre. Tally passou a esponja lentamente por um braço enquanto Kaelen vagorosamente lavava o outro. Os movimentos sem pressa das esponjas em sua pele eram ao mesmo tempo relaxantes e revigorantes, lembrando-lhe a seguir o conselho de Tally, relaxa e aprecia o banho.

— Devemos lavar o cabelo assim ele terá tempo para secar — disse Anya, levando as outras duas garotas a soltarem suas esponjas na água carregada de pétala de rosa que subiu até a cintura.

Foi então que Maven olhou para baixo para ver que os vestidos brancos das garotas estavam molhados e se agarravam nelas. Acima da superfície da água, as curvas dos seios e estômagos esbeltos eram reveladas. Abaixo da água, suas saias curtas se agarravam aos quadris e coxas e o ponto crucial entre os dois, revelando a mancha escura de pelos púbicos e desenho dos montículos delas quando as garotas se moviam.

Juntos, elas a inclinaram para trás na água, Kaelen e Tally apoiando suas costas enquanto Anya derramava jarros de água lentamente ao longo de seus cachos. Logo os dedos de Anya sensualmente massagearam o couro cabeludo até que os olhos de Maven caíram fechados de simples prazer.

Tremulando alguns momentos depois, ela viu o esboço do mamilo de Kaelen, de um marrom claro, ofuscado pelo tecido transparente do vestido dela. Seus seios fartos, bem como os menores de Tally, eram pressionados contra os braços de Maven enquanto elas a seguraram acima da água. Sua vagina se contraiu levemente. Ela nunca tinha estado tão perto de outras mulheres antes. Anya continuou a enxaguar o cabelo de Maven com mais jarros de água, e todas elas continuaram a banhá-la. Anya lavou os ombros enquanto Kaelen e Tally correram suas esponjas sobre seu estômago, e depois os seios com movimentos sensuais, as carícias estavam se aprofundando que ela quase não queria que elas terminassem.

— Levante-se de joelhos - Kaelen gentilmente instruiu, e em seguida, lavou-lhe as coxas e os quadris, enquanto Anya lavava suas nádegas bem como o vale entre elas. Kaelen passou a esponja sobre a vagina de Maven, certificando-se de lavá-lo completamente. *Esta será hoje à noite o centro da atenção de Dane* - Maven supôs. Ela mordeu o lábio quando a limpeza de sua vagina continuou tentando conter um suspiro de prazer quando a esponja passou sobre o clitóris.

— Ah, sim — Tally murmurou: Dane ficará realmente muito satisfeito quando vir esta adorável vagina. Você é uma mulher de sorte.

Maven não respondeu, particularmente não querendo pensar em Dane agora, ela simplesmente deixou a calmaria do banho sensual transportá-la para um lugar onde tudo era suave e agradável, onde não existiam problemas. Quando finalmente sua vagina parecia devidamente limpa e as garotas pararam de lavá-la, Maven deixou-se afundar de volta para baixo da água, agradavelmente ciente de que todas as três empregadas continuaram a acariciá-la com a pele macia das esponjas.

Deixando cair a cabeça para um lado, ela novamente avistou o seio de Kaelen, ambos seus seios estavam muito visíveis através do tecido branco que se agarrava às suas curvas,

os picos escuros empurrando o tecido transparente. Preguiçosamente levantando o olhar, ela avistou o lábio de Kaelen da cor de frutos maduros — pensou — e sempre tão, exuberante. Quando os olhos dela se encontraram com o cintilante olhar verde de Kaelen, a outra garota se inclinou e beijou suavemente seus lábios.

Ela deveria ter ficado atordoada e confusa, mas ela simplesmente se viu devolver o beijo, suavemente enrugando seu lábio em baixo de boca do Kaelen.

Só então o choque a atingiu, fazendo-a parar e recuar.

— Está tudo bem — disse Kaelen calorosamente, um sorriso bonito enfeitando-lhe o rosto. Dane deseja isto.

Maven piscou.

— O que? Por que?

A expressão de Kaelen suavizou-se, passando de sensual para amigável. Nosso mestre mandou dizer que eu deveria treinar você para beijar.

— Oh — Maven piscou mais uma vez, tentando pegar a explicação inesperada de Kaelen.

— Para esta noite - Kaelen prosseguiu. Ele deseja que eu mostre a você como é.

— Bem, então, sim, eu acho que está tudo certo.

Inclinando a cabeça, Kaelen inclinou-se para um outro beijo macio e Maven tentou parar de pensar, apenas aceitar e retornar o afeto delicado e, ela pensou que estava fazendo provavelmente bem até que Kaelen a chocou empurrando a língua em sua boca.

Maven moveu a cabeça para trás, mais uma vez, suspeitando que ela parecesse ainda mais surpresa do que após o primeiro beijo. Mas Kaelen apenas riu.

— Às vezes você usa sua língua — ela explicou. Quando eu colocar a minha língua entre seus lábios você a tocará com a sua própria.

— Com isso, Kaelen colocou a mão na nuca de Maven para puxá-la mais para perto, em seguida, retomou seus beijos, com lábios tenros, que construiu a confiança de Maven e fez a sua fome para algo mais profundo. Ousado, ela alongou o beijo movendo a boca sensualmente sobre a de Kaelen até que finalmente ela sentiu a língua da garota novamente. Desta vez, ela fez o que tinha sido instruída, pressionando contra a sua própria empregada, lambendo-a, deixando suas línguas circularem uma na outra.

Em seguida, ela se retirou para recuperar o fôlego, sua vagina cantarolou de prazer debaixo da água e ela encontrou-se pensando que sua vida provavelmente seria muito mais fácil se ela tivesse apenas que beijar Kaelen e não Dane. Claro, Claro que, assim que ela se permitiu o pensamento, sua vagina pareceu latejar na idéia do grande bruto.

E que, por sua vez, fez com que ela quisesse beijar Kaelen um pouco mais, desta vez foi ela quem estendeu a mão, tendo o rosto macio de Kaelen em suas palmas e compartilhar com ela uma enxurrada de beijos curtos, doces e sensuais que quase a viraram do avesso com o crescente desejo.

Finalmente, foi Kaelen que parou. Ela piscou para Maven com outro sorriso lindo e disse:

— Concordo com Anya, Dane é um homem de sorte. Você já domina a arte de beijar muito rapidamente.

— Bem — então disse Tally alegremente, tomando a mão de Maven e executando uma lavagem final de esponja sobre o comprimento do braço dela.

— Agora que temos você também banhada e beijando bem, temos o melhor vestido para seu casamento. Após Maven sair da banheira no tapete de pele, as três garotas com cuidado a secaram com o pano grande que trouxeram para aquele propósito. Em seguida, elas se revezaram se secando também.

Tomando a mão de Maven, Anya a levou para a cama onde elas tinham deixado um vestido de seda de ouro pálido.

— Selecionado por nosso mestre — disse antes de erguer e levantar o vestido delicado sobre a cabeça de Maven. O tecido ia quase até o chão e havia duas fendas grandes em cada lado que iam do tornozelo até a coxa. Em seguida, Tally e Kaelen envolveram sua cintura com um cinto de ouro brilhante, ligando logo abaixo dos seios para os quadris. Anya retrançou o seu cabelo, correndo uma fita de seda de ouro por ele.

Quando terminaram, todas lhe desejaram boa sorte e, antes de partir, cada garota deu-lhe um beijo leve nos lábios, deixando Maven atordoada com aquela agradável experiência sensual que até mesmo um simples banho havia se tornado.

Que dia! Que loucura misturada a um dia confuso. Primeiro, ela tivera um encontro estranho e cheio de luxúria com Dane, onde por Ares! Ele tinha beijado o pênis dele! E então o banho! E então o banho com as empregadas e seus trajes muito pegajosos e beijos quentes. E agora, agora ela estava para se casar!

No momento em que ela foi levada para encontrar Dane e o padre que ia realizar os rituais do casamento, ela se sentiu completamente fora do seu espaço. A lógica disse que ela devia estar sentindo algumas das mesmas emoções que ela tinha experimentado até este ponto, o medo do que estava para vir naquela noite, a raiva e o ódio de ser vista como propriedade de Dane.

Mas ela se sentiu tão exausta que nem mesmo uma boa dose de nervos podia ser encontrada dentro dela enquanto andava pelo corredor ao ar livre, rumo ao altar atrás do jardim de flores de Dane. Em vez disso, tudo o que ela sentia era uma estranha persistência de luxúria. Na verdade, seu corpo fervilhava com o desejo mais flagrante e uma fome que ela nunca tinha conhecido ou mesmo imaginado possível.

Tudo parecia irreal demais para ser verdade e a parte mais inquietante era saber que por todos os direitos a emoção tinha apenas começado. Quando o sol nascesse amanhã, ela estaria casada com um homem que desejava, mas desprezava. Ela ia suportar a festa de casamento, ela ia desempenhar o jogo sagrado dos azulejos de Maran e, finalmente, saber seus segredos e ela ia perder sua virgindade, saberia por bem ou por mal como seria ter o membro enorme de Dane dentro de seu corpo.

* * * * *

Dane ficou esperando no altar, em adornos feitos apenas para o dia do seu casamento. A calça de couro preta ainda abraçava sua ereção desenfreada apertando-a. Na parte de cima, ele vestiu uma túnica fina de seda branca com mangas longas e uma gola aberta.

— Você não acha que a noiva mudou de idéia? Perguntou o padre com um sorriso quando o sol por trás deles começou a descer, lentamente, transformando o céu em uma

vibrante cor de rosa. Dane olhou para o homem de meia idade debaixo de pálpebras sombreadas.

— A noiva não tem escolha.

— Ah! Disse o padre, claramente tentando esconder o seu desagrado por este tipo de casamento arranjado.

Dane parecia não ter se importado com que o homem achou - era a propriedade dele, e as fazendas dela alimentavam as aldeias vizinhas, mantinham todos no trabalho e davam ao sacerdote de Ares, uma população para servir. Sem mencionar que ele estava pagando o padre generosamente para este serviço.

— Não se esqueça de recitar a cerimônia correta - Dane lembrou a ele.

Existiam dois tipos, aquela para os casamentos de escolha e aquela para os casamentos dos reis e dos ricos, quando uma parte poderia se opor, mas não lhe era dada qualquer alternativa.

— Não se preocupe, o homem respondeu num tom ligeiramente bronco: Eu sei as palavras que eu estou prestes a dizer.

Quando Dane avistou Maven se aproximando pelo jardim, ele sentiu seu pênis crescer mais apertado. Por Ares! Havia uma parte dele que não conseguia entender, o fato de ficar mais duro e mais longo. No entanto, não era isso que ele queria? Ser tão grande para ela, tão cheio de luxúria que não ia deixar nenhuma dúvida em sua mente que ela pertencia a ele em todos os sentidos?

Ele sorriu para si mesmo quando ela se moveu em direção ao altar no vestido dourado, que drapejava os seios altos e revelava o comprimento das pernas a cada passo. Ele não podia deixar de lembrar que, enquanto viajava para buscá-la, ele pensou que a excitação prolongada também podia ajudá-lo em sua noite de núpcias, em que ele devia encontrá-la... Menos excitante, isso, entretanto, não era um problema. Ela era uma criatura adorável, neste momento mais do que ele já tinha visto. Ele só queria poder arrancar as tiras do cabelo dela, espalhar seus cachos com as mãos. Mas o que viria em breve... Seu desejo por ela era tão intenso que ele quase poderia prová-lo em sua língua.

Esse pensamento lhe lembrou a língua dela e do beijo em seu pênis. Quando ela se aproximou do altar para enfrentá-lo, ele olhou fundo nos olhos dela, se perguntando se ela tinha começado as aulas de beijo que ele tinha planejado para ela, se perguntando se ela tinha sua vagina latejando e seu coração já acelerado. Querendo saber se todos os seus métodos de excitação ao longo dos últimos dois dias haviam realmente deixado sua ardência para ele como ele agora queimava para ela. Como ele ou não, isso não importava, desde que ela queimasse por ele. Eles teriam uma longa noite pela frente. Primeiro, a cerimônia de casamento em particular, em seguida, os rituais. Ele estava mais do que pronto para começar e acenou para o padre começar.

— Dane de Rawley — O sacerdote disse em voz grandiosa — Você voluntariamente toma esta jovem mulher, Maven de Myrtell, filha de Enrick, o governante de Caralon? Você jura prover suas necessidades, para protegê-la de danos e para satisfazer seus desejos físicos para todos os dias da sua vida?

— Sim — respondeu Dane, claro e retumbante.

— Maven de Myrtell, filha de Enrick, o Governador de Caralon, você foi escolhida para se casar com Dane de Rawley, para ser sua esposa, dar-lhe os herdeiros e fazer sua vontade todos os dias da sua vida. Por esta cerimônia você está destinada a ele agora e para sempre.

O rosto dela ficou duro como pedra como sempre, mas para Dane isso não arruinou sua beleza, ele tinha se acostumado com a sua carranca e ele só lembrou-lhe que muito em breve ele estaria tirando o desgosto de seu rosto e substituindo-o por êxtase.

O padre voltou-se para Dane.

— Você tem um presente para sua noiva?

Em resposta, ele alcançou uma bolsa na cintura e tirou uma gargantilha de couro preto, incrustada de pedras preciosas brilhantes e raras especialmente encomendada. Maven engasgou quando a viu e até mesmo o sacerdote prendeu a sua respiração.

— Uma peça primorosa - o homem murmurou enquanto Dane se movia para ficar atrás dela, amarrando-a confortavelmente em torno de seu pescoço.

Quando ele a enfrentou novamente, o padre se dirigiu a ela mais uma vez.

— Você tem um presente para seu marido?

— Não — ela disse, com voz suave, mas firme.

Mesmo assim, Dane só lançou-lhe um sorriso perverso. Ele esperava que ela pudesse ler sua mente, — *Vou buscar o meu presente em você esta noite, entre suas coxas.*

— Muito bem — disse o padre, soando um pouco chateado pela falta de um presente.

— Então, eu acho que é tudo, vocês estão casados agora - disse ele, voltando-se para a cerimônia tradicional. Então ele moveu seu olhar para Dane, para as palavras finais, selando união.

— Ela agora é sua.

Capítulo Nove

Tão logo terminou a curta cerimônia, Dane pegou a mão dela e a levou de volta para a fortaleza. Ela soube que existia ainda um banquete de casamento para suportar antes do jogo de Maran e a noite de núpcias, mas ainda se sentia como um cordeiro sendo conduzido para o abate. A gargantilha que ele tinha dado a ela era a melhor peça que já tinha visto, mesmo dada a riqueza de seu pai e os luxos que ela sempre soube que estariam vinculados.

Quanto a Dane ele parecia absolutamente deslumbrante com as roupas de seu casamento, confiante do poder que ele tinha. Como foi o caso durante todo o dia, sentia-se dilacerada entre ódio e desejo por ele, mas desejo de ganhar. Na verdade, apesar de todos os seus medos subjacentes, o desejo parecia consumi-la. Em baixo de seu vestido, sentia sua vagina inchada.

Dane puxou-a através de uma porta diferente da que ela havia entrado — esta se abria diretamente em um grande salão, como o de uma casa e estava cheio de pessoas.

— Abram alas para o Dinamarquês e sua noiva! - Gritou uma voz profunda de algum lugar à sua direita, e quando um caminho para eles se abriu, ela ficou surpresa ao perceber que todo mundo, além de si mesma e Dane, usava pouca roupa. Os homens vestiam suas usuais calças de couro, mas seus torsos estavam nus, apenas alguns mais desportivos usavam tiras de couro que lhes atravessavam o tórax. As mulheres também usavam a vestimenta de couro e peles normais, mas o contorno era pecaminosamente curto e redondo nas curvas dos seios, que estavam quase nuas, coletes justos ou pedaços de couro amarrados sobre eles. Ela não conseguia acreditar na quantidade de pele que se revelava na sala enorme.

Dane a levou para o centro de uma mesa larga em volta do salão, toda a extensão da mesma estava adornada com inúmeras aves assadas, costelas de cordeiro, milho cozido, batata doce, maçãs e pêssegos, taças de frutas que incluíam bananas caras que ela sabia que eram vindas do sul e tinha muitas variedades de bolo e pão açúcarado para a sobremesa.

Toda a refeição era passada como um borrão enquanto homem após homem desejava-lhes saúde e prosperidade, uma vida longa com muitos filhos e um cidadão acrescentou:

— Para uma noite próspera com sua noiva virgem também! — Evocou o riso da multidão. Empregadas moviam-se constantemente enchendo as taças de vinho e tirando as travessas de madeira vazias para substituí-las por outras cheias. Maven bebia e comia muito de tudo o que lhe foi servido, como um meio de distração de toda a atenção empregada a ela. Ela teria que ser cega para não ver os homens olhando-a de soslaio e as mulheres relampejando olhares descarados de ciúme, então manter suas mãos ocupadas com comida e xícara ajudou-a a não notar tanto.

Enquanto a multidão seguia bebendo um vinho de cor ameixa, os brindes mais irreverentes começaram a encher o ar.

— Para o pênis poderoso do Dinamarquês — que ele possa preencher a virgem bem hoje à noite!

Uma mulher corajosa respondeu - E para a vagina virgem. Que possa se alargar bem para ele! — Novamente risos alegres ecoaram pela sala.

— Que Dane e sua noiva desgastem bem o colchão esta noite!

— Que seus seios estejam maduros e sua vagina úmida para ele! — Outra pessoa falou.

Ela não podia evitar pensar sobre o quão úmida sua vagina realmente estava — e aumentava a cada momento que passava. Ela nunca tinha sonhado que ia se sentir tão sensual e faminta na noite de núpcias para Dane, o terrível, mas a sua resposta física para tudo ao seu redor parecia fora de seu controle. O vinho também a acalmou, muito parecido com o seu banho mais cedo, não havia espaço para outra coisa senão desejo e prazer.

Oh! Certamente fragmentos de choque momentâneo ou repulsa ainda perduravam em momentos inesperados, mas as emoções eram sempre de curta duração em comparação com o desejo que parecia substituir o sangue em suas veias. Quando finalmente as bandejas foram esvaziadas e os alimentos ainda não tinham chegado, o homem que ela tinha visto transando próximo à janela de seu quarto, levantou-se perto do Dinamarquês e as conversas alegres em torno deles silenciaram, indicando que ele era um homem respeitado assim como Maven tinha pensado.

— Como vocês todos sabem, é tradição que o padrinho planeje um pouco de entretenimento para o noivo em seu banquete do casamento. Quando Dane me comunicou seus planos para casar-se com a adorável Maven de Myrtell, comecei a refletir sobre exatamente que tipo de evento eu faria para nós aqui hoje. Eu me perguntava: — O que o poderoso Dinamarquês mais gosta? — Kells deu uma pausa dramática. — Talvez uma sátira feita por uma trupe de atores que viajam?

— Não! — a multidão ecoou em uníssono, vaiando a sugestão.

Kells ergueu um dedo para seu lábio inferior como se ainda considerasse. — Talvez um músico, que fizesse uma serenata para o Dinamarquês e sua noiva com uma balada romântica de amor? — A multidão assobiou vaiando mais uma vez a sua sugestão, o som ecoando pelo teto. — Ou, talvez, um executor de truques impossíveis, alguém que possa ler as mentes e fazer objetos desaparecerem diante de nossos olhos?

Outra barragem de protesto confuso no ar.

Kells finalmente sorriu.

— Então, ocorreu-me que há duas coisas que o Dinamarquês preza na vida: a batalha e as mulheres.

Nesta, estridentes gritos e assobios de aprovação saturaram o grande salão.

— E uma dessas coisas lhe será dada pelo casamento, sim?

Maven ouviu umas reações mistas desta vez, alguns gritando de aprovação e outros de objeção.

— Então, para Dane de Rawley em sua noite de núpcias, eu escolhi trazer-lhe... Uma dança especial.

A maior parte da platéia caiu em silêncio, não sabendo muito bem o que esperar dada a falta súbita de explicação de Kells. Naquele momento, uma batida selvagem encheu a sala e sete mulheres de cabelos escuros saíram de todas as direções para formar um círculo

próximo a eles, todas vestindo tops de seda que mal cobriam seus seios e saias longas como o vestido de Maven, com fendas altas subindo de cada lado.

A multidão aplaudiu quando as mulheres começaram a balançar ao ritmo da bateria. Maven viu os movimentos fáceis das mulheres em uma dança sensual em que as costas se arqueavam e elas caíam dramaticamente de joelhos, e começaram a se tocar perdidas de excitação, as mãos vagando pelos seios, barrigas e coxas enquanto se moviam, parecendo absortas na música pulsante.

Cada mulher usava uma cor diferente — Maven notou.

Azul, amarelo, laranja, vermelho, todos os tons vibrantes que atraíam todos os olhares e movimentos dos dançarinos apaixonados.

Quando a mulher de azul ficou de pé no centro dos outros bailarinos, dois deles rastejaram sensualmente em direção a ela logo abraçando as pernas, chegando a acariciar a parte interna das coxas. A parte da frente de sua saia fina de seda caiu entre as pernas e Maven pôde ver a marca do seu montículo.

Ela quis olhar, quis pelo menos assistir a reação do dinamarquês para a dança provocativa que Kells organizou, mas ela sentiu-se como perdida em luxúria quando os dançarinos apareceram, mas ela foi incapaz de afastar seus olhos de seus movimentos sedutores.

As quatro mulheres subiram em pares de dois e começaram umas danças mais íntimas arqueando seus corpos juntos com a batida, unido vaginas e seios em um movimento lento, que causou excitação em Maven.

A multidão começou a assobiar de alegria. A umidade entre as coxas de Maven aumentava a cada movimento e ela se perguntou se a parte de trás de seu vestido ficaria manchada quando ela se levantasse. Ansiava desesperadamente para se tocar sozinha, ela realmente considerou, perguntando-se o que Dane faria se a encontrasse se acariciando por baixo de seu vestido.

Pior, ela também se pegou querendo chegar por baixo da mesa e começar a acariciá-lo, acariciar o pênis estupendo que ela sabia que repousava entre suas coxas.

Mesmo odiando-se por beijá-lo mais cedo, ela queria muito saber que parte dele era melhor. Quando a dança continuou, as mulheres se desfizeram de seus vários parceiros para reformular o círculo e começaram a mergulhar, girar e balançar com movimentos indomáveis que exibiam suas pernas e seios para melhor proveito.

Então, cada um alcançou a mulher pela sua direita e ainda balançando-se sensualmente, puxou uma corda que fez com que seus tops caíssem distantes! A multidão respondia batendo palmas e aplaudindo para cada seio bonito e redondo das mulheres que era exibido.

Maven mal podia acreditar que esta era uma festa de casamento, ainda que ela estivesse gostando.

Assim como mais cedo no banho, ela estava descobrindo a beleza de outras mulheres de uma maneira que nunca tinha imaginado. As mulheres acariciavam seus seios nus enquanto dançavam, ainda dentro de um círculo giratório para que o espectador tivesse a oportunidade de apreciar quando elas passavam.

À medida que o batuque aumentou em furor, a dança cresceu selvagem, quase irresponsável, as mulheres jogavam a cabeça para trás, empurrando de lado, os seios balançando, vislumbres de genitálias revelados por seus movimentos enlouquecidos. Todos eles começaram a rodar em círculos rápido, círculos selvagens que Maven mal podia ver. As mulheres se moviam tão rapidamente que cada uma delas tornou-se um borrão de carne e tecido.

A multidão aplaudia agora o tempo para a batida, que parecia ganhar força junto com os movimentos das mulheres, todos os olhos na sala se mantinham presos até que finalmente os dançarinos desabaram no chão em poses dramáticas quando soou a última batida do tambor.

Soaram estridentes gritos da multidão e mesmo Maven aplaudiu com grande fervor, sentia-se espantada com a dança e dinamizada pela acentuado senso de excitação que sentiu depois de ver isso. Embora os tambores cessassem, sua vagina ainda pulsava contra a sua cadeira.

Enquanto os dançarinos começaram a divergir, o Dinamarquês ficou de pé e ergueu a taça alta.

— Um brinde generoso para Kells pelo entretenimento excitante em meu casamento!

— Taças em torno do quarto eram ansiosamente levantadas e um pequeno elogio soou para kells, mas acalmou quando Dane continuou.

— Eu não posso pensar em um final mais agradável a esta grande festa, nem um começo mais adequado para os Rituais da Paixão!

Rituais de paixão? Enquanto vozes selvagens gritaram em acordo, Maven ficou perplexa com as palavras que seu novo marido tinha acabado de proferir.

Mesmo em meio a sua excitação, o pânico se apossou dela.

Ele sentou-se e se inclinou para ela, lançando outro dos sorrisos perversos que ela tinha esperava dele.

— Agora, minha noiva virgem, é hora de você ir.

Ela piscou.

— Ir? Onde?

Ele riu e depois falou baixinho. — Não tema, Maven. Você será devolvida para mim muito em breve, assim que tiver sido preparada para os rituais.

— Mas o que são esses rituais? Eu não estou familiarizada com o termo que você acabou de usar. Seu coração ameaçou parar no peito.

— Você é uma menina tão difícil — disse ele em uma gargalhada. — Mas não se preocupe, você vai entender muito em breve. Todos os mistérios serão esclarecidos.

Ela olhou para cima para ver Kaelen, Anya e Tally todas ao seu lado, vestidas com os mesmo vestidos brancos e curtos de antes, só que agora secos.

— Venha! — disse Kaelen, os olhos verdes parecendo chegar a Maven. — Você tem que vir com a gente. — Maven estava totalmente confusa.

Talvez fosse o vinho. Mas não, mesmo que ela não tivesse bebido uma gota, ela ainda não tinha idéia do que estava acontecendo ou o que iria acontecer a seguir.

Quando Kaelen pegou sua mão e puxou-a suavemente para perto dela, ela não tinha outra escolha a não ser ir.

Kaelen levou-a pelo grande salão com Anya e Tally seguindo logo atrás. Como quando ela tinha entrado com Dane, a multidão de pessoas seminuas se separou para vê-las passar. Logo que chegaram ao corredor, virou-se para Kaelen.

— Dane disse que era hora de começar os Rituais da Paixão. Quais são esses rituais? Ninguém me falou nada sobre rituais.

Atrás dela, Anya e Tally riram, mas Kaelen ofereceu apenas um leve sorriso enquanto caminhava para frente.

— É parte do que eles mantêm em segredo para as meninas reais. Mas não tenha medo. É simplesmente a parte da noite quando você executa o jogo dos azulejos Maran.

Ao entrarem no quarto de Maven, as meninas começaram imediatamente a despi-la e Anya trabalhou para desenrolar o tecido de ouro que circulava o seu corpo, então Kaelen e Tally juntas ergueram o vestido de noiva acima de sua cabeça para deixá-la nua diante delas uma vez mais, com exceção, ela lembrou, da gargantilha cravejada de pedras preciosas ao redor de seu pescoço. Em certos momentos ela havia esquecido que estava lá, em outros momentos, no entanto ela estava perfeitamente consciente da forma como a fez se sentir um pouco excitada. Antes de Maven perceber o que estava acontecendo, Anya havia colocado uma série impressionante de vestidos sobre a cama.

Uma faixa de couro preta, uma saia também de couro preto minúscula e um par de botas altas de couro, que eram usadas no inverno. Só que não era inverno e não pareciam estar forrados.

— Venha! — Kaelen disse, apontando a cama para Maven. Juntas, Kaelen e Tally pegaram a ampla faixa de couro e a apertaram em torno de seu peito até que ela pôde sentir Anya fazer os laços atrás. A peça encaixou-se bem em seus seios, mas...

— Meus mamilos mal estão cobertos, — ela disse.

Tally recuou alguns passos para olhar. — De fato. Adorável — Disse ela.

— Mas...

— Venha, — Kaelen disse, movendo Maven em direção a cama. — Kaelen pareceu ler sua mente. Ela levantou a mão, tocando delicadamente com os nós dos dedos a curva do seu seio direito, enquanto ela falava com Maven.

— Tem que ser desse modo. Tem que fazer você parecer como uma deusa sexual, uma mulher digna do próprio Ares.

Maven engoliu. — Mas Dane disse que eu seria levada de volta para ele. Ele quis dizer no grande salão?

Como sempre, Anya e Tally deram uma risadinha ante a sua inocência enquanto Kaelen respondeu. — É uma cerimônia sagrada que deve ser feita. — Então ela sorriu. — Mas no caso de você não ter notado, os participantes da festa não usavam roupas mais do que isso, então você estará em boa companhia quando voltar.

É verdade — Maven pensou. Mas ela ainda não poderia deixar de se sentir envergonhada.

Kaelen e Tally ajustaram a fina saia sobre os quadris de Maven e novamente Anya apertou os laços em cada lado. A saia mal cobria as coxas delas e ela se perguntou se poderia andar sem mostrar sua genitália. Então as empregadas a ajudaram a colocar as botas que iam até suas coxas.

Só quando ela estava completamente vestida que elas a levaram para a sala para comparecer perante um enorme espelho, o maior que ela já tinha visto, fixado na parede. Ela estava mais uma vez emocionada e intimidada com sua aparência. Ela parecia realmente uma mulher não uma menina e não qualquer mulher, mas uma mulher pronta para o sexo.

Apenas seus cabelos não estavam arrumados. — E o meu cabelo?— Ela perguntou, ainda olhando para o seu reflexo.—Quando ficará solto?

Kaelen sorriu. — Você está ficando ansiosa, — ela disse. — Isto é bom. O dinamarquês ficara contente. Quanto ao seu cabelo, remover sua trança é parte da formalidade.

— Você ficará tão bonita quando seu cabelo puder cair ao redor seus ombros, — Tally disse.

— O dinamarquês será incapaz de resistir a você — Anya falou.

Maven prendeu sua respiração e seu peito arfava dentro da faixa apertada e pareciam inchados acima do couro que mal a cobria. Ela ainda não gostava do Dinamarquês e pensava que ele era um bárbaro absoluto. E permanecia chateada sobre a possibilidade de se tornar sua esposa, sua possessão. Mas, Ares! Ela não podia negar que ansiava por ele, que o queria, a sua vagina ansiava pelo toque dele, e sim, até mesmo por seu pênis.

De alguma maneira aquela parte de seu corpo parecia... vazia, precisando ser preenchida, ela compreendeu que era um desejo de vários eixos que ela tinha visto na semana passada e, mais especificamente, por Dane. Ela tentou banir sua timidez enquanto era levada pelas três empregadas de volta ao grande salão.

No momento em que Anya e Tally abriram as portas de madeira, outro caminho foi aberto, em linha reta no meio da sala. As mesas da festa tinham sido removidas e agora no extremo oposto da sala estavam dois pedestais de grande porte, um de frente para ela, sobre um trono estofado em seda vermelha. Kaelen caminhou à frente de Maven enquanto Anya e Tally seguiam atrás. Maven sentiu todos os olhares sobre ela enquanto andava, os saltos de suas botas clicando sobre o chão de pedra lisa. No final da passarela montada Kaelen caminhou em direção ao palco, Maven a seguia se perguntando se sua vagina podia ser vista sob a saia de couro minúscula, que formigava loucamente.

Kaelen mandou que ela sentasse na cadeira vermelha, de frente para a multidão. A principal pessoa que ela via, porém, era o dinamarquês. Seu próprio pedestal era muito menor que o dela, uma plataforma circular não muito longe. Ele se sentou em uma cadeira semelhante, de frente para ela e ela ficou com a impressão imediata que era a cadeira de um espectador ao invés de um participante para o que estava prestes a acontecer. Ele estava lá para assistir.

As empregadas já haviam desaparecido na multidão, mas um minuto depois, Anya e Tally reapareceram carregando com elas uma pequena mesa de madeira, sobre ela uma placa Maran, os azulejos já cuidadosamente guardados na formação piramidal, para o jogo. Ninguém lhe disse para começar a jogar, mas todos os olhos repousavam sobre ela, aguardando esta parte importante da sua noite de núpcias, então ela começou a retirar os azulejos, dois a dois, combinando-os.

Ares! Ela sabia desde o início que seria um jogo difícil. Estar em um palco na frente de tantas pessoas tornava difícil se concentrar e a presença de Dane apenas aumentava a

distração. Não só isso, mas a quantidade de vinho que tinha consumido durante o jantar deu-lhe uma sensação de desequilíbrio. Rapidamente, ela chegou a um ponto onde os azulejos tornaram-se difícil de combinar e ao contrário de sua prática em casa, ela estava tendo problemas tentando pensar como seguir em frente sem quebrá-los completamente.

Concentre-se! — ela ordenou a si mesma.

Aha! Ela conseguiu dois — pés de pássaros —, como ela gostava de pensar sobre aquela forma geométrica específica, e debaixo de um deles achou a combinação para outro azulejo que estava aguardando — o par formou a figura que ela chamou silenciosamente de “silêncio das ondas”.

De repente o jogo estava fluindo melhor, sua concentração tinha retornado e sua confiança nos azulejos Maran também. Ela estava removendo ladrilhos em um ritmo rápido agora e logo desceria para os últimos.

Só então ela percebeu que não havia mais combinações no jogo.

Olhou novamente.

Quanto mais ela procurava, menos combinações podiam ser encontradas.

E ela deixou... Oh não, uma quantidade espantosa! Um número vergonhoso. Ela não tinha jogado tão mal desde as suas primeiras sessões há um ano ou mais.

— Pelo amor de Ares! — Continuou estudando a placa, na esperança de encontrar outra combinação ou duas, mas elas simplesmente não estavam lá. Na sua noite do jogo sagrado, ela jogou mal. Mordendo o lábio, ela olhou para cima em direção a Dane, em seguida, em direção às três empregadas que tinham ficado a apenas um ponto abaixo de seu pedestal.

Ela não sabia ao certo o que fazer ou o que ia acontecer agora.

— Este é o jogo completo? — Dane perguntou em voz alta o suficiente para sua voz ecoar pelo salão. Ela estava tão nervosa de repente, que temia que não pudesse responder. Apenas acenou com a cabeça.

— Kaelen! — disse ele — tome as peças.

Kaelen correu pelos degraus do pedestal, seus seios saltando levemente enquanto ela subia. Desempilhando o que restou da pirâmide de azulejos, arranjou-os no tabuleiro de acordo com o símbolo. Anunciou para Dane e a multidão:

— Dois pares de azulejos formando seios, um par de azulejos formando uma vagina, e três pares de azulejos formando um pênis.

Um som de reverência veio da multidão, o que atingiu Maven como um golpe pela primeira vez: os símbolos nos azulejos representavam partes do corpo e... Talvez ações? Mesmo agora, ela não tinha idéia do que alguns deles podiam significar, mas de repente ela pôde ver que os cilindros longos sobre os azulejos representavam um pênis, que o diamante de formas arredondadas indicava uma vagina. Talvez isso explicasse porque às vezes ela sentia-se excitada depois de praticar aquele jogo.

Mas tudo isso pouco importava agora. Tudo o que ela podia fazer era se perguntar o que significava e o que aconteceria com base no resultado do jogo. A risada de Dane foi abafada pelo coro fascinado da multidão, quando ela percebeu seu olhar divertido.

— Então você é inábil com os azulejos Maran, minha pequena noiva? Eu não tinha antecipado isso, ou os meus planos ao longo dos últimos dois dias não teriam dado certo.

Ela não fazia idéia do que ele estava falando, mas estava muito inquieta para perguntar.

— Considerando tudo isso, no entanto — ele continuou — eu não poderia estar mais satisfeito com a sua falta de perícia. E eu acredito que, antes de tudo isso acabar, você será feliz por ela também.

Com isso, ouviram alguns risos maliciosos vindos da multidão. Finalmente, ela encontrou sua voz.

— O que vai acontecer agora?

— Você verá - disse ele e então começou a olhar por sobre a multidão e, para sua surpresa, chamar os nomes dos homens. Cada um dos homens que ele chamava facilitou seu caminho entre a multidão até a linha que ficava antes de seu pedestal e ela se achou uma vez mais curiosa se sua vagina podia ser vista por eles.

Quando todos os homens se reuniram, sendo o último o familiar Kells, melhor amigo de seu marido, Dane se dirigiu a cada um deles. Havlin e Galt, você deve tomar os seios. Van, Skylar, Melton, os pênis. E Kells, a vagina é toda sua, meu amigo.

Então ele voltou sua atenção para Maven, que tinha começado a tremer com a estranha mistura de medo e antecipação que ela nunca tinha experimentado antes.

— Maven, minha noiva, nós estamos prestes a começar com os rituais da paixão. Esses rituais, determinados pelo jogo Maran, são projetados para aprontá-la para o leito conjugal e para a perda de sua virgindade. Os azulejos que você deixou nas placas são acreditados como predestinados, para lhe dar exatamente o que você precisa.

— O que eu... Preciso? — Perguntou ela, tentando manter sua voz trêmula.

Dane sorriu. — Sim noiva, o que você precisa. O que você precisa para estar pronta para mim quando formos para o quarto esta noite. Meus homens foram selecionados para fornecer-lhe os estímulos estabelecidos pelas peças remanescentes de modo a excitá-la, para prepará-la para o leito conjugal e a perda de sua virgindade. Seu trabalho, noiva, é relaxar e apreciar, deixar meus homens completarem suas tarefas, deixar o destino das azulejos Maran ser jogado. Você gostaria de outra taça de vinho antes das cerimônias começarem?

— Sim, — ela murmurou, totalmente atordoada. Não que ela precisa-se ser mais embriagada do que já estava, mas qualquer coisa para protelar o que estava por vir.

Anyu subiu as escadas carregando uma taça de vinho doce.

— Você tem que beber rápido, Maven - disse Dane, com uma pitada de provocação e gozo em sua voz — Eu esperei tempo suficiente para assistir a este evento sagrado e estou pronto para testemunhar o seu prazer.

Capítulo Dez

Na insistência de Dane, Maven nervosamente bebeu o vinho, quase esvaziando o cálice com longos goles da bebida. Ela terminou o último gole, atenta a todo o mundo que estava servindo a mesa, a ansiedade dela aumentando a cada segundo. Assim que terminou, Anya voltou para tomar-lhe o cálice e Kaelen subiu na plataforma também. Ela parou imediatamente diante de Maven e a olhou nos olhos.

— Você está pronta?

Não. Por Ares! Como alguém poderia estar pronto para o que não sabia que ia acontecer?

— Sim — disse ela de qualquer maneira, o sabor do vinho ainda persistente em sua língua.

Então, Kaelen virou-se para a direita e balançou a cabeça em direção a alguém que Maven não podia ver e uma batida lenta começou a ecoar pelo corredor. Kaelen moveu-se com o ritmo, indo para trás da cadeira de Maven para começar a desfazer as tranças de seu cabelo — as tranças que significavam a sua inocência... Não por muito tempo — ela supôs.

Balançando ao pulso firme do tambor, Kaelen desenrolou os cabelos e Maven os sentiu cair soltos. Kaelen trabalhou rápido como a batida e começou a acelerar, até que finalmente os cachos caíram livres. A batida estava muito forte agora, um ritmo selvagem que Maven sentiu em seu coração e em sua vagina quando Kaelen tomou grande cuidado espalhando seus longos cabelos em torno de seus ombros.

— Vamos começar os rituais! Dane gritou sua voz preenchendo o grande salão.

Os dois homens que ele tinha chamado Havlin e Galt começaram a se aproximar da escada. O estômago de Maven se contraiu de horror, embora ela não pudesse negar que ambos eram atraentes e a ideia de tocá-los não era totalmente desagradável. Havlin era um homem de cabelos escuros, pele morena e olhos castanhos que, quando eles se conheceram, emitiram um sinal de fogo. Galt era ligeiramente mais velho e pálido, mas não menos belo, com longos cabelos loiros puxados para trás em um rabo de cavalo. Ambos os homens estavam vestidos com calças de couro e sem camisa, só com as faixas de couro que atravessavam os torsos musculosos.

Maven se sentia impotente, como presa, enquanto os dois homens se postavam de cada lado da cadeira. Ela mordeu o lábio, nervosa e excitada, então observou quando um se aproximou, deixando as costas da mão roçar levemente sobre o cume de seu seio. Uma chama de desejo e luxúria a atravessou, indo parar em sua vagina.

Galt se debruçou mais próximo, roçando as pontas dos dedos lentamente em toda a carne pálida do seu outro seio. Mais uma vez, uma dor aguda de prazer se propagou com o toque e a umidade aumentou em sua vagina lá debaixo da saia curta de couro.

Agora, Havlin estava inclinado depositando beijos suaves em seu seio, cada um deles era um pouco como uma chocante agradável picada de abelha que a deixou suspirando com o calor. Quando Havlin recuou, ela olhou para Galt em antecipação. Repentinamente aquilo não era mais tão terrível, mas, mais como uma viagem, uma viagem muito boa e quente.

Galt a beijou deixando sua pele em chamas entregue aos mesmos prazeres ainda mais quando a sua mão veio por baixo, alcançando a parte inferior do seio através do couro. Ela o viu beijar e amassar levemente sua carne sensível.

Quando Havlin voltou, no entanto, Galt não recuou. Ambos os olhos dos homens estavam sombreados agora, olhando extasiados para os rituais para os quais eles tinham sido escolhidos.

Mais — ela pensou. *Eu quero mais.* Porque aquilo era deliciosamente encantador. E porque seu marido queria, ele assim o exigia. Porque ele tinha prazer com o prazer dela. Mesmo assim, apesar de seu ódio por ele, ela ansiava para excitar o gigante. Sua vagina cantarolou.

Havlin também começou a acariciar seus seios através do couro e em seguida, como se tivessem planejado, cada homem retirou as tiras de couro que escondia seus mamilos dobrando-as ordenadamente para que a parte inferior ainda permanecesse dando suporte, mas seus mamilos foram descobertos.

Maven estava apenas vagamente consciente da reação da multidão - alguns suspiros pesados, uns gemidos masculinos - enquanto os homens começavam com ternura a acariciar seus seios, amassando-os delicadamente, girando e apertando seus mamilos retesados. Cada toque parecia ligar diretamente em sua vagina e ela se perguntou como sua pobre vagina poderia agüentar esses tormentos e outros que estavam por vir.

Ela sentiu seus seios levemente alcançados pelas mãos capazes dos homens. Mas, principalmente, sentia os olhos de Dane em cima dela, escuros e penetrantes. Havlin curvou-se para depositar uma lambida lenta ao redor de seu mamilo e, oh, Ares! Se ela não estava excitada antes certamente estava agora! Seu suspiro ecoou e ela se sentiu perdida nas sensações enquanto observava o homem de pele escura arrastar sua língua molhada em um círculo em volta do pico duro de seu seio.

— Mmm — ela ronronou em resposta, sua vagina inchando.

Galt também se inclinou, mas em vez de lamber, colocou a sua boca em torno do mamilo dela e o sugou.

—Oh! — Disse ela, ensopando a cadeira. Ela o observava na tarefa e sentia uma sensação maravilhosa atravessá-la. Ela mordeu o lábio e instintivamente levou as mãos para fincá-las nos cabelos dos homens e também para mantê-los no lugar, o que ela não queria era que eles nunca parassem.

Foi então que o olhar dela voou para cima e travou com o de Dane. Os olhos dele estavam semicerrados, seus olhos azuis eram como fogo queimando sobre ela. Ele parecia satisfeito e excitado. Se alguém lhe tivesse dito no dia anterior que ela ia encontrar-se em tal posição, ela teria jurado que seu olhar estaria longe do dele, teria ficado horrorizada em ter mãos e bocas masculinas e estranhas sobre ela, sem falar que tudo isso aconteceria em público. Mas nada era como ela poderia ter previsto que seria com o Dinamarquês, o anormal virou normal, o impossível virou natural e fácil e bom.

Os olhos dele nela, só aumentavam a queimadura lenta em sua vagina. De repente, seu prazer parecia que era o prazer dele também. E as mãos e bocas que a acariciavam com certeza não eram do Dinamarquês, no entanto, ela quase sentia como se fossem. Ele

escolheu estes homens para ela, apesar de tudo. Ele queria ver isso acontecer, queria vê-los dar prazer a ela.

Ela mordeu o lábio e olhou profundamente nos olhos dele enquanto os homens em seus seios se tornaram mais voraz. Ambos sugavam fortemente agora, deixando-a indefesa, mas a suspirar e gemer nas sensações.

— Van — Disse ele — sem nunca tirar os olhos dela. Traga o primeiro pênis.

Ela deveria ter ficado com medo de novo pela ordem, mas ela não ficou. Seu prazer era muito profundo e seu novo marido pretendia dar mais daquilo para ela.

O jovem de cabelos amarelados que caíam em ondas em torno de seu rosto, lembrava-lhe um pouco de Donnell. Quando ele se aproximou dela, ela esperava com alguma antecipação para que ele revelasse seu pênis, mas para sua surpresa, em vez disso ele tinha nas mãos um objeto cilíndrico e liso que representava o membro de um homem. O mesmo era consideravelmente menor do que aqueles que ela tinha visto até agora, tanto em largura quanto em comprimento.

— Separe suas pernas, noiva — Dane instruiu com uma voz que não deixava margem para discussão.

Ares! Há dez minutos a idéia lhe teria sido uma abominação, mas agora Maven simplesmente fez o que lhe foi dito, separando as suas pernas na largura da cadeira. Ela observou que a ação empurrou sua saia minúscula para os quadris, revelando a sua boa vagina, aberta e rosada, para que todos pudessem ver.

Novamente, a multidão na sala respondeu com respirações e suspiros sensuais, mas Maven estava demasiada perdida com os rituais para preocupar-se. Havlin e Galt ainda lambiam e sugavam seus seios enquanto Van ajoelhava-se entre suas coxas.

Ela esperou que ele mergulhasse o objeto em uma tigela pequena de algo molhado e pegajoso. Então ele o equilibrou gotejante em sua vagina.

— Mais amplo! — Disse Dane e ela sabia que significava para ela separar ainda mais as pernas, ainda mais amplo. Ela obedeceu, sutilmente ciente do objeto que se empurrava contra sua vagina.

— Agora! Disse Dane a Van e o rapaz começou a fazer pequenos e sensíveis golpes onde ela sabia que devia abrir-se para ele. Uma parte ela não podia imaginar, de querer tal objeto dentro dela, mas o seu lado mais sensual ansiava por alguma coisa, pela vara lisa em sua entrada para aliviar sua dor.

Como os outros dois homens continuavam se deliciar com os seios sensíveis, Maven mordeu o lábio e encontrou-se voluntariamente empurrando contra a pequena haste em sua abertura. Quando lampejos de sanidade bateram sobre ela, ela não podia acreditar que esta era ela, a corajosa, hábil e forte Maven que jurou nunca querer Dane, o terrível... Mas ela queria. Oh, ela queria e toda a sensação e movimento agora pareceram inegavelmente ligadas a ele.

Ela prendeu sua respiração quando a vara fina entrou lentamente em sua vagina. Foi uma sensação estranha, para ser sincera, mas quase tão rapidamente como aconteceu, ela ansiava por algo mais ali.

— Oh! Ela gritou em um sopro de alegria quando Van começou a mover o pequeno eixo para dentro e fora dela. Oh Ares! Soluçou, entendendo que este que a estava possuindo foi

o homem escolhido por Dane, ele era jovem e estava transando com ela, simulando o acontecimento real.

Novamente ela mordeu o lábio, arquejando os quadris ligeiramente para fora da cadeira para encontrar os impulsos. Ela ainda segurava Havlin e Galt contra seus seios, as mãos firmes nos cabelos deles. Ela começou a se sentir tonta, como se ela estivesse flutuando, como se todos eles estivessem em alguma nuvem branca fofa e alta em cima de Caralon.

— Skylar, o próximo pênis — Dane anunciou, quebrando o feitiço em que ela estava e ela tornou a se perguntar por que precisava de um outro, quando o que estava com Van estava fazendo um bom trabalho. Engasgou quando de repente ele se retirou e o olhou em choque. *Por que você está parando?*

A risada de Dane atraiu seu olhar para ele mesmo quando sua vagina parecia murchar na perda da ferramenta de Van.

— Não tenha medo, noiva. Este próximo pênis encherá você muito melhor e ainda mais e a tornará mais preparada para mim.

Risos silenciosos e vigorosos flutuaram pela multidão, mas tudo que Maven podia se concentrar era na necessidade urgente que atravessava seu corpo e na sensação dos olhos de Dane em cima dela e como ela se permitiu ter prazer com todos os outros homens.

Skylar era jovem e loiro, tinha uma expressão de confiança e o eixo de argila em sua mão não era tão mais ampla e mais longa do que Van tinha usado. Suas coxas permaneceram abertas e ele olhou para sua vagina com uma fome inegável que fez seu interior ainda mais quente. Em certo sentido, ela estava começando a ter um pouco de medo deste pênis que era muito maior, mais parecido com os dos meninos que tinham possuído Lavonia durante sua Orientação, contudo o corpo dela ainda queimou para levá-lo dentro dela.

Ajoelhando-se diante dela, o homem louro mergulhou o pênis falso na mistura pegajosa, a mesma que Van tinha usado alguns minutos mais cedo, em seguida, pressionou a cabeça do eixo contra ela. Ooooooh, Ares! Ela o queria dentro dela enquanto Dane assistia. *Por favor, agora!* A súplica era silenciosa, mas desesperada.

— Entre nela! Dane disse com sua voz profunda e autoritária.

Mas quando Skylar tentou empurrar o eixo, ele imediatamente encontrou resistência. *Ah, não!* Exatamente como ela tinha temido, era muito grande.

— Empurre até que a abra! Dane o instruiu, com a voz um pouco mais suave. Então ele se dirigiu a Maven.

— Coloque a cabeça para trás contra a cadeira e feche os olhos, noiva. Relaxe e sinta-o, deixe que isso aconteça. - Desta vez, sua voz era um zumbido baixo, enquanto relaxava surpreendentemente em si mesmo.

A respiração de Maven estava pesada, mas ela tentou seguir o seu rumo e fechou os olhos, tentando subir mais uma vez nas nuvens altas no céu. Ela concentrou-se em seus seios, no contínuo lambido de Havlin e Galt tão habilmente entregue. E quando a movimentação suave do pênis de barro encontrou sua vagina, ela suavemente empurrou-se de volta, percebendo que se tentasse ajudá-lo ia facilitar o seu caminho para dentro, encontraria uma forma de ajuste. Oh Ares! A ponta da haste foi empurrando, esticando-a, estendendo-se mais largo. Ela não pensou em abafar seu gemido sufocante, uma vez que ela

entrou. Seus olhos continuavam fechados e ela continuou tentando afundar cada vez mais profundamente na nuvem, relaxar o corpo mais ainda ante a pressão suave mantida.

— Oh... oh! — ela gritou quando a ferramenta a encheu. Sua entrada veio com um estouro breve de dor que desapareceu tão depressa quanto começou.

Ela abriu os olhos e encontrou o olhar vigoroso de Dane.

— Bom, agora a possui - disse ele para Skylar, ainda olhando profundamente nos olhos dela. — Possua sua adorável vagina virgem para mim.

Como Van antes dele, Skylar começou a aliviar o eixo para dentro e fora dela. A preenchia completamente, fazendo-a sentir-se excitada e fraca. Ela não podia resistir a olhar para baixo, a vê-lo deslizar lentamente em seu corpo.

— Está certa, minha pequena noiva, — disse Dane, sua voz baixa a estimulando mais uma vez. Observe esse pênis deslizar em sua vagina, observe o modo que você o toma.

Ela se perdeu no ritmo lento, na maneira que a enchia.

Os homens em seus seios pararam de sugá-la para olhar também, mas suas mãos continuavam a acariciar e a beliscar.

Quanto mais? Ela quis perguntar. Quanto mais deste eu devo tomar? As cerimônias eram de uma vez emocionantes e frustrantes. Ela queria - como Lavonia chamava isso? - gozar, sim ela queria gozar. Precisava gozar. Precisava disto como ela precisava respirar. Mas, enquanto o eixo de barro deslizava dentro e fora dela, os movimentos se tornavam mais fáceis enquanto os minutos se passavam e ela não se sentia particularmente próxima de gozar. O prazer era grande, mas o gozo estava distante.

Por causa de seu clitóris, ela supôs. Lavonia tinha lhe explicado que era a estimulação do clitóris de uma mulher que lhe dava um orgasmo.

Ela estava tentada a se tocar sozinha, como ela tinha feito durante sua orientação. Depois de toda esta excitação selvagem, gozar seria um alívio muito bem vindo. Mas ela sentiu que não era para ela fazer sua própria estimulação e o medo de ser repreendida por Dane na frente de todos a impedia de ser tão ousada.

— Melton, possui-a com o último pênis, — disse Dane.

Quando Skylar tirou o eixo que tinha empurrado nela, a perda foi dolorosa, tanto que ela choramingou. Dane estava sentado com o queixo pousado em cima de um punho, olhando completamente excitado por sua aflição.

Quando Melton, um homem musculoso, de pele pálida e cabelos negros, veio com um instrumento ainda maior, Maven temeu que ele nunca entrasse nela. *Mas se ele entrasse, oh, seria um prazer.* O pensamento pareceu fazer sua vagina florescer com umidade fresca e ela esperou para ajudar a entrada. Ela sentiu seus quadris se levantando, quase involuntariamente para a ferramenta ainda antes de esta ser preparada no local.

Dane soltou uma gargalhada.

— Não faça minha pequena esposa gulosa esperar. Dê-lhe o que ela anseia!

Após a rápida imersão do pênis enorme, tão grande quanto o de Donnell, na substância escorregadia, o bonito Melton empurrou a ponta contra a abertura molhada dela. Para sua alegria, a cabeça ganhou entrada imediata fazendo-a chorar baixinho.

O homem moreno contemplou sua vagina como se levasse sua tarefa muito a sério e os olhos dele lá, combinavam com a sensação de aquecimento causada por Dane.

O olhar intenso a fez mais quente e úmida. Ela aproveitou e empurrou-se mais profunda sobre o eixo de barro. Mesmo Dane soltou um pequeno som de prazer, o que a encheu de profundo desejo no qual ela não conseguia compreender.

Ele me quer também. Eu o excito da mesma maneira que ele me excita. Ela sabia antes, claro, mas provocar tal reação num homem tão cheio de controle de tudo a fez sentir o seu desejo.

Melton empurrou a ferramenta enorme mais fundo dentro dela, enquanto Havlin e Galt alternavam-se entre beijar seus mamilos e parar para vê-la sendo possuída. E então estava todo nela e ela gritou pela forma como encheu sua vagina. Impulsionava nela quente e profundo, enquanto ela apertava Havlin para que voltasse para seus seios. Precisando de suas lambidas agora mais do que nunca Sua cabeça caiu para trás, olhos fechados enquanto ela recebia o grande membro, sendo possuída com todo o entusiasmo que tinha aprendido com Lavonia.

Perdida. Essa era a única palavra que descrevia como se sentia. Perdida para a luxúria, perdida nas sensações, perdida para o momento, perdida para os rituais da paixão. Perdida para Dane e seus desejos.

— Kells, você pode começar agora, - disse Dane.

— Você deseja que eu pare? Melton perguntou, ainda de encontro a ela, empurrando o eixo rígido.

— Não. Apenas um passo para o lado para que Kells tenha espaço para trabalhar.

Oh, muito obrigada Ares! Ela não tinha noção do que Kells poderia acrescentar à mistura, mas ela não poderia ter sido mais feliz ao saber que este pênis não seria tirado. Deitou-se na cadeira, tanto quanto possível, permitindo a seus quadris se erguerem mais avidamente contra aquilo. *Sim, oh sim, tudo bem!* Mas ela ainda queria mais, queria gozar. Desesperadamente!

Melton deslocou-se para um lado e continuou dirigindo o eixo de argila nela quando Kells ajoelhou-se entre suas coxas. Ele estudou sua vagina por um momento, assistindo à ferramenta que entrava e saía, então se inclinou sobre ela, sem pressa, sua língua através de seu clitóris.

Ela praticamente uivou de prazer, a resposta tirou mais gemidos da multidão, então assistiu quando Kells a lambeu mais uma vez, ondas de prazer explodiam através dela.

Com o quente e sensual toque da língua de Kells, o prazer subiu em Maven para um novo nível, como ela não podia nem imaginar alguns momentos atrás. Quatro homens trabalhavam para seu prazer e ela sentiu cada pedacinho da atenção deles. Seus quadris se arquearam para a língua hábil de Kells e para o eixo de argila de Melton, enquanto ela arqueava seus seios contra as duas bocas que a sugavam.

O apertado couro encaixado em suas costelas e quadris a apertava à medida que ela se contorcia e a gargantilha de couro em seu pescoço esfregava a pele macia enquanto ela se pressionava contra a língua e a ferramenta. Ela gozaria logo. Ela gozaria na frente de todos estes estranhos e seria o melhor e mais completo gozo de sua vida. Oh! Como ela queria gozar para eles agora, ela apreciava os olhos sobre ela, assim como os de Dane.

Foi então que, pela primeira vez, ela se permitiu olhar sobre a multidão, não apenas como um vago mar de rostos, mas como pessoas que pareciam estar prestes ao gozo assim

como ela estava. Alguns deles estavam transando agora, ela viu uma mulher nua curvada e um homem vestido de peles estava atrás dela impulsionando-se bem rápido. Ela viu várias mulheres acariciarem seus próprios seios - alguns estavam nus - outros ainda cobertos por peles ou pelo escasso couro — e ela reconheceu Tally que estava de joelhos, lambendo a vagina de Anya sob o vestido branco enquanto Anya observava o que estava acontecendo no palco.

Em outros pontos na sala, ela viu casais se beijando vorazmente, por vezes grupos inteiros de pessoas se tocando e se beijando. Uma menina bonita e gorda estava com o vestido aberto até a cintura e tinha dois homens mamando em seus seios, assim como Maven.

Oh Ares! A excitação era demais. Ou melhor, apenas o suficiente. O orgasmo se aproximava a cada passagem da língua quente de Kells sobre seu clitóris inchado. Ela mordeu o lábio e o assistiu lambê-la enquanto pensava: *Veja-me, Dane. Veja-me ser lambida e possuída. Sinta meu prazer. Sinta quão profundo ele está!*

Logo, por Ares, tão logo chegaria!

Ela empurrava a cada punhalada, empurrava contra a boca qualificada de Kells, e então, para seu deleite absoluto, ele apertou a boca em torno do pequeno botão e começou a chupar.

Os olhos de Maven quase se reviraram.

— Mmm... Ah, sim... Oh — ela ronronou. Ela empurrou mais forte contra o duro membro, contra a boca de Kells.

Assista-me! Dane. Assista-me gozar!

E então a batida pulsante que vinha sobre todo o ritual cessou.

Todas as três bocas dos homens a deixaram assim como o pênis grande de barro.

Ela choramingou em choque com a perda inacreditável.

Por...Por...Que... Por que pararam? Exatamente quando ela estava tão perto do êxtase! Ela gemia sua frustração para todos ouvirem, só então percebeu que a maioria no salão estava muito mais concentrada em suas próprias atividades do que as dela. Todos eles continuaram a se tocar e transar com suspiros e gemidos. Todos eles continuaram a procurar a sua felicidade suprema. Mesmo Kells já tinha trazido para ele a mesma mulher que Maven tinha visto no jardim no dia anterior e os outros homens que rapidamente encontraram parceiros dispostos nos grupos que enchiam toda a sala de calor.

E lá estava ela, sentada de pernas abertas em seu trono e a única pessoa que olhava para ela agora era Dane. Seu sorriso era ao mesmo tempo provocante e selvagem, enquanto espalmava a imensa coluna que pressionava insistentemente contra a frente de suas calças.

— Você está pronta para este pênis agora, noiva?

Capítulo Onze

Finalmente! - Dane pensou, os olhos fixos nela. Por fim, algum alívio para seu pênis e entraria na vagina madura e pronta de sua noiva. Foi um milagre ele durar até os Rituais da Paixão, mas era uma conquista muito grande, ele ter sobrevivido rígido durante todos estes dias, enquanto esperava esse momento chegar.

Maven não respondeu, mas ele mal notou. Ele nunca tinha visto uma visão tão erótica do que a forma como ela se sentava diante dele. As pernas dela abertas para revelar a vagina linda e rosa, seus belos seios estavam inchados, os mamilos escuros e eretos, tudo estava encaixado no couro preto que ele tinha escolhido para a ela.

Parte dele queria tirá-la de lá. Pelo amor de Ares! Ninguém mais que gostava de participar dos rituais tinha se incomodado em buscar privacidade e uma verdadeira orgia ocorria em torno deles e ela era deliciosamente tentadora para se tornar parte do deboche selvagem.

Mas esta era a sua noite de núpcias e ela era sua noiva virgem. Apesar do que ela provavelmente pensava, ele tinha um pouco de reverência e decoro, e muita reverência, na verdade, para a tradição. Portanto, em consonância com a tradição, ele tomaria a sua virgindade em uma cama, em uma cama especial para isso, que ele estava guardando apenas para esta ocasião. Ele a guardou por muito tempo para abandonar agora.

Ficando de pé, ele desceu da sua plataforma e circundou o passo por um colega que estava deitado de costas sendo montado por uma mulher, enquanto o rosto dela era possuído por outro. Nunca afastando o olhar de sua nova e sensual mulher, ele subiu ao palco e inclinou-se para colhê-la em seus braços. Ao invés de tentar levá-la através da orgia louca, ele saiu por uma porta que dava para o jardim, o ar fresco da noite flutuando sobre eles. Nenhum dos dois falou enquanto andava com Maven em seus braços, mas sentiram a fome que deles emanava.

Ele ficou imediatamente contente de ter saído da sala, feliz por levá-la para um quarto privado. Tão agradáveis quanto os ritos sagrados da paixão tinham sido, de repente, com veemência, não queria compartilhá-la. A vagina dela era dele agora, para sempre, para nunca mais ser tocada ou beijada por outro homem.

Passando por uma porta grande que se abria em arco, ele levou sua noiva pela fortaleza através de um conjunto vasto de escadas. No topo havia um conjunto de portas duplas. Ele as chutou para abri-las e a levou para os aposentos grandes do Senhor, que ele nunca tinha usado antes. Caminhando para a cama, ele a deitou sobre a colcha de brocado caro de seda. Então, ele simplesmente se afastou para olhar, para apreciar mais uma vez a visão maliciosa que ela fazia.

— E agora? Ela perguntou com a voz um pouco tímida.

Ele não respondeu, simplesmente manteve o seu olhar no dela enquanto subia na cama, estudando-a sob diferentes ângulos. Seus seios eram ainda mais bonitos do que ele tinha esperado. Grandes e redondos com mamilos endurecidos. A cor era de um rosa mais fraco. Apesar da riqueza dele, a vagina dela foi a primeira que ele já teve o prazer de ver

sem pelo e a visão daquela parte dela nua para ele foi o suficiente para deixá-lo selvagem.

Ah, sim! Manteriam daquele modo. Ele manteria estoques volumosos da pasta de remoção de pêlo, pois queria a vagina dela para sempre assim nua e lisa.

Somente quando ela se inclinou para começar a desfazer os laços de suas botas que ele falou:

— Deixe-as.

— Por — Por que?

— Eu desejo possuir você enquanto você as usa, por isso.

A respiração dele, enquanto observava ao redor da cama veio pesada e fez o peito dela se apertar de excitação.

— Faça isso então.

Tão corajosa. Tão cabeçuda. Ele não podia evitar rir.

— Então, agora você me quer?

Sua respiração ficou ainda mais trabalhada, com os olhos perturbados. Ele podia vê-la lutando por dentro e odiar admitir o que eles ambos sabiam que era verdade.

— Está tudo bem — ele disse — Diga, nós ambos sabemos disso. Você me quer e eu a quero.

Ela soltou um suspiro, olhando desolada, ligeiramente abatida.

— Tudo bem, - disse ela baixinho. — Sim, eu quero você. Assim como você me quer. Feliz agora?

— Um pouco, — ele disse, caprichando num sorriso malvado na direção dela.

— Um pouco?

Ele fez uma pausa, recordando dela jurar nunca desejá-lo. Foi relutante na melhor das hipóteses e ele queria mais. Queria ter certeza de que ela compreendia como as coisas eram para estar entre eles, quem estava no controle.

— Diga que você quer meu pênis.

Ela ficou um pouco tensa.

— Por quê? Por que isso deve ser dito?

— Porque eu desejo ouvir. Eu desejo que as palavras deixem os seus bonitos lábios antes de eu beijá-los. Como você beijou meu pênis mais cedo hoje. — Ele não fez nenhuma tentativa de esconder a sua diversão.

— Certamente você se lembra noiva querida. Você afundou seus lábios doces no meu eixo rígido com sua própria vontade.

Ela estava claramente tentando olhar distante, não parecer afetada.

— Eu não quero dizer isso.

— Você deve.

— E se eu não fizer?

Menina rebelde. Ele balançou a cabeça.

— Você não conseguirá meu pênis.

Com isso, ela suspirou, então olhou terrivelmente arrependida que ele tenha visto sua resposta.

— Na verdade, — ele continuou — Eu quero que você implore.

— Ela piscou. O que?

O peito dele se encheu de calor.

— Um momento atrás, pedir meu pênis teria sido suficiente, mas agora eu pretendo fazê-la implorar pelo que você quer.

O olhar dela estreitou.

— Nunca.

— Nunca é muito tempo, noiva. E de onde eu estava sentando durante as cerimônias, vi que você precisava de um pouco mais de prazer. Você precisa tanto disto que está a ponto de estourar.

Ela olhou como se tivesse sido pega em algo errado.

— Mesmo assim, eu não implorarei por você, seu rufião.

Sentando-se em uma cadeira ao pé da cama, ele a alcançou e roçou as pontas dos dedos sobre a carne macia da vagina nua dela. Ela sussurrou de prazer pelo toque leve e ele sorriu.

— Nunca é muito tempo e, sinceramente, eu não acho que você vai durar até esta noite, então por que simplesmente não diz o que eu quero ouvir?

Ela sacudiu a cabeça.

— Eu não posso. Eu me odiaria.

Ele estava perplexo.

— Eu não entendo. Por quê?

Ela apertou os dentes enquanto falava.

— Você procura autoridade sobre mim, obediência de mim. Eu nunca darei isto.

Ah! De volta à sua força de vontade e a natureza rebelde. Enrick não tinha ensinado a menina a entender a sua situação na vida claramente, ele tinha criado as filhas dele como a maioria dos homens cria os meninos. Ele podia ver onde poderia ser tentado a fazer isso, ele tinha certeza de que quando se torna um pai que adora suas filhas, tanto quanto seus filhos, quase fez sentido, dado que Enrick nunca teve filhos para incuti-los com valores como poder e orgulho. Mas Maven era sua agora e ela iria aprender a dobrar a vontade obstinada mesmo que matasse ambos de frustração.

Ele rastejou pela cama até que sua cabeça estava entre as coxas dela, até que ele pôde cheirar o odor doce de sua vagina que estava lisa, molhada e pronta. Ele a lambeu abrindo os lábios rosados e engolindo clitóris.

Ela gemeu profundamente.

Então ele soprou no clitóris para dar mais efeito.

— Mais — ela murmurou.

— Tudo bem — ele suavemente disse. — Implore por isto, Maven.

Ela ficou rígida, quase como se não tivesse percebido que era o que ela tinha começado a fazer.

— Não, eu não vou. Eu não me importo se você nunca tirar minha virgindade. Eu não vou te implorar para fazê-lo.

Ele ligeiramente recuou.

— Muito bem minha pequena noiva teimosa. Levantando da cama, ele sentou-se em uma cadeira perto da porta. Olhando para ela, ele desatou suas calças de couro e deixou seu pênis endurecido sobressair livre.

Ela estremeceu pela visão dele, mas ele reteve um sorriso. Em vez disso, ele se inclinou e começou a acariciar-se suavemente. Ela tragou visivelmente.

— Você gosta do que vê noiva?

Ela pareceu, por um momento, como se estivesse um transe. Então ela pulou de volta à realidade e se esforçou para se orientar.

— É bom o suficiente, eu acho.

Ele soltou uma risada cordial.

— De novo com isso. Ares me ajude, mas você me diverte Maven.

Consciente, ela ainda manteve o olhar sobre o membro dele. Ele olhou para seu tamanho e imaginou a doçura que seria mergulhando-o entre as coxas dela.

— Uma pena que você vai perder todo o suco que está fazendo sua vagina tão escorregadia e brilhante. As pernas dela ainda estavam separadas, mantendo-o no limite da excitação.

— Uma pena todos aqueles pênis prepararem você para este. — Ele apertou levemente o seu pênis, — Mas você não vai saber o prazer, muito profundo de tê-lo dentro de você.

A boca dela estava semi-aberta, com os olhos cheios de fogo e argumento, os lábios carnudos. Ela estava chegando perto de desistir, ele poderia dizer.

— Você tem uma boca bonita, Maven. Lábios vermelhos e inchados, como se uma abelha os tivesse picados. Você quer saber como seria a sensação de tê-los em torno do meu pênis?

— Não — ela deixou escapar, mas ele soube instantaneamente, pela fome no olhar dela, que não era verdade, então ele apenas sorriu.

— Você é uma pobre mentirosa, esposa.

Ela soltou um suspiro de desgosto.

— Tudo o que você tem que fazer é me dizer o que quer, querida noiva, e eu vou dar isso para você.

Seus seios adoráveis se viam de onde ela descansava no centro da cama grande, claramente lutando contra seus impulsos. Ela mordeu o lábio e levantou as mãos para eles, começando a acariciá-los exatamente como ele se acariciava. A visão o excitou ainda mais.

— Seria muito mais divertido eu fazer isso e você para fazer isso — Disse ele com um meio sorriso, apontando para baixo enquanto apertava levemente o seu membro.

Como ela não respondeu, ele deu uma risada leve.

— Mas faça do seu modo, esposa teimosa. Sua vagina odiará você por isso. Você não vai dormir esta noite, você sabe. Você não vai dormir até que tenha conhecido a alegria de tomar este pênis.

Ela soltou um suspiro frustrado e ele podia jurar que visivelmente ela estava cada vez mais próxima, chegando ao ponto onde o seu orgulho não importava, onde a única coisa que importava era ser possuída. Então a mão dela saiu de seu peito e foi até seu clitóris, o dedo médio pressionando para cima e para baixo em sua abertura, o toque trazendo-lhe um gemido.

Ele afastou-se da cadeira e foi para a cama, agarrando o pulso dela para arrancar-lhe a mão longe de sua virilha, fixando-a na cama, os joelhos contra as coxas dela e as mãos dele eram como algemas, prendendo seus pulsos em ambos os lados da cabeça.

— Não, minha pequena noiva, - ele falou, sentindo-se um pouco selvagem agora. — autoprazer não faz parte deste jogo. Sem mim, você não pode vencer.

Ela lutou contra e ele apertou suas mãos.

Então ele a beijou — num rude e rápido encontro de bocas — e ela o beijou de volta, da mesma maneira que ele, seus lábios ferozmente se esmagando. Ele se retirou para olhá-la e viu a mesma fome brutal nos olhos dela que ele sabia que brilhava também em seu próprio olhar, então a beijou novamente, mais desta vez, suas bocas se encontrando mais.

Ele não soube se Kaelen tinha tido sucesso ao ensiná-la beijar porque seus beijos continuavam sem nenhuma habilidade ou estilo — eles eram só choque áspero de lábios, dentes e língua.

Seria tão fácil mergulhar o pênis nela agora, para dar aos dois o que tanto eles queriam. Enquanto ele lutava com ela em outro beijo selvagem, ele quase podia sentir a umidade da coxa apertada em torno dele, quase sentir sua virgindade sendo possuída à distância. Foi um impulso poderoso quase grande demais para ele se controlar dada a autotortura que ele sofreu na semana passada.

Mas ele ia controlá-la, por Ares, ele ia!

— Diga! — ele grunhiu, escutando a respiração forçada, como se tivessem percorrido uma grande distância, talvez eles tivessem — uma grande distância sexual.

— Não! Mesmo resistindo, ela arqueou seus seios na direção dele, fisicamente, implorando para tocá-la. Seu vestido feito de couro agora circulava sua panturrilha, mesmo que ele fixasse as coxas dela com os joelhos, ela o mantinha preso também. Ele ordenou com os dentes cerrados, a sua paciência em um ponto de estalar.

— Diga noiva. Agora!

— Não! Apenas me possua!

Ela não percebeu o quanto as palavras quentes o afetaram, até mesmo enquanto ela argumentava.

— Repita isso!

— Somente me possua! Faça-o!

A voz dele era baixa, seu pênis mais duro.

— Mais uma vez!

Ela praticamente soluçou.

— Ponha em mim! Possua-me! Por favor!

O tórax dele ficou quente enquanto a expressão dela mudava finalmente, ocorreu-lhe que ela estava finalmente fazendo o que ele queria que ela fizesse. Ela parecia mortificada, mas não menos selvagem.

— Novamente — ele sussurrou, desta vez deslizando seu corpo mais para baixo, sensualmente a ponta de seu pênis faminto indo até ela através da umidade incandescente.

Ela parecia perdida, como se não soubesse o que fazer, ele podia vê-la lutando apenas o suficiente para que ele mergulhasse de novo, desta vez em seu corpo.

Ele deslizou seu tórax para baixo o suficiente para pousar nos mamilos pontudos dela. Ela sussurrou de prazer e levantou os olhos para ele, desesperados e cheios de desejo.

— Por favor, — ela disse tão baixo que ele mal podia ouvir.

— Mais! Ele sussurrou em resposta.

— Oh Ares, por favor! Ela choramingou — Por favor, não continue torturando-me assim, eu não posso sobreviver a isso.

Ele deu-lhe um beijo suave, roçando sobre seus lábios e em seguida sobre seu queixo. Ela virou a cabeça, silenciosamente incentivando-o mais e ele a beijou suavemente no pescoço e logo acima da gargantilha.

Então, ele inclinou-se perto de seu ouvido.

— Mais, Maven. Mais.

Quando ele se afastou, os olhos dela estavam fechados.

— Por favor, possua-me, — ela sussurrou.

— Diga-me que você implora meu pênis, — ele suavemente disse, estimulando-a.

— Oh, Ares ajude-me! Eu digo, eu imploro.

— Implora o quê?

— Eu imploro o seu pênis. Quero-o dentro de mim. Quero saber como é a sensação.

— O que mais?

— Eu quero gozar. Bem intensamente. Eu quero sentir como se eu estivesse me quebrando em pedaços.

— Você quer que eu faça você gozar? — ele incitou.

— Eu quero que você me faça gozar.

Maven abriu os olhos e encontrou o olhar dele para ver a profunda satisfação que residia neles.

— Tudo bem, minha noiva, ele balbuciou sobre ela.

Oh Ares, ela estava fraca, tão fraca, mais fraca do que ela jamais poderia ter acreditado. Era o sexo; Lavonia disse que era um dom, mas Maven compreendeu agora que era uma armadilha, uma forma de laço em que ele queria que ela fosse a sua posse.

Ela pensou que ele iria liberar-lhe os pulsos agora, mas ele não o fez. Seus olhos eram mais suaves, mas estavam ainda cheios de calor e ele ainda a segurava com força na cama.

Agora que ela se rendera, ela não lutou mais, então quando o desejo urgente a atingiu, ela articulou impotente:

— Por favor, Dane.

Ele começou a cobrir o rosto dela com beijos, esfregar a sua ereção enorme contra a sua fenda, fazendo-a gemer de fome e prazer. Toques suaves combinados com alguns mais fortes a faziam sentir-se abandonada por tudo que ela conhecia e acreditava. Ela quase não podia entender como o aperto dele, tão forte em volta do seu pulso, podia fazê-la sentir-se tão bem como o beijo tenro na sua boca, como a língua que varria seu interior para achar a sua própria. Era como se ela tivesse sido levada para um universo novo e estranho em que nada fazia sentido e ela não tinha escolha senão aceitar tudo. Ele arrastou os beijos de seu rosto até seus seios — tenros a princípio — depois ficando mais duros. Mordidelas

tornaram-se mordidas, lambidas viraram uma forte e insaciável sucção, que a faziam choramingar.

Ela permanecia tão faminta. Não importava o que ele dava a ela, sua vagina gritava por mais e ela não podia evitar contorcer-se no seu aperto, desamparada, implorando-o para satisfazê-la.

Ver o pênis dele novamente lembrou a ela que, oh Ares! Ele era maior do que Donnell e maior que o último pênis de barro que a possuiu, mas em vez de temer o eixo poderoso, ela ansiava mais.

— Possua-me — ela sussurrou, fervorosamente agora. — Por favor, me possua.

Os joelhos dele empurraram mais suas coxas, separando-as mais, até que ela sentiu a sensação de sua vagina se abrindo mais. Oh! Ares! Ela sussurrou, sabendo que este era o momento.

O pênis enorme estava lá, no ponto de sua entrada e ela não pôde evitar e começou a empurrar contra ele.

— Agora, por favor — ela murmurou.

— Sim, agora — ele respirou por cima dela, logo empurrou profundamente no interior.

Ela gritou com o impacto, chocada e espantada. E se recuperando de um breve estouro de dor que já tinha acabado, ela passou a ter a sensação de plenitude total.

— Tão grande — ela gemeu.

A voz dele flutuava sobre ela.

— Grande para você.

— Estamos transando agora? Ela olhou para os profundos olhos azuis que estava a apenas alguns centímetros de distância dela.

Ele começou a entrar e sair dela, deslizando o incrível eixo para frente e para trás em sua passagem.

— Agora estamos transando, Maven — disse ele em um rosnado profundo, e seus movimentos se transformaram em impulsos, aprofundando-se mais no seu núcleo, fazendo-a gritar com o poder e o prazer que eles entregaram.

Ela ficou aquecendo-se no prazer, enfraquecida... oh Ares, ela não sabia quanto tempo, admirando-se quanto mais ela podia aquecer, mas ao mesmo tempo, esperando que nunca terminasse. Juntos, eles gemeram quando ele apertou-se ainda mais profundo no seu calor e ela tinha quase esquecido completamente do conceito de orgasmo quando de repente ele tirou seu pênis para fora dela e disse:

— Você vai gozar agora.

— O quê?

Ele pegou-a desprevenida, mas já tinha aliviado seu aperto sobre ela e foi descendo, beijando-lhe os seios e o estômago através do couro, empurrando a saia curta para sua cintura enquanto olhava para sua vagina.

— Eu tenho querido saborear sua vagina, querendo sentir a carne suave em torno de minha boca.

Então ele estava indo fazer o que Kells tinha feito anteriormente, o que ela aprendeu durante a sua orientação. Somente — Querido Ares! O momento em que a língua dele encontrou seu clitóris foi diferente de tudo que ela poderia ter imaginado. Considerando

que a língua de Kells tinha sido boa e cheia de prazer, a de Dane era tão sensual e quente que colocou para baixo os esforços de Kells.

Ele chegou até sua abertura, fazendo-a sentir-se ainda mais inchada, até que a sua língua lambeu o fluido como se ele fosse alguma coisa deliciosa, os lábios se fechando sobre o seu clitóris e continuou lambendo-o. Ele trabalhou nela com uma paixão que nunca tinha sentido antes.

E então ele bateu, como uma tempestade vindo do nada, o orgasmo a atingiu tão forte e rápido que ela se achou gritando, bombeando os seus quadris na boca dele, ecos de prazer profundo corriam sobre ela, levou-a para algum outro mundo, totalmente, e então a deixou cair suavemente de volta no lugar, ainda tonta e desgastada.

— Oh... Ela suspirou depois, no meio da recuperação.

Ela olhou seu marido dar uma pequena e final lambida em seu botão cor de rosa enquanto lhe lançava um sorriso malvado.

— Como foi, esposa?

Ela mal conseguia falar, nem mesmo respirar.

— Céus! — Foi tudo o que ela pôde dizer.

Ele gemeu em resposta, então não perdeu tempo e se ajeitou sobre ela mais uma vez, deslizando suavemente seu pênis para dentro dela.

— Oh Ares! Ela gemeu pela bem-vinda invasão.

Ele inclinou-se para perto de sua orelha novamente, sua voz flutuava entre brincalhona e acarolada.

— Você não é mais uma virgem.

Ela nunca tinha sido mais consciente de qualquer coisa em sua vida. — Graças a Ares.

Ele puxou de volta com um sorriso suave e leve.

— Você não gostava de ser virgem?

— Eu gosto de transar.

Ele riu suavemente, enterrando seu rosto no cabelo dela — outro elemento que a fez se sentir bem. A sensação de seus cachos soltos sobre os ombros e de sentir a respiração dele em seu cabelo e sua nuca.

— Eu gosto de transar, também — ele disse-lhe.

— Você pode fazer como antes? Mais forte?

Ele se afastou um pouco para olhar para ela e ela imediatamente sentiu que ele gostou do pedido.

— Oh sim, esposa, eu posso fazer isto mais forte. E quando eu fizer, eu vou gozar em você.

Os pensamentos dela voaram de volta para Orientação, para o momento excitante em que todos os três meninos atiraram seus sucos sobre o estômago e os seios de Lavonia.

— Onde seu pênis lançará o líquido branco em mim?

Ele balançou sua cabeça, olhando-a excitado e divertido.

— Em você? Talvez algumas vezes sim, mas esta noite noiva, será profundamente dentro de sua vagina. Deixando uma parte de mim dentro de você. Unindo-nos em um caminho que nada mais poderá separar.

Mesmo quando ele começou a conduzir o seu eixo poderoso dentro dela em um maravilhosamente e duro ritmo, ela compreendeu o que ele estava dizendo, ele estava falando numa reivindicação, num território, num prêmio. Ele estava lembrando-lhe mais uma vez que ela pertencia a ele agora e que não havia nada que ela pudesse fazer sobre isso.

Mas ela não desistiu de lutar ainda há pouco? E ele não lhe tinha trazido o seu pênis glorioso que a encheu e a possuiu fenomenalmente neste exato momento? Sim, ela não podia pensar sobre esse aspecto das coisas agora.

Por enquanto, na sua mente só havia espaço para a consciência do membro dele, para as sensações que tinham início em sua vagina, mas espalhavam-se através dela pelas pontas dos dedos das mãos e dos pés até em cima de sua cabeça. Tudo a fazia sentir-se leve e alta, bem como felizmente possuída por um homem que sabia o que estava fazendo.

Sim, sim, sim, a sua vagina deu as boas-vindas aos mergulhos profundos, enchendo-a de uma satisfação que lhe era desconhecida até agora.

Mais! Ela nunca queria que os impulsos parassem, queria passar a sua vida inteira possuindo Dane.

— Ah, agora, agora — ele disse através de um gemido. — Estou gozando, estou gozando para você, profundamente dentro de você!

Os seus últimos movimentos foram cheios de uma nova profundidade de força, quase balançando as fundações do corpo dela. Mas o conhecimento que ela o tinha trazido ao orgasmo e que ele depositava o seu fluido branco e encantador dentro dela deixando-a repleta, aprofundou o sentido de satisfação que ela tinha experimentado antes.

— Oh Ares — ela suspirou quando ele caiu contra ela, carne contra carne.

Sem pensar, os braços dela se moveram para ele, agarrando a sua estrutura grande o quanto ela podia alcançar. E ela se sentiu quente e segura, surpreendentemente a sua satisfação tornou-se perturbadora com o retorno da sanidade e do conhecimento do que fizera, mesmo tendo jurado que nunca faria. Ela implorou por sexo, por seu pênis. Ela tinha confessado desejá-lo tão bem quanto admitido que lhe pertencia.

Capítulo Doze

Ela despertou pela manhã quando o sol brilhou na janela. A princípio, esqueceu onde estava, mas ao olhar para o homem nu na cama próximo a ela, sua mente a trouxe de volta para os eventos inacreditáveis e para a mudança ocorrida em sua vida na noite anterior.

Ela lembrou-se vagamente de que após o sexo, ela viu o dinamarquês retirar suas botas e calças antes de virar-se para ela e lhe retirar também sua roupa de couro e suas botas. Então silenciosamente eles foram para debaixo das cobertas.

Ela esteve demasiada excitada na noite anterior para perceber o quarto luxuoso, mas notava isso agora. Era muito maior que o quarto que ela tinha ficado e muito maior que o quarto do dinamarquês que ela havia visto anteriormente no andar térreo. O quarto estava cheio de móveis finamente trabalhados e de ricos tecidos de seda que a fez se lembrar do quarto de seus pais em Myrtell. Ostentava gabinetes para roupa, um lavatório e uma grande lareira que provavelmente mantinha o lugar confortável no inverno.

O esbanjamento, entretanto, não teve qualquer consequência quando ela recordou o quanto tinha se traído nesta cama com Dane.

Oh, como ela tinha implorado! Ela o desejou tanto que chegou a um ponto de pensar que faria qualquer coisa para fazê-lo afundar o seu pênis nela.

Ela não poderia imaginar um sacrifício muito pior do que ela tinha feito.

À luz do dia, suas ações pareciam inconcebíveis, não importava quão sensuais tinham sido. Implorando por ele, pedindo por ele, ela tinha admitido... Que precisava dele, que o queria, que queria ser sua possessão.

Ambos sabiam. Ela sabia a razão pela qual ele queria que ela implorasse. Para ela rebaixar-se. Submeter-se a ele em todos os sentidos. Oh Ares, o que ela tinha feito?

Ela agarrou a colcha e saiu da cama, envolvendo o brocado azul e dourado em torno de sua nudez.

Claro, isso o deixou desnudo. E desperto! Aguardando perto da janela, coberta com a seda dos seios para baixo, ela não podia deixar de observá-lo. Seu pênis não era quase tão grande como tinha sido a noite passada, mas Lavonia havia explicado a ela sobre as ereções, e ela não podia negar que ainda parecia bastante grande mesmo em seu estado relaxado.

— Em nome de Ares o que você está fazendo? — Perguntou ele, levantando-se sobre um cotovelo. Sua voz foi seca, repreendendo-a como se ela fosse uma criança rebelde e que ele estava cansado de lidar com o seu mau comportamento. Pior que isto, ele estava relaxado sobre a cama, o cabelo despenteado, a barba por fazer, seus músculos abrangendo toda a extensão do seu rosto e seu pênis desobediente caindo para um lado, mas continuava despertando-a, mesmo sem uma ereção. Ela poderia ter facilmente acreditado que ele era a encarnação do próprio Ares e mesmo que ele a desprezasse, ela o queria.

— Então? — Ele perguntou com a voz gotejando arrogância. — Não podia esperar para começar um novo vislumbre do meu membro?

— Claro que não — ela disse, embora o vislumbre de seu membro fosse muito agradável.

— O que foi então, noiva?

— Eu não posso agüentar estar na mesma cama com você — ela cuspiu.

— Você se deu bem o suficiente ontem à noite. — Ele soltou um suspiro cansado. — E eu que pensei que iríamos deixar essa bobagem para trás e nos comportarmos como um casal normal agora.

— O problema com isto é sua definição de "normal". Você pensa que eu pertença a você.

Ele levantou sua voz ligeiramente.

— Você pertence a mim. É um fato. E isto é normal para todos em Caralon.

— Não para meus pais.

Ele rolou seus olhos.

— Lembre a mim para agradecer Enrick por trazer você sem qualquer compreensão de como a sociedade funciona fora da fortaleza real.

Ela ficou ereta, determinada a ser muito mais forte do que tinha sido na noite anterior.

— Eu estou agradecida por meu pai sempre me dizer para me respeitar, não vou ser brinquete nas mãos de nenhum homem.

Ele piscou, novamente parecendo cansado.

— Maven, eu não estou tentando sujeitar você para algum destino terrível que ninguém mais no domínio sofre. Eu só espero que você se comporte como uma mulher.

— Há mais de um tipo de mulher. Minha mãe é uma mulher maravilhosa e meu pai a trata com o maior respeito. Eles são amigos, bem como amantes.

Ele inclinou a cabeça, olhar duvidoso.

— Não leve a mal, minha noiva, mas se você e eu somos marido e mulher, e definitivamente agora amantes, então não vejo uma calorosa amizade crescente entre nós.

— Então o que devo fazer? Ela estreitou seu olhar sobre ele. — Basta aquecer a sua cama e fazer o que você quer, tudo para que você possa reinar sobre Caralon algum dia?

Ele alargou os seus olhos como se chegasse a um ponto.

— Seria um começo agradável. Bateu na cama ao lado dele. — Agora, volte para a cama como uma boa esposa.

Enraivecida como sempre, talvez muito mais depois da noite passada, ela olhou ao redor do quarto, a sensação de estar fora da sorte de várias maneiras, finalmente perguntando a ele, — Onde estamos afinal? Esta não é a câmara onde eu olhei você se banhar ontem.

— Esta é a câmara da fortaleza, onde eu e você somos obrigados a morarmos juntos.

— E por que não morava aqui antes? Perguntou ela, amolecendo a voz de curiosidade.

— Ela pertenceu aos meus pais. Eu pensei que não seria adequado residir aqui até que eu tomasse uma esposa.

Seus pais. Estranhos, como ela pensava em seus próprios pais ultimamente — estava brava com eles, desejando que seu casamento com o dinamarquês pudesse de alguma maneira se espelhar no deles — ela nem sequer pensara se ele tinha pais. Ele era tão másculo que era difícil de acreditar que ele já havia sido uma criança.

— Onde estão eles, seus pais? — Ela perguntou, dando um passo para mais perto da cama.

— Mortos.

A palavra pareceu pairar no ar com uma finalidade horrorosa. Apesar disso, ela sentiu por ele.

— O que aconteceu com eles?

Os olhos dele pareciam um pouco distante à medida que falava. — Virgs do norte os atacaram. Meu pai era um homem pacífico com uma propriedade de agricultura — ele nunca se preocupava em protegê-la. Eles foram mortos na batalha e eu escapei.

Sem pensar, ela se abaixou sobre a extremidade da cama, imediatamente sensibilizada com o drama horrível.

— O que aconteceu então?

— Os Virgs tiveram o controle da fortaleza por alguns dias, mas eu juntei homens, alguns das aldeias mais próximas, ávidos em defender a propriedade de meu bom pai, outros para quem eu prometi emprego depois que nós recuperarmos a fortaleza. Eles foram meu primeiro exército. Nós recapturamos a propriedade dentro de uma semana, ela foi fortalecida e minhas fronteiras defendidas, desde então.

Ela odiava parecer preocupada, mas ela não podia evitar perguntar.

— Quantos anos você tinha?

— Quinze.

Ares, tão jovem! Jovem para perder os pais, jovem para liderar um exército.

— Como você foi capaz de... De ganhar, de ter o controle, de obter os homens para segui-lo com a idade de quinze anos?

Ele a olhou diretamente em seus olhos.

— Medo, Maven. E respeito. Fiz meus amigos me respeitarem e os meus inimigos me temerem. O medo vai a um longo caminho para manter os inimigos à distância.

Suas palavras trouxeram-lhe à mente os muitos boatos que ela tinha ouvido falar sobre ele desde sua infância, como ele era mau, como era assustador, tanto para homens e mulheres, embora de formas diferentes. Dane o Terrível!

— É errado... as pessoas temerem a você? — Ela perguntou inclinando a cabeça.

— Errado?

— É certo? Quando as pessoas chamam você de Dane, o Terrível, é um nome bem merecido?

— Para alguém querer me prejudicar ou prejudicar o que é meu, é sábio me temer — eu posso ser um homem terrível, esposa. Mas para aqueles que estão em minha guarda, não, eles não precisam ter medo de mim. — Sua voz foi suavizada. — Você não precisa ter medo.

Maldição! Ele estava tentando aquecê-la novamente. Ela saiu da cama mais uma vez, puxando o cobertor um pouco mais sobre os seios, em seguida, falou friamente. — Ainda que eu não tema você, eu nunca poderei ter paz com a noção de que sou sua propriedade.

— Eu continuo dizendo, eu não escrevi as regras de nossa sociedade, Maven.

— Mas você as aprecia o suficiente.

Ele encolheu os ombros.

— O que devo fazer? Desafiar as leis do que é considerado certo e natural?

— Sim. Diga-me que sou igual a você e me trate como tal.

Ele simplesmente balançou a cabeça, olhando espantado pela sugestão e percebendo que ele nunca iria ceder e que ela, portanto, nunca seria feliz nesta união abominável.

— Assim é entre meu pai e minha mãe — ela lembrou-lhe mais uma vez. — Você viu onde ela estava sentada. Ao lado dele.

— Isso é prerrogativa do seu pai, não minha.

— Então, você escolheu ser meu dono, não é?

Ele inclinou a cabeça. — Não importa como eu responder, Maven? Acho que você está resignada a me odiar de qualquer maneira, porque você não teve escolha no nosso jogo. E se você examiná-lo, vai ver que está me pedindo para fazer a mesma coisa que você se recusa a fazer nessa união — submeter-se à mudança.

— Você é impossível! — Ela retrucou e se virou para se afastar. Mas em um instante, a colcha foi arrancada dela, deixando-a nua como ele. Ela virou sua cabeça para encontrar o marido que tinha levantado da cama para agarrar a borda da colcha de seda.

— Eu odeio você! — Ela gritou.

— Você me quer, — disse ele calmamente e ela não podia deixar o calor da voz dele penetrar em sua pele, ela notou que seu pênis havia crescido novamente em algum ponto da conversa. A visão fez seu sexo ter um espasmo de necessidade.

Quando ela ergueu seu olhar de volta para o rosto bonito e áspero, um sorriso curvou sua boca e o calor ascendeu às bochechas dela de embaraço.

Deixando a coberta no chão, ele começou a andar a passos lentos, mas confiantes em direção a ela.

Com o coração começando a bombear mais rápido, ela deu um passo para trás, indo para longe dele. Ela teve a noção que podia cair fora — cairia fora — até quando seus olhos ficaram bloqueados, mesmo que seu coração batesse sem piedade contra o seu peito.

Sua respiração ficou ruidosa, seus passos aumentaram a velocidade, fazendo ela se mover mais rápido.

Entretanto, dentro de um segundo, ele a bloqueou num canto, apoiando os braços sobre as paredes de pedra lisa em ambos os lados dela. Ela podia ouvir sua própria respiração e jurou que poderia se afogar no fundo azul dos olhos dele. Ela mordeu o lábio, o pulso ainda correndo com medo, mas sua vagina batendo em um ritmo completamente diferente, percebendo que estava ficando molhada de desejo.

Ele curvou-se e varreu com um beijo o seu pescoço, a ponta de seu pênis roçando sua barriga e enviando uma onda de sensação que corria através dela, da cabeça aos pés.

— Ares! — ela suspirou. Era como um arrepio de frio, só que quente e muitíssimo mais poderoso. Sua vagina palpitando.

Ele inclinou-se para o próximo beijo, quente e possessivo e muito mais delicioso para ela tentar resistir. Contra sua vontade, ela beijou-o de volta, esmagando seus lábios apaixonadamente contra ele, o calor de sua carne a aproximando, o corpo inteiro dele apenas roçando-a de leve de seu tórax até o joelho.

As mãos dele deixaram a parede para se fecharem em seus seios, uma prévia de tudo o que aconteceu a eles nas últimas vinte e quatro horas. Ela gritou num misto de prazer e dor quando ele moldou-os em suas palmas. Mas o prazer logo superou tudo e a deixou ofegante quando olhou para baixo e viu os dedos ásperos amassando sua pele pálida.

Ele inclinou-se para beijos mais ardentes sobre a carne macia dos seios, os picos tensos de seus mamilos, fazendo-a choramingar e lamentar pelas delícias que invadiram o corpo dela.

— Oh, como eu odeio você, — ela conseguiu murmurar desesperadamente no cabelo dele.

— Seus seios traem você, — ele respirou quente contra um seio.

— O que?

Ele ergueu seu olhar para ela, deu um último beijo em um duro e rosado mamilo e sorriu. — Porque seus seios *me amam*, Maven.

Ela mordeu os lábios, perdeu para as sensações físicas que fizeram tão impossível permanecer fiel a si mesma. Mas ela teve pouco tempo para a luta interna por que um beijo duro achou sua boca novamente, enquanto dedos afundaram-se entre suas coxas.

Ela gemeu de prazer enquanto se beijaram. Ela podia cheirar o odor de sua vagina quando ele acariciou com movimentos suaves seu clitóris, a carne molhada, quente e faminta. O cheiro a assaltou de forma mais completa quando ele ergueu os dedos para a sua boca e os chupou, enquanto um olhar letal se fixava nela.

Em seguida as mãos dele foram para seu traseiro e ela o agarrou pelos ombros enquanto ele a levantava pressionando-se contra ela e se enterrando profundamente dentro dela.

Ela tinha esquecido — pelo menos desde a noite passada, — como tremendo e celestial o sentiu dentro dela. E agora ela estava agarrada a ele, envolvendo as pernas em torno dele, que foi puxando-a para mais perto, mais e mais profundo. Oh! Uma felicidade estranha e inebriante!

Ela não chegou a perceber que ele estava em movimento, carregando-a enquanto a penetrava. Até que ele sentou-se na mesma cadeira da noite passada. Os joelhos dela se plantaram no estofamento de cada lado dos quadris dele e de repente, estando em tal posição — empalou o seu pênis — ele a fez sentir-se ainda mais alargada. No momento, era como se seu membro fosse a maior parte dela.

— Eu odeio você! — Ela disse cerrando os dentes.

— Eu sei. Cavalgue em mim — ele ordenou.

Ela não teve que perguntar o que ele quis dizer — os movimentos vieram naturalmente, como se estivesse no seu interior, algum conhecimento antigo, nascido com ela, mas só agora percebido. Empurrando-se contra ele em um ritmo que veio instintivamente, ela não podia deixar de montar o homem, seu marido, seu inimigo. Seu pênis exigia isso, sua vagina precisava disso — desesperadamente.

Ela mordeu os lábios novamente e mudou de posição trazendo-lhe um profundo prazer, mais intenso do que ela tinha conhecido. A posição estimulava seu clitóris descontroladamente, enquanto ela começava a experimentar a sensação de seu pênis enorme bombeamento dentro dela.

As mãos dele percorriam seus seios, seus quadris, suas nádegas. Sua respiração ofegante a fazia soltar uma série de agudos gemidos que ela não poderia ter reprimido nem que sua vida dependesse disso. Ele a conduzia sobre ele, para frente e para cima em direção ao clímax, que a tomou com força, sacudindo seu corpo com o seu poder, fazendo-a

gritar enquanto tentava se agarrar ao prazer e controlá-lo, absorvê-lo, deixá-lo seguir o seu curso.

— Oh Ares, — ela ronronou quando os espasmos começaram a minguar. — Oh Ares, isso foi... isso foi...

Ele relampejou seu habitual sorriso malvado. — Sim, esposa, diga a mim o que foi. Eu quero saber exatamente o que você sentiu.

Seu poder.

Ela nunca admitiria isto. *Nunca!*

Mas nem ela poderia mentir para ele, pois isso seria estúpido num momento em que seu corpo pingava claramente com a saciedade, enquanto ela continuava a montar seu membro monstruoso.

— Ares me ajude! — ela murmurou, — Isso foi incrível.

Os olhos dele pareceram arder com o calor sexual. — Eu amo ver você gozar, Maven. Eu amo assistir a alegria quente se derramar sobre você, amo ver você em total abandono.

Abandono. A palavra a atingiu. Realmente este homem a fazia abandonar a si mesma. Ela não respondeu — não podia, não enquanto seu pênis quente ainda a possuía, não enquanto ela continuava a arquejar, gemer e a mover-se sobre ele.

— Eu amo possuir você dura e profundamente, — ele disse e sua voz agora era pouco mais que um ronronar que quase a virou do avesso. — Eu amo empurrar meu pênis em você, preencher você, fazendo você gemer.

Apesar de tudo, as palavras dele a abasteciam, na verdade, faziam-na tremer, a faziam cerrar os dentes enquanto impulsionava mais profundo. Ela quis escapar do seu olhar, mas ela não podia — era como se ele a mantivesse presa. Encaixada.

Mas tais pensamentos tortos não podiam competir por muito tempo com o poder do pênis dele. E seus olhos — aqueles olhos eram quentes, horríveis, bonitos e cativantes.

Então ela sentiu novamente, uma espécie de prazer familiar se ascendendo dentro dela.

— Ares! — Ela sussurrou, espantada. Poderia acontecer de novo? Ela podia ter outro orgasmo? Lavonia não havia lhe dito isso e a possibilidade ainda não tinha ocorrido com ela. Mas agora, agora... ela se achou montando-o mais forte, sentiu as sensações deliciosas começarem a enchê-la até a borda.

— Sim, Maven, — ele sussurrou baixo e profundo. Seus olhos quietos bloqueados. — Sim, Maven, faça isto para mim novamente. Goze para mim. Goze muito mais forte do que a última vez.

Não é para você, ela queria dizer, mas a paixão a impediu. E, além disso, teria sido uma mentira. Era para ele, ela gostasse ou não. A conversa erótica de querer vê-la chegar ao clímax, a levou a este novo calor.

Ela o montou mais forte, movendo os quadris em círculos apertados e quentes que entregaram apenas a pressão certa para seu clitóris. Ela mordeu os lábios e cerrou os dentes. Finalmente liberta do olhar dele, ela deixou cair a cabeça para trás, tão perdida no desejo que ela não conseguia pensar, só podia sentir, só poderia deixar o seu corpo levá-la adiante.

— Sim, — ela sussurrou quase inaudível e em seguida a torrente de prazer quente soprou sobre ela, ainda mais forte do que da última vez, fazendo-a gemer e soluçar com, transformando fortemente as sensações que esmurravam seu corpo de dentro para fora.

— Oh! — o dinamarquês murmurou quando o orgasmo dela começou a enfraquecer, bombeando muito mais duro nela agora. — Oh, Ares sim. Eu também, Maven. Eu também.

Plantando as mãos nos quadris dela, as estocadas ficaram maiores e ela se sentiu tão longe, levantando seu corpo, os joelhos levantando da cadeira quando ele a penetrou completamente.

Ela gritou com ele, quando ele gemeu em sua libertação e então, caíram um contra o outro, a cabeça dele descansando sobre seus seios, e sua cabeça sobre a dele. Sem perceber, ela ainda o estava segurando, apertando-se contra ele — e quando ela notou o abraço, não se extraiu disto. Não podia. Somente porque estava muito exausta, ela disse a si mesma, em explicação. Nada mais. Ela não se sentia tenra para este homem.

— Seu coração bate muito forte, noiva, — ele murmurou contra seu peito, a voz drenada, mas ainda sensual.

Ele sabe. Ele pode sentir como eu me sinto — o quão acalorada estou, e como... Oh, ela não podia negar quão segura se achava. O conhecimento, e sua aversão a ele, endureceram seu coração ainda mais, levou-a de volta para o lugar de resistência e controle, mesmo que pulsando contra ele.

— Não para você, — ela sussurrou.

Ele levantou a cabeça, encontrando o olhar dela com uma sobrelance erguida, desafiando-a.

— Para quem então?

— É só uma reação do sexo. Eu posso ser nova nisto, mas eu aprendi o suficiente em minha orientação para entender.

Ares, ele ainda estava dentro dela, mesmo agora. A percepção a enfraqueceu um pouco, fazendo-a sentir-se líquida e flácida, mas ela não se esforçou para mostrar isso, para que ele a desafiasse. Ela não conseguiu ler sua expressão quando ele continuou a olhar para ela.

— Bem, se não há nada mais, você parece apreciar muito ser possuída, por isso mesmo se não pudemos ser felizes de qualquer outro modo, podemos, pelo menos, manter a conexão aqui no quarto de dormir.

O que ele quis dizer, ela suspeitou, foi que ela gostava de ser possuída por ele, ele pensou que era especial para ela. Foi uma acusação.

— Um lapso após a excitação dos rituais da noite passada, eu lhe asseguro. Não vai acontecer novamente.

Ele curvou um sorriso duvidoso e superior.

— É mesmo?

Ela concordou. — Isso mesmo.

Mas ele ainda estava dentro dela, até agora, e ela não podia suportar mais essa ligação física, então aproveitou a oportunidade para levantar-se e sair dele, procurou não demonstrar o sentimento de perda em seu rosto enquanto corria pela sala. Ela mal sabia o que estava fazendo, qual era o seu plano, mas foi ficando longe dele agora.

— Eu não suporto estar perto de você um só momento, — ela cuspiu, procurando sua roupa e percebendo que não estava naquele quarto, ela gemeu.

Desesperada, ela pegou a coberta de seda da cama e envolveu-se nela novamente, fugindo em direção à porta.

— Já está saindo?

Foi a diversão na voz dele que atraiu o seu olhar. E oh, mas ele estava magnífico sentado lá, relaxado e nu, seus músculos brilhando pelo suor do sexo. Como de costume, lançou um sorriso irritante.

— Sim! Ela vociferou.

Ele inclinou a cabeça. — Você não está vestida, você sabe, — ele disse casualmente, como se talvez ela tivesse esquecido este pequeno fato. Em vez de convocar uma resposta, ela simplesmente soltou um rosnado de nojo, então abriu a porta de madeira, saindo por ela sem se preocupar que a vissem desfilar enrolada em uma colcha.

Capítulo Treze

Depois de deixar Dane, Maven desceu apressada nas escadas e voltou para a sala que tinha ficado antes sem ser vista por ninguém. Lá, ela encontrou seu baú, de onde tirou uma camisola de seda. Descartando a colcha exuberante no chão, ela vestiu a camisola e em seguida, arrastou-se para a cama para dormir mais.

Talvez quando ela acordar mais tarde, terá se recuperado da loucura que a havia superado nestas últimas vinte e quatro horas. Ainda era difícil de entender tudo o que tinha acontecido e os muitos prazeres com os quais ela tinha se satisfeito, sem falar que ela estava casada com Dane e que tinha feito sexo com ele... Bem, foi extraordinário, para dizer o mínimo. Ela nunca tinha sonhado com a alegria e a satisfação que percorria por suas veias quando seu grande pênis estava dentro dela, empurrando tão profundo.

Não que ela pudesse deixar isso acontecer novamente. Ela simplesmente não podia deixar-se sucumbir aos seus encantos sexuais. Mas como tinha dito a ele, era certamente apenas a reação aos rituais da paixão, a muitos homens que tinham lhe dado prazer na sua última noite antes de Dane tomar a sua virgindade. Ares! Como é que qualquer mulher não ansiaria pelo membro de um homem depois do que ela tinha sofrido com o jogo dos azulejos Maran?

Mas depois quando eu despertar ela prometeu a si mesma, toda a luxúria que eu senti por ele terá sumido, desaparecido. Ela não iria se entregar a ele mais uma vez, não seria a posse que ele parecia determinado a fazê-la, mesmo que — embora ela não quisesse admitir — o sentido de ser possuída quando estavam transando tão fortemente — não fosse tão horrível. Ela ficou sem fôlego no próprio conceito. Pensamentos como esse eram certamente os que mantinham as mulheres em uma posição de subserviência em todas estas eras.

Durma, ela se ordenou. Durma e acorde como você mesma novamente!

* * * * *

A manhã encontrou Dane andando pelo vasto campo verde atrás do forte, conversando com Kaelen, a quem ele havia chamado. A menina bonita, com quem ele tinha partilhado certo prazer em algumas ocasiões anteriores, era um dos seus servos mais confiáveis e respeitados.

— Você fez um trabalho admirável ao preparar Maven ontem, — ele disse.

Ela sorriu para ele, claramente satisfeita com o elogio.

— Eu gostei da tarefa e perdoe-me por ser ousada, mas acho que Maven se afeiçoou a mim.

Ele piscou um ligeiro sorriso para ela antes de olhá-la de frente.

— E a lição de beijar? Eu acredito que foi bem, dado que, admiravelmente, ela parece ter entendido agora.

Kaelen balançou a cabeça.

— Sim, ela foi uma aluna hábil.

— Eu desejo que você seja sua empregada pessoal, Kaelen.

Kaelen engasgou e olhou para ele, claramente honrada por ser lhe dada tal posição. Será um prazer servi-la em todos os sentidos, Dane.

Ele sorriu gentilmente para ela.

— Estou contente por ouvir isso. E desejo que você comece agora, neste exato instante. Ela saiu disparada de nosso quarto esta manhã vestida com nada mais que uma colcha e eu não a tenho visto desde então.

— Disparada? — Claramente, Kaelen não conseguia entender como uma mulher na posição de Maven poderia ser infeliz.

— Ela é uma criatura rebelde. As atividades na nossa cama a entretêm bem, mas ela se recusa a ser civilizada para mim quando não estamos transando.

A expressão de surpresa de Kaelen foi apreciada. Como em nome de Ares, ele acabou com uma mulher tão complicada para ser uma esposa?

—Vá encontrá-la e ajudá-la a se vestir. Tente colocá-la à vontade. — Então ele deu a ela um sorrisinho especial e indulgente.

— E pode falar para ela que eu não sou um demônio.

Kaelen retornou o sorriso.

— Certamente, mestre — Ela disse, e virou-se para voltar pelo campo em direção ao forte.

Dane, no entanto, continuar a andar, feliz por estar sozinha agora, tentando clarear a sua cabeça. Sua pequena noiva o tinha desgastado fisicamente e até certo ponto mentalmente, também. Ela era pessoa difícil, disso ele não tinha dúvida.

Portanto, aquilo não seria um jogo de amor. Apesar de todas as palavras amáveis que Kaelen poderia dizer sobre ele, ele já conhecia Maven muito bem para saber que meras palavras não poderiam balançá-la. Mas como ele tinha-lhe dito, parecia que eles se davam muito bem no quarto — mas, teria que ser mais do que apenas de forma amigável.

Seu pênis recuperava a vida em suas calças, mesmo agora, bastava lembrar o incêndio que haviam compartilhado. E, como ele prometeu a si mesmo antes de se casar com ela, agora que ele viu como eles se encaixavam bem no sexo, ele não tinha planos de tomar qualquer outra mulher em sua cama a partir daquele momento. Embora, estranhamente, isso veio mais como uma compulsão do que uma decisão.

Inferno! Ele não sabia o porquê, mas ele queria fazer a garota feliz. O que há uma semana tinha sido para o aumento de uma posição no poder ainda maior da que ele já tinha — começou a ser outra coisa também.

Provavelmente ele estivesse desejando o tipo de casamento que seus pais tinham compartilhado. Eles morreram jovens, mas tinham vivido uma vida feliz juntos até a hora do ataque. Dane supostamente no fundo nutria a idéia de que talvez um dia ele também experimentasse o tipo de vínculo que tinha visto entre seus pais, o afeto genuíno que um tinha para com o outro. Uma expectativa tola e impossível, agora que ele viu exatamente o quão cabeçuda sua jovem esposa era.

Bem, ela poderia odiá-lo, mas ele sabia que o decreto dela de não ter mais relações sexuais com ele não resistiria. Ódio à parte, o corpo dela ardia para o dele tal como o seu para o dela.

Eles podem não compartilhar nada mais entre marido e esposa, mas ela não conseguia esconder seu desejo. Sua vagina tinha se encharcado por ele no momento em que ele a acariciara esta manhã. Ele deu um pequeno sorriso, sabendo que ela foi incapaz de manter a palavra, quando veio para fazer amor com ele.

Só então, ele avistou um cavaleiro que vinha em direção a ele. Apertando os olhos, viu os trajes de couro preto, que identificou o homem como um soldado de seu exército.

Os olhos do rapaz pareciam frenéticos.

— Mestre, Kells convoca sua presença imediata.

— O que está errado?

— Há relatos de uma ameaça contra a fronteira há algumas milhas de distância daqui.

— Ameaça contra a fronteira? Mesmo agora essa preocupação conseguia atingi-lo, mesmo por um momento. Damn Virgs nunca pareceu desistir. Felizmente, enquanto tais ameaças fossem cuidadas de forma eficiente, elas raramente se tornariam verdadeiros problemas.

Ele olhou para trás em direção à fortaleza e ao estábulo, que abrigava o seu pessoal e sua valiosa montaria.

— Eu tenho que montar o seu cavalo soldado, porque os meus estão muito longe.

O jovem assentiu com a cabeça obediente e desmontou rapidamente, passando as rédeas para Dane.

* * * * *

— Maven? Você está dormindo? A voz feminina era levada pelo vento vagamente na sua soneca.

— Hmm?

— Maven? Sou eu, Kaelen.

A voz ficou mais perto, até que ela sentiu uma mão no quadril apertando calorosamente através de seu vestido.

— Maven, seu marido enviou-me para verificar você, para ver se está tudo bem.

Seu marido. Ela abriu seus olhos, lembrando de... tudo.

Rolando de costas, ela encontrou Kaelen sentada na cama ao lado dela, hoje com um vestido curto de couro marrom pálido que revelava suas formas, acentuando o que Maven sabia serem belos seios. Mais uma vez, ela ficou impressionada com a beleza da outra.

— Kaelen, — ela disse com um sorriso gentil.

A morena voltou a sorrir, olhando para ela.

— Acabo de saber que eu vou ser sua criada pessoal, Maven. Espero que te agrade tanto como me agrada.

— Certamente, — disse ela, sentando-se ligeiramente, iluminando o seu humor. Eu não gostaria de nada melhor. Na verdade, eu acredito que é a primeira notícia que levantou meu espírito desde que cheguei aqui.

Kaelen levantou e moveu-se para uma mesa onde tinha uma bandeja de madeira e se sentou.

— Eu trouxe-lhe alguns pães e bacon frito para o café da manhã.

Depois do exercício físico que tivera na noite passada e esta manhã, ela estava faminta.

— Bom, eu estou morrendo de fome.

Kaelen trouxe a bandeja para a cama e depois passou pela sala arrumando coisas, o tempo todo parecendo muito alegre. Após Maven terminar de comer, Kaelen retirou as cobertas e tomou-lhe a mão, ajudando-a a sair da cama. Tirou o vestido de seda azul sobre a cabeça de Maven e em seguida, deu-lhe um banho de esponja e ajudou-a a vestir um colete de peles equipados com fechos de gancho até a frente e uma saia curta de couro marrom.

— Agora vou escovar seu cabelo, — anunciou Kaelen, apontando para Maven se sentar em uma mesa que tinha um lindo espelho e peças recortadas dentro de uma estrutura de metal igualmente cara. Querido Ares! Quantos espelhos Dane possuía? Às vezes a riqueza do homem assombrava

— Pelo menos, — ela murmurou: Eu não quero as coisas materiais.

— Hmm? — Kaelen perguntou, tomando uma escova grossa e começando a deslizá-la pelo cabelo de Maven.

Maven balançou a cabeça.

— Nada, eu só estava... — Ela suspirou. — Eu só estava pensando mesmo que eu esteja presa em um casamento que não quero, eu pelo menos não tenho que me preocupar em ter abundância de bens.

— Irônico — ela pensou. Uma *possessão* que tem posses.

Atrás dela, pelo espelho, Kaelen balançou a cabeça pensativa. — Você não deseja estar casado com o Dinamarquês?

Novamente, Maven balançou a cabeça, desta vez com mais veemência.

— Certamente todo mundo aqui sabe que foi um casamento arranjado.

— Sim, mas... — Kaelen parecia realmente surpresa.

— Mas o que?

— Bem, cada mulher que eu conheço, inclusive eu, faria quase qualquer coisa para o Dinamarquês mesmo notá-las, quanto mais em ter a honra de ser esposa dele.

Maven arqueou as sobrancelhas.

— Sêrio? — Então ela lembrou que todo mundo aqui gostava de pensar nele como o seu mestre, eles estavam claramente todos convencidos.

Pelo espelho, ela viu um rubor corar as bochechas da empregada.

— Certamente você não nega que ele além de bonito é muito desejável? Sem mencionar que seu pênis é uma vista maravilhosa de se ver.

Ela desejava poder negar tudo isso. Não. Mas é preciso mais do que aquelas coisas para fazer um casamento feliz.

Foi então que ela olhou-se no espelho e, pela primeira vez, desde que acordou, lembrou-se da gargantilha preta ainda ao redor de seu pescoço. Estranho, tão apertado como tinha sido a última noite e ela nem sequer a tinha sentido. Mas mesmo assim...

— Pode tirar a gargantilha, por favor? Eu não quero voltar a usá-la.

Kaelen parecia incomodada com o pedido, ela sabia claramente que a peça tinha sido o presente de casamento de Dane. Mesmo assim, ela cuidadosamente pegou o cabelo solto de Maven por cima do ombro e tentou desatá-la.

Um minuto depois, porém, ela anunciou:

— Eu não posso desatar, é um nó muito apertado.

Maven engoliu em seco.

— Não há nenhuma maneira de removê-la?

— Não, a menos que seja cortada com uma lâmina, mas isto a arruinaria.

Maven soltou um suspiro. Uma coisa era desafiar o homem, outra era arruinar um presente caro, na manhã depois de seu casamento.

Não era por respeito a ele, mas por reverência e... Bem, de medo.

— Muito bem então. Mas a maldita coisa a fazia se sentir ainda mais presa.

* * * * *

Quando Dane voltou de seu encontro com Kells, ele estava exausto. Na verdade, um bando de malfeitores Virgs tentou atravessar a fronteira através de um vale densamente arborizado que estava entre os pontos mais difíceis de montar guarda. Os homens de Kells tinham retornado rapidamente, mas qualquer violação era importante o suficiente para fazer soar o alarme e alertar Dane.

Inferno! Mas pensar sobre os Virgs o deixava frágil e frio. Aquilo batia fundo em seu peito, no lugar onde a tristeza pela perda de seus pais ainda persistia, onde a memória dos horrores daquela noite levantava-se ainda fresca e nova apesar do tempo. Historicamente, os Caralonians eram pessoas de guerra, mas Dane não podia evitar pensar que os Virgs os deixariam com vergonha em termos de desejar a guerra e incitar a batalha. E quando ele pensou em tudo que eles tinham tomado dele naquela noite há quinze anos, ele se aprofundou numa raiva que não sabia se poderia existir outra mais profunda.

Era a hora do jantar quando ele invadiu a fortaleza de mau humor. Alguns de seus companheiros já tinham começado a comer na mesa longa erguida a cada noite no salão grande, ele sabia que outros estavam para chegar, vindos de onde se tinha transformado um verdadeiro conselho entre seus homens tendo Kells no topo.

Ele olhou para a direita do seu assento, à cabeceira da mesa, esperando ver Maven lá, mas aquela cadeira estava vazia também. Era tinha que estar sentada ao lado dele como sua mãe esteve com seu pai mesmo se a mesa de jantar não tinha sido o local ao qual ela havia se referido.

— Onde em nome de Ares está minha esposa? Ele falou os dentes cerrados.

O falatório alegre à mesa cessou quando todos eles se viraram para olhar.

Finalmente, Kaelen se levantou e correu para ele, parecendo preocupada com o seu tom. Bem, todos eles faziam bem em se preocupar, ele não estava de humor para a notícia infeliz.

— Ela se recusou a vir para o jantar, Dinamarquês.

Ele soltou um suspiro longo e lento, tentando manter a calma antes de entrar em erupção.

— Atrevo-me a perguntar por quê?

Kaelen engoliu nervosamente e falou em voz baixa.

— Ela disse que não queria compartilhar a mesma mesa com você. Ela pediu para jantar no quarto dela.

— Ela está lá agora?

— Até onde eu sei.

— E quando você diz "quarto dela", eu confio que você quer dizer o quarto que ela dormiu antes de ontem à noite?

A empregada de cabelos escuros assentiu.

Sem outra palavra, Dane-se virou e andou pelo longo corredor central do Forte em direção à câmara onde ele iria encontrar sua esposa. Ele empurrou a porta com a palma da sua mão e entrou a tempo de vê-la recuar. Ela estava sentada em uma mesa perto da janela, com uma grande bandeja de comida na sua frente e parecia mais encantadora do que antes.

Quando ele atravessou o quarto, ela apressadamente ficou de pé, os olhos arregalados com o que ele esperava por Ares que fosse medo, pois se estivesse o desafiando, especialmente na frente de todos os que o seguiam, ela logo teria razão para o medo. Pisou tão próximo a ela que seu peito roçava o pêlo macio do colete dela.

—Eu fui informado que você não deseja compartilhar uma refeição comigo, esposa, — ele nitidamente disse.

Ela soltou um suspiro, então encontrou o olhar dele, deixando o desafio assumir o lugar do medo em seus olhos.

— Isso é verdade.

— E isso é lamentável, para você, — disse ele. Porque você vai comer comigo, mesmo se você não optar por fazê-lo. Eu tenho tolerado o seu comportamento infantil até este ponto, pensando que você ia se comportar, uma vez que casamos, mas já que você não o faz, a minha calma termina agora.

Com isso, ele andou rapidamente e sentou na cadeira puxando-a para o seu colo, um braço estava apertado em torno da cintura fina e prendendo seus braços para os lados.

—O que você pensa que está fazendo? Ela estalou, lutando ligeiramente contra seu aperto. — Deixe-me ir!

— Eu estou compartilhando uma refeição com você, noiva. Ele fechou a mão livre sobre as coxas dela e virou-a para que o enfrentasse e encontrasse os seus olhos.

— Você pode lutar se nos quiser ambos vestidos de comida, ou você pode ser uma boa e pequena menina e comermos em paz. A escolha é sua.

Ele esperou por sua resposta, mas ela ficou muda. E também quieta, que foi um passo na direção certa, apesar do veneno em seu olhar.

— Muito bem, então, — disse ele. — Vamos comer.

Com isso, ele pegou uma fatia de pão de frutas espessas e deu uma mordida. Quando mastigou e engoliu, ele empurrou a mesma fatia para a boca de Maven que fez beicinho.

— Coma, — ele ordenou.

Ele a sentiu pesar as suas opções, consciente do fogo que queimava nele, até que ela relutantemente deu uma mordida no pão escuro e doce de sua mão.

— Boa menina, — disse ele, a voz baixa.

Ela lançou-lhe um olhar enviesado que, apesar de sua raiva no momento, o fez sorrir.

— Em seguida, vamos tentar um pouco de carne. Ele pegou uma coxa de frango, dando uma mordida considerável antes de levá-lo a boca dela.

Com apenas uma ligeira hesitação naquele momento, Maven mordeu um pouco da carne.

— Muito bom — ele disse novamente.

Desta vez, ela só revirou os olhos.

Ele não podia evitar rir um pouco, não só pela sua resistente e pequena noiva, mas também porque, de repente, ele estava apreciando aquilo, apreciando-a. Mesmo ela escolhendo ser rude, ele estava tendo um momento muito melhor com sua linda esposa brava sentada em seu colo do que se ele tivesse ficado no grande salão para comer com o resto dos habitantes do forte.

Depois de dar a ambos um pouco de água de sua taça, ele a alimentou um pouco mais e então disse:

— Você gostaria de alguma fruta?

Maven movimentou a cabeça, parecendo consideravelmente conquistada agora.

Kaelen tinha carregado a bandeja com uma variedade de frutas, inclusive uma banana, já descascada. Ele agarrou a banana, falando a Maven em um tom malvado.

— Bananas foram usadas em sua Orientação?

Ela sacudiu a cabeça parecendo inocente.

— Não.

Ele sorriu.

— Ouvi que eles muitas vezes usam para ensinar as meninas a arte de tomar um pênis em suas bocas.

Como um fino véu, o rubor subiu às bochechas dela quando ele levou a fruta para seus lábios.

— Vamos tentar agora, vamos? Vamos ver o quanto você pode tomar minha pequena noiva encantadora.

Ela hesitou um pouco.

— Por que eu deveria fazer uma coisa dessas?

— Portanto você terá um pouco de prática antes que tente tomar-me na sua boca.

— Eu não vou fazer isso, — disse ela. Mas, mesmo quando as palavras a deixaram, ele sentiu o calor de repente parece escorrer de seus poros para ele, o ímpeto do desejo encheu os seus olhos.

Ao invés de insistir com ela, ele decidiu tomar um rumo diferente.

— Pois bem, parece que o mínimo que você pode fazer é deixar-me ver você tentar com a banana.

Sem esperar a resposta, ele empurrou-a mais perto de seus lábios, cutucando sua boca para que se afastasse. Ela deixou a boca ligeiramente aberta, dando-lhe um olhar tímido quando ele empurrou a banana para dentro.

— Relaxe — ele balbuciou enquanto ia colocando a fruta mais profundamente. O rosto dela corou ainda mais, mas ela não vacilou ou contorceu-se ou tomou o caminho mais fácil de morder a banana e jogá-la fora. Ela a deixou deslizar profundamente na boca até sentir que chegava ao fundo de sua garganta. Foi impossível ele deixar de ficar impressionado e sorrir.

— Isso é muito bom, esposa. Eu mal posso esperar até que você me engula assim também. Os olhos dela mudaram e a ira voltou, ele lentamente extraiu a banana.

— Eu disse que não vou fazer isso.

Ele apenas sorriu, logo fez a ponta úmida do fruto deslizar para frente e para trás através do seu lábio.

—Coma, Maven, — ele incitou em um tom baixo.

Ainda à procura de desafio, ela beliscou fora a extremidade do fruto e ele riu, trazendo-o para a sua própria boca para uma mordida antes de retornar para sua noiva.

Quando eles terminaram a banana, ele disse: —Mais fruta? Talvez uma maçã? Ele ainda tinha os braços presos contra ela, mas ele soltou o aperto o suficiente para que ela provavelmente lutasse agora. Mas ela não fez. Ele começou a querer saber quão molhada estava sua vagina e se ela tivesse notado a coluna que agora estava inchando na frente da calça dele.

—Você sente meu membro contra você, esposa? Ele perguntou, agarrando a maçã. Ela olhou para baixo entre eles acanhado, mas excitada.

—Como eu não poderia se é enorme.

Ele riu. — Você gosta da maneira que o sente contra você?

—Não, — ela insistiu enquanto ele dava uma mordida poderosa na fruta madura e vermelha.

Ele riu mais uma vez.

— Engraçado pareceu que você não podia conseguir o suficiente de mim ontem à noite e esta manhã também.

Ela ruborizou na lembrança de quão excitada ela tinha estado e pela lembrança do seu orgasmo duplo apenas nesta manhã e fez a sua parte para ele endurecer ainda mais quando pegou a maçã na boca.

—Tome uma mordida, esposa, — ele sussurrou.

Lançando a ele um olhar rápido, ela se debruçou ligeiramente adiante para afundar seus dentes no fruto fresco. Um spray de suco voou para os seios dela.

—Oooh! — Ela gritou, mesmo com a boca cheia.

O desejo de Dane aumentou à vista da umidade que agora vislumbra na curva do seio dela. Inclinando-se, ele lambeu o suco da cova da sua garganta e logo mais abaixo lambendo um caminho através dele.

O peito dela arfou ligeiramente e ele deixou de lado a maçã e levou a sua mão para baixo em sua saia, afundando os dedos em uma vagina igualmente úmida.

— Basta de comida, — disse ele baixo e selvagem em seu ouvido. —Agora é hora de fazer amor.

Capítulo Quatorze

— Não, — ela disse, mas sua respiração era irregular, o protesto fraco.

Ele deixou um beijo em seu pescoço e sentiu o calafrio correr por ela.

— Oh, eu odeio quando você...

— Quando eu o que?

— Quando você me faz...

— Sim?— Ele ronronou em sua orelha, deixou outro beijo mais abaixo.

A cabeça dela caiu para trás com um silvo de prazer, ou frustração. — ele não podia dizer.

— Nada, — ela sussurrou, parecendo derrotada e desesperada. — Nada.

— Você odeia quando eu faço você me querer, — ele disse, terminando a frase para ela, derramando ainda mais beijos em seu pescoço, então mais abaixo em seus seios, o tempo todo aflagando sua vagina molhada em baixo da saia.

Ela começou a gemer e suspirar com cada golpe de sua mão arqueando seus seios em direção a boca dele e, agora que seus braços estavam livres, enrolou-os ao redor de seu pescoço e o puxou para seu peito.

— Oh Ares, — ela sussurrou enquanto os beijos se deslocavam mais para baixo, mais abaixo, contra a extremidade de sua blusa se facilitando para dentro.

Ares, como ele ansiava por ela. Quem precisava de comida quando tinha esta menina adorável para o banquete? Ele quis sentir o mamilo duro contra a sua língua, a morna vagina apertando-se ao redor de seu pênis. Firmou seu aperto nela, pressionando mais contra seu quadril, afundou sua boca mais profundamente em sua suavidade luxuriante.

Ele amou o som da respiração difícil acima dele, a sensação das mãos em seus cabelos, puxando-o contra seu peito.

— Você me deixa selvagem, esposa, — ele murmurou contra sua carne tenra.

Ela respondeu com um gemido.

Erguendo suas mãos para os seios dela, ele lutou com os botões de sua blusa, finalmente abrindo o primeiro, então o segundo, o suficiente para permitir a ele alcançar e envolver seus seios, ao mesmo tempo empurrando o tecido para libertá-los. Então ele se afastou um pouco para olhar, eles eram tão bonitos, tão suaves e redondos, suas pontas rosadas e tensas acenando.

— Adorável — ele murmurou.

— Beije-os, — ela pediu.

Ele considerou fazê-la implorar mais, como na noite anterior, mas ele não teve paciência. Sem demora, afundou sua boca sobre o cume rosado, encantando-se ao sentir seu mamilo duro contra sua língua, chupando suavemente, só o suficiente para fazê-la gritar.

Logo ela estava soluçando e gemendo, enquanto ele trocava suas carícias de um seio adorável até o outro. Com uma mão ele acariciava o mamilo e com a outra esfregava entre suas pernas, agora separadas em seu colo.

— Oh, — ela suspirou, — me possua.

O pedido foi como um tiro espalhando fogo sobre ele, endurecendo seu pênis mais do que já estava e fazendo-o sentir-se torturado da mesma maneira que a noite anterior, mesmo sem o dia a dia de estimulação anterior.

— Diga isto novamente, — ele sussurrou contra o peito dela.

— Possua-me, Dane. Por favor, me possua.

O desespero de seu apelo a bateu profundamente, satisfazendo-o de uma nova maneira, dando-lhe munição. Ele a puxou lentamente e encontrou seus olhos, selvagens com a luxúria. Falou com toda a tranquilidade que pôde reunir.

— Libere meu pênis e eu darei a você o que quer, minha noiva.

Ela mordeu os lábios e em seguida olhou para o lugar onde a protuberância esticava os cordões de amarrar que se cruzavam.

Depois de um segundo de vacilação, durante o qual sua respiração pesada era o único som no quarto, ela agarrou o fino cordão.

— Eu não posso completamente... — ela sussurrou, frustrada, quando seu ângulo não permitiu acesso fácil.

— Levante, — ele disse e quando ela fez, ele se esticou na cadeira, tendo certeza que ela podia facilmente liberar seu pênis e tendo certeza que ele poderia assistir.

De pé entre suas coxas abertas, a saia erguida em seus quadris, seus seios presos e cercados por tecido, não parecia menos deliciosa.

— Desamarre minhas calças, — ele instruiu quando ela hesitou.

Ela se curvou, passando seus seios atrevidos por cima dele. Ele ergueu as mãos para seus ombros e a empurrou suavemente, persuadindo-a a ajoelhar-se.

Ela se ajoelhou, separou os cordões e então trabalhou para soltar os laços de cima de seu pênis. Ele segurou sua respiração, esperando, assistindo, até finalmente ela poder abrir suas calças, seu membro ansioso estourando livre ante seus olhos.

Ela vacilou com a visão, então seus olhos ficaram vigorosos e quentes, aparentemente colados no membro. Isso o fez muito mais duro, tão duro que ele temeu estourar.

Entretanto recuperou seu controle e sussurrou para ela:

— Acaricie-o.

Ele nunca havia visto sua querida e pequena esposa tão dividida entre o nervosismo e o desejo, mas ficou contente, pois todo o indício de negação, fazia tempo que havia saído de cena.

Ele levantou o traseiro ligeiramente da cadeira, erguendo também seu pênis suavemente mais próximo para a jovem adorável ajoelhada entre suas coxas.

— Acaricie-o, minha noiva, — ele disse novamente, suave e baixo, embora estivesse realmente pensando, *chupe-o. Eu quero sua boca em mim forte para que eu possa saborear!*

Mordendo o lábio com incerteza, ela ergueu sua mão para acariciar suavemente o comprimento de seu pênis.

— Tão liso — Ela murmurou claramente atordoada. — Como pedra embrulhada em seda.

Ele não respondeu, só tentou controlar sua respiração enquanto ela deslizava sua mão de acima e abaixo de seu comprimento.

— Segure-o — ele disse.

Ela olhou brevemente para ele, então seguiu o comando, parecia ter esquecido tudo sobre protestar ou negar. Fechando seu punho pequeno em torno do grande membro, ela segurou nitidamente a respiração.

— É muito grande — ela sussurrou. Ela ergueu o pênis sobre seu estômago, segurando-o, examinando-o. — Como ele se encaixa em mim?

Ele lhe ofereceu um pequeno sorriso.

— Você é favorecida, noiva. Feita para se abrir para mim.

Ela deu um aceno de leve com a cabeça, continuando seu estudo, com os olhos cheios de temor.

— Beije-o, — ele sussurrou e quando os lábios suaves encontraram a ponta de seu pênis, quase o fez gozar.

— Ares, — ele respirou. — Muito bom, minha pequena esposa. Muito bom. Agora, novamente, — ele disse.

Ela obedeceu, suavemente, dando um beijo tenro em seu pênis, então outro e outro — doce, suave e gentil — até que ela estava lambendo a ponta úmida da abertura minúscula.

— Ares, sim, — ele gemeu, deixando sua cabeça cair para trás de paixão, cerrando os olhos.

Mas ele não queria perder nada, então olhou para baixo, assistindo suas lambidas suaves e lentas em torno da cabeça, um pequeno beijo na ponta e então corria até o fim de seu pênis com os lábios fechados, como se burlando dele, como se o fizesse implorar por entrar em sua boca preciosa.

Por favor! Ele queria intensamente dizer aquilo, implorar a ela.

Mas não, ele não podia. Por mais que gostasse de jogar um jogo com seu sexo, ela começou a batalha pelo poder e ele não podia sucumbir, não podia deixá-la perceber o quanto de controle ela tinha sobre ele neste momento.

Então ele só a observava, pedindo por dentro. *Chupe-me, Maven. Por favor, por favor, sugue meu pênis.*

Os olhos dela se estreitaram com luxúria quando encontraram os dele. *Ou ela vai se negar a mim agora, fazer-me sofrer como nunca sofri antes, ou ela vai...*

Doce paraíso! Ela baixou sua boca suavemente acima da cabeça de seu membro, fazendo-o gemer. Que doce encanto, assistir sua jovem e linda esposa levá-lo entre seus lábios.

— Muito bom, minha noiva, muito bom, — ele murmurou, persuadindo-a. — Sim, sim. Está muito bom. Veja quanto você pode tomar. — Solto uma pequena risada, inesperada.

— Eu sei que é muito maior que a banana, mas sim, esposa, sim... tome tanto quanto sua boca adorável pode lidar.

Só uns poucos centímetros, mas estava bom. Era sua primeira vez, afinal e mesmo tendo tão pouco de seu pênis em sua boca era a coisa mais divina que ele já sentira. Melhor que Calla e suas admiráveis habilidades de sucção. Melhor até que as gêmeas, que às vezes davam a ele o prazer de duas bocas de uma só vez. Melhor que qualquer outra mulher, sempre. E ela o havia tomado de boa vontade, ele nem sequer teve que pedir. Era como se isto fosse o presente de casamento que ela se negou a dar a ele ontem à noite, agora sendo entregue pela caverna úmida de sua boca, fechando ao redor dele.

Ele se levantou um pouco, só o suficiente para insinuar o movimento — e como ele esperava, ela aceitou a sugestão e começou a mover seus lábios de cima abaixo em seu membro umedecido. Só depois de ela encontrar seu ritmo, ele começou a empurrar ligeiramente, deixando-a continuar, estabelecendo a velocidade.

— Sim, — ele sussurrou. — Assim mesmo. Chupe-me assim!

Ele se recostou de volta, relaxando, desfrutando a sensação pela visão dela também.

— Muito bom, minha doce e pequena noiva. Você me chupa muito bem!

Seu ronronar de encorajamento pareceu fisgá-la e ela conseguiu levá-lo um pouco mais fundo quando moveu sua boca doce de cima abaixo e ele deixou que suas estocadas aumentassem de acordo. Ele amou o quão duro ela trabalhou nele, os olhos se fechando, claramente absorvida em sua tarefa.

— Sim, sim, — ele murmurava pasmo, por quanto tempo ela continuou a entregar seus quentes encantos. Até depois de saber que ela era uma pequena coisa luxuriante, ela estava espantando-o agora com completa ânsia.

Passaram-se mais alguns minutos aprazíveis, até que ela finalmente se afastou, aliviando o pênis de seus lábios, que agora pareciam ligeiramente inchados pela sensual sucção.

— Você vai me possuir agora? — Ela perguntou, com um sussurro minúsculo, quando ele menos esperava e isso de alguma maneira rasgou seu coração.

— Oh sim, minha bela esposa, — ele disse com grande fervor — definitivamente vou possuí-la agora. — Com isto, ele a puxou para cima, sentando-a na mesa e empurrando sua saia num movimento rápido.

Ele não desperdiçou outro segundo antes de afundar seu pênis faminto na doce umidade.

— Ah, sim, — ele respirou e teve o mais estranho pensamento — sentiu-se como voltando para casa. Mas não o analisou — só se focou no momento, no calor, no momento delicioso, e a apreciou com uma nova profundidade que ainda não experimentara com ela. Parecia que toda vez que estava dentro dela, de alguma maneira se sentia mais poderoso do que na última vez.

Enrolando as mãos ao redor de seu bumbum ele a puxou, apertando-a contra ele, afundando mais em sua passagem aquecida. Ela gemeu e deu um grunhido baixo. Ela enroscou as mãos ao redor de suas costas, abraçando-o como ele gostava, seus seios apertando suavemente contra seus músculos duros.

— É tão apertada a sua vagina, — ele sussurrou.

Para sua surpresa, ela realmente deixou escapar uma risadinha.

— O que mais você esperava? Seu pênis é o único membro que já entrou nela. Exceto os brinquedos durante os rituais da paixão.

A lembrança enviou uma explosão fresca de calor por ele.

— Agradeça a Ares, — ele respirou. — Eu não quero que você esteja com mais ninguém.

Uma coisa estranha para dizer talvez, dado que ele a tomou como sua esposa ontem, o que em si mesmo implicava sua fidelidade. Mas por outro lado, desde que ela escolheu odiá-lo, talvez não fosse tão absurdo deixá-la saber seus pensamentos, — deixá-la saber que o sexo por eles compartilhado importava para ele.

— Nunca, — ele disse, empurrando nela. — Nunca.

Ela soluçava a cada investida de seu pênis.

— *Nunca*, — ele repetiu, dizendo-o novamente, tendo certeza que ela ouviu e compreendeu o sentido da palavra.

— Você é minha, Maven, — ele disse, bombeando seu membro pulsante mais e mais fundo em sua doce vagina. — É apenas minha, para sempre.

Maven podia apenas acreditar em sua reação a ele. Estava horrorizada e maravilhosamente dominada. Neste momento insondável, ela queria pertencer a ele, queria prometer sua vida inteira — sua existência inteira — para Dane.

— Sim, — ela se ouviu sussurrando. — Sim, eu sou sua.

Ele a abraçou com mais força contra ele e golpeou mais duro com seu pênis enorme, enchendo-a tão bem, se maravilhando que sua vagina pudesse contê-lo. Os alimentos caíram no chão quando a mesa sacudiu. A jarra virou espirrando água no chão também.

E então veio uma sensação familiar, seu clitóris pareceu reviver, pareceu dirigi-la para encontrar as punhaladas e logo ela estava se arqueando de volta, roçando contra ele, diminuindo a velocidade de seu ritmo para algo mais sensual do que vigoroso.

Ele seguiu seu exemplo, murmurando:

— Sim, minha noiva, goze para mim. Eu quero fazer você gozar.

Claramente, ele podia ver o novo, a paixão do orgasmo que subia nela, assumindo o comando de todo o seu ser quando ela se entregou de corpo inteiro. Ela se arqueava de volta, apoiando seus braços na mesa, empurrando seus seios para frente, erguendo seu sexo para ele em uma dança sensual, o corpo dela a havia ensinado tudo muito bem ao longo dos últimos dois dias.

Ele se apoderou dos seios dela com suas mãos grandes, amassando e girando seus mamilos entre as pontas de seus dedos, antes de juntar seus polegares através deles. Ela continuou a erguer-se para encontrá-lo, talvez mais consciente de seu corpo que nunca em sua vida. Ela observou sua vagina conectar-se com ele, então se afastou um pouco, antes de uma vez mais sugar seu pênis, que havia sentido surpreendentemente bom em sua boca.

— Está muito bom, minha pequena noiva sensual — ele ronronou e seus olhos se encontraram. Então ele falou devagar, sua voz tão leve quanto a névoa, suas palavras coincidindo com suas estocadas. — Vamos, me possua, me possua!

Só então lhe ocorreu que ela o possuía da mesma maneira que ele a possuía. De alguma maneira o conhecimento adicionou ainda mais ânimo ao seu excitamento e ela o possuiu com mais força, mais duro, mais duro, até que seu mundo se quebrou em um clímax mais poderoso que ela havia experimentado, ainda rugindo por ela.

— Sim! Sim! — Ela chorou, empurrando o seu corpo contra o dele, absorvendo o calor, fazendo correr pulsações de prazer, cada uma rasgando por ela como um raio.

As sensações ainda não haviam diminuído quando Dane soltou seus seios, retornando as mãos para o traseiro dela, puxando suas costas apertadas e fortes contra ele.

— Ares, estou gozando! — Ele gritou, fundo e dominante e Maven podia jurar que quase sentia o orgasmo dele também, inundando seu corpo com calor e prazer imensurável.

Como da última vez que eles fizeram sexo, se afundaram um contra o outro em esgotamento mútuo. *Que estranho*, ela pensou, *segurar este homem — seu marido — contra ela, mesmo enquanto seu mundo, sua realidade e seus problemas voltavam depressa.*

Ela achou que ele deve ter sentido o mesmo. Ele encostou sua testa contra a dela e suavemente falou.

— Você vai dizer que me odeia novamente, esposa? — Não existia nenhum rancor ou ilusão em sua voz, só um pouco de dor.

— Não, — ela sussurrou, entretanto afastou-se dele, fechando as pernas e colocando sua blusa novamente sobre seus seios, olhando tristemente para o chão.

— Então... o que está errado?

Ela ergueu os olhos brevemente, sentiu demais o olhar dele e logo desviou os olhos.

— Eu gostaria de odiá-lo.

— Mas você não odeia? Ele perguntou suavemente, claramente tentando entender.

Ela tentou arrumar sua roupa, ajustando a saia para cima de suas coxas. Ela ainda não podia olhar para ele, então ao invés de se levantar da mesa, começou a recolher a maçã e outros alimentos que caíram para o chão.

— Eu não acho que poderia, de boa vontade, transar com um homem que eu verdadeiramente odiasse, eu não creio, — ela disse, confusa por suas próprias emoções e tão cansada por elas que não viu nenhum ponto, exceto honestidade. —E meu corpo domina minha mente quando estou com você. Mas eu não gosto de você ou das coisas que você representa. Eu não quero ser sua esposa. E eu desejava estar em casa com minha família e que nada disso tivesse acontecido.

— Entendo, — ele disse com uma voz tranqüila e triste.

Maven continuou se ocupando, arrumando a comida que tinha caído, tentando erguer a jarra destruída — qualquer coisa para evitar buscar seus olhos quentes e bonitos e ajudar a afastar a tristeza em sua voz agora mesmo. Ela se sentiu quebrada por dentro — dividida entre ele e o que ela sabia em sua alma que era o certo. Ela não podia aceitar ser sua possessão, não podia. Porque se ela não se respeitasse, quem o faria?

Quando ela finalmente juntou coragem para olhá-lo novamente, seu coração batia rapidamente contra seu peito, e ela se perguntou o que viria a seguir nesta guerra apaixonada, daí percebeu que ele havia deixado o quarto.

* * * * *

A escuridão caiu quando Maven fazia sua passagem pelo jardim. O fato dela não poder ver as flores, parecia intensificar o luxuriante perfume doce de verão. Ela pensou em Kells e a mulher que ela viu transando pela janela em meio a todas estas flores e vegetação. Se os dois se casaram, ele estaria pensando que ela era sua propriedade? E ela concordaria?

Todo o conceito, entretanto, a fazia se sentir doente e passear pelo jardim em baixo de um cobertor de estrelas não fazia nada para resolver seus problemas, desejava, entretanto, que pudesse.

Embora grande parte de sua ira a princípio tenha sido causada pelo conhecimento que ela era um trampolim para Dane obter domínio sobre Caralon, ela quase pensou que se ele

não persistisse em tentar controlar seu ser, ainda que não insistisse na idéia horrorosa de ser seu dono, talvez ela pudesse passar pelas outras objeções ao casamento.

A razão principal de ele casar-se com ela, — a conexão com seu pai e seu poder — não parecia tão horrível se ela soubesse que ele a respeitava.

Suspirando, ela se sentou em um banco e absorveu o silêncio. Ela nunca esteve tão confusa.

Não queria voltar para a fortaleza naquela noite. Porque ela sabia muito bem o que aconteceria. Dane a buscaria. E não importava o quanto tentasse, ela era incapaz de resistir a ele, incapaz de não querer seu pênis adorável. Oh, com que rapidez e de forma inesperada a droga se apoderou dela. Ela que pensava, em sua orientação, que seria incapaz de se imaginar desejando um grande bruto. Agora era tudo ao contrário.

— Assim é como nosso casamento vai ser? Nós transaremos loucamente, então você fica brava ou triste pelo seu desejo por mim? Essa é a maneira que você escolhe para vivermos?

A voz dele saiu do nada, perto de sua orelha. Ela vacilou surpresa, então olhou à medida que ele avançava por trás do banco para se sentar próximo a ela.

— Eu não tive nenhuma escolha nesse caso — ela assinalou.

— É justo — ele admitiu, soando sincero e triste. — Mas seria tão difícil desejar ser feliz? Quando nós estamos juntos, fazendo sexo, você é a mulher que eu sonhei por toda a minha vida, Maven. Entusiasmada, apaixonada, aventureira. Se você me der uma chance, eu a farei feliz, na cama e fora dela. Por que não deixar que isso aconteça?

Ela suspirou duplamente triste agora porque Dane de repente soou tão sincero e tão sério — não como Dane, o Terrível, que ela uma vez temeu e também muito diferente do homem áspero e insensível com quem transou há apenas um momento. Infelizmente, entretanto, isso não mudou nada.

— Eu expliquei para você antes. Eu não posso ser feliz com um homem que pensa que eu sou sua posse.

— Mais cedo, quando eu estava dentro de você, você disse que era minha.

Ela *disse* isso. Incrível, mas verdade. Seu coração encolheu pela lembrança.

— Foi na insanidade do sexo, eu te asseguro.

— O sexo não é insanidade, Maven. O sexo é uma força poderosa e entre um homem e sua esposa é um laço, um afeto mais profundo.

Ela agitou sua cabeça.

— Nada disso importa. E o que eu disse quando nós estávamos transando não tem validade, tampouco. O que importa é como eu me sinto depois, que é... que traí a mim mesma pelo prazer físico.

— E você só vê isso como — prazer físico? Você não pode talvez deixar traduzir em mais do que prazer? Em atenção? Felicidade?

— Não. O prazer não é suficiente, Dane. A vida é mais que sexo.

— Alguns discordam, — ele disse, — e não havia dúvida sobre isso, os Caralonians eram dessas pessoas sensuais que amavam fazer sexo mais que qualquer outra coisa. Isso foi uma das razões por que tinha sido tão difícil sofrer na ignorância com sua trança e sua

virgindade por tanto tempo: saber que o resto da sociedade estava lá fora experimentando aquela coisa que ela e suas irmãs não podiam.

Mesmo assim, entretanto, ela acreditou que a vida era mais. Porque até agora, ela viveu sua vida sem isto, ela sabia que a existência de outros aspectos importava muito.

— Eu discordo.

— Então é como eu disse antes? Nós vamos ter um casamento infeliz e não tem conserto?

Ela nunca ouvira seu marido soar tão cansado e isso aumentou a dor dentro dela. Claro, além da dor, alguma outra coisa aumentou — mesmo agora, a mera presença dele fez seu coração bater um pouco mais rápido e seu interior começar a formigar. Mas ela tinha que empurrar a sensação de lado de uma vez — ela devia!

— Não existe maneira de consertar isto enquanto você pensar que me possui, — ela anunciou solenemente.

Ele suspirou e sua voz se fortaleceu.

— E justamente por isso, eu suponho que nós não seremos felizes, desde que você persista em desafiar meu direito natural como seu marido.

— Natural? — Ela se pôs em pé com a ira renovada. Não queria mais se sentar próxima dele, a besta. E na verdade não confiava mais nela mesma. — É uma lei feita pelo homem, não por Ares, — ela insistiu.

— Se não é por Ares, então por que é assim? — Os olhos dele cintilaram sob um brilho pálido do luar. — Por que Ele não mudou isso?

As costas dela ficaram rígidas.

— Talvez Ele esteja tentando mudar isso. Dando a minha mãe a igualdade de meu pai. E dando a mim o auto-respeito, por não aceitar isto. Talvez ela e eu sejamos o primeiro passo para a mudança.

Ela virou de costas para ele então, precisando de um descanso para os olhos — até na escuridão — e o movimento trouxe uma suave sensação em seu pescoço, lembrando a ela do aperto repugnante da gargantilha que ainda seguia presa a ela. Ela a alcançou e tentou tirá-la frustrada.

— Querido Ares! Por que eu não posso ter esta coisa longe de mim?

— Que coisa? — Aparentemente, a escuridão o impediu de ver seus movimentos.

— Essa gargantilha horrível.

Quando ele não respondeu imediatamente, ela quase lamentou as palavras ditas, pensando que foram muito severas — A gargantilha era bastante primorosa, mas como símbolo de casamento era o melhor que ela podia imaginar. Finalmente ele falou, sua voz um pouco endurecida.

— É meu presente para você. Por que você quer tirá-lo?

Ela pensou que a resposta era óbvia, devido a discussão.

— Diz que você me possui. — Da mesma maneira que tudo neste casamento diz.

O suspiro dele soou pesado no ar.

— Você é a mais mimada, egoísta e mal agradecida garota que já encontrei.

— Então talvez você devesse me levar de volta para onde você me achou, — ela estalou, a gargantilha esquecida quando ela enrolou seus dedos em punhos.

— Não é tão fácil. Você sabe disso.

— Então você faria se pudesse, se nós não estivéssemos presos pelo casamento?

A pergunta pairou entre eles por um longo momento, até que sua resposta veio suave e funda.

— Não.

Ela deu uma risada sarcástica.

— Não, claro que não. Eu quase esqueci. Você estaria jogando fora sua chance de governar Caralon algum dia. — Ela respirou fundo, corajosamente encontrando o olhar dele na escuridão — onde ela descobriu que era mais fácil não se sentir tão capturada por ele, mais fácil permanecer forte.

— Bem, eu sinto muito Dane, mas se você estiver tão determinado a governar este domínio, eu temo que você terá que sofrer por isto. Sofra sendo casado com uma mulher que detesta o estilo de vida que você tem a audácia de acreditar que é certo.

Com isto, ela girou e pisou longe, a batida de seu coração na mesma velocidade e intensidade como sempre ficava quando estava com seu marido.

Raiva. Medo. Luxúria. Todos misturados e entrosados, fazendo um nó em seu interior. A única coisa que ela sabia com certeza era que não existia nenhuma resposta, nenhum modo de resolver o problema que permanecia entre eles.

Ela era esposa dele. E estava presa a um casamento composto de paixão e ódio em partes iguais.

Capítulo Quinze

Ela disse que ele teria que sofrer com o casamento, o mesmo que ela teria, mas *talvez*, ela pensou quando entrou na fortaleza, *nenhum deles tivesse que sofrer*. E Talvez ele nunca fosse governante, mas ela pouco se importava de uma forma ou de outra sobre aquilo no momento.

Do seu ponto de vista, ela teria duas escolhas.

Ela podia ficar e ser esposa dele. Ela podia perder o controle para ele. Ela se encontrou pensando — insanamente — que queria pertencer a ele, cada vez mais todo dia, até que ela mesma passou a acreditar que era certo e verdadeiro.

Ou ela poderia fugir.

Ela podia correr de volta para sua casa em Myrtell.

Mas não, ela imediatamente decidiu, com o coração apertado, que seu pai só a devolveria para Dane.

Então, talvez ela pudesse seguir seu caminho para uma das pequenas fazendas ou pelos pequenos assentamentos industriais que pontilhavam a paisagem entre a fortaleza e sua casa. Ela poderia aprender um ofício, lavar roupa, costurar ou cozinhar. Ela poderia encontrar uma posição na qual ela ganharia o suficiente para sobreviver.

E... talvez ela poderia até mesmo ir para Donnell.

Ainda assim... não. Mesmo tendo ficado atraída por Donnell quando ele expressou seu apreço para ela, infelizmente, o jovem já não a atraía - de onde ela estava agora, tudo que ela sentia por ele era uma esmagadora afeição de infância.

Caminhando para seu quarto e fechando a porta firmemente atrás de si, ela se jogou na cama, seus pensamentos voando ainda mais altos.

Talvez ela pudesse encontrar ... um homem que fizesse amor com ela tão bem quanto Dane, que a fizesse sentir-se emocionada e estimada como Dane fazia, mas que a tratasse com reverência em todas as coisas fora do quarto também. Ela tinha que acreditar que esse tal homem existia. Seu pai tinha sido tal homem para sua mãe, afinal.

Ela soltou um suspiro. Existindo homem ou não, de repente ela sentiu que não tinha outra escolha além de partir.

Ela aprendeu muito sobre si mesma ao longo dos últimos dias, e ficar seria um risco para sua própria essência, para tudo que ela acreditava. Ela não tinha certeza de como iria viver com ela mesma se começasse a pensar que pertencia a Dane, também. Sem auto-estima, sua vida não significaria nada, ela não seria mais do que uma sombra escura de seu marido, e isso era uma coisa que ela não podia agüentar.

Eu devo fazê-lo esta noite.

As palavras corriam através de seu cérebro com rapidez surpreendente. Em certo sentido tão abrupto que parecia loucura para ela, pois ela teria que juntar comida adequada sem ser notado e talvez roubar um dos valiosos cavalos de Dane, embora ela não soubesse como montar. Por todas as acusações, não faria mais sentido adiar uma ou duas semanas, talvez usasse o tempo para dominar a cavalo e recolher os alimentos em poucos pedaços que passassem despercebidos. Por todas as acusações, mas uma era clara.

Ela não queria se entregar a ele novamente.

Ela não queria sucumbir à sua sedução uma vez mais, para não se tornar um ponto sem volta, na ocasião em que ela finalmente se rendesse de coração e alma a vontade dele.

Se ela estava partindo a fim de salvar-se de ceder às convicções dele, ela não tinha mais escolha, apenas fugir agora.

* * * * *

Duas horas mais tarde, ela rastejou de volta para o seu quarto, com um saco de mantimentos a seu alcance. A fortaleza estava quieta e escura e ela escapou pela cozinha sem ser vista. Ela pensou que Ares estava abençoando sua jornada, por ter sido tão fácil. Agora, Ele só teria que ensiná-la como montar um cavalo.

Ela não conseguia acreditar que estava fazendo isto, e bem entendia o quão perigoso era — mas quando sua mãe ou seu pai ou Dane a chamaram de forte e decidida eles estavam certos e a pressão e o desespero a impulsionavam. A proteção de sua auto-estima valia a pena arriscar por qualquer consequência.

Quando ela ouviu uma comoção lá fora, ela correu para sua janela para olhar. Mas tudo que ela podia ver era o mesmo jardim onde ela falou com Dane mais cedo, as sombras das videiras, as formas das árvores projetando-se para um céu azul escuro. Mesmo assim, ela teve certeza que ouviu relinchos de cavalos e o bater de cascos.

— Dane será só um momento e então nós podemos partir — ela ouviu uma voz de homem carregada com grande urgência. Seria Kells?

— Que ele tenha mais pressa se for nos levar, — outra voz masculina respondeu. — nesse momento não é nenhum assunto pequeno.

O que estaria acontecendo? Onde Dane estava levando-os?

Naquele momento, a porta do seu quarto foi arrombada. Ela virou-se para encontrar Dane correndo pelo quarto com os punhos cerrados e estreitou os olhos. Ele parecia mais temível — talvez, muito mais do que ela já tinha visto antes — e num estante ela finalmente compreendeu sem um pinga de dúvida de como ele ganhara o nome Dane, o Terrível.

Se ele finalmente tivesse cansado de seus argumentos e chegasse a matá-la? Ela se perguntava impotente.

Ela se apoiou contra a parede enquanto ele se aproximava, nunca diminuindo o ritmo de seu passo.

— Eu fui chamado para a guerra, esposa.

Ela ofegou. — Guerra?

Ele falou rapidamente, com determinação feroz. — Os Virgs cruzaram a fronteira. O que inicialmente se pensava serem alguns malfeitores passou a ser uma força de milhares. Sou necessário para comandar as tropas. Temos que levar os intrusos de voltar antes que eles se transformem em um grande risco para Caralon.

Maven mal podia acreditar em seus ouvidos. Ela supunha que, até agora, a necessidade de proteger as fronteiras era frívola, que não existia nenhuma ameaça real para um domínio tão grande e poderoso.

— Mas eu pensei que você disse que a propriedade estava bem guardada.

Ele acenou com a cabeça.

— Eles não estão vindo para a propriedade. Eles sabem que ela é muito bem protegida para que a violem. Em vez disso, eles estão indo para o sul e leste, em direção a assentamentos mais fracos.

Um medo diferentemente de todos que ela já tinha conhecido a assaltou e foi escorrendo por ela como água fria substituindo o sangue em suas veias. Caralon não era segura? Os inocentes em aldeias desprotegidas poderiam ser mortos? E seu marido — seu marido — ofereceu-se para parar tudo isso?

O último pensamento a encheu completamente com um novo tipo de agonia, algo que puxou pelo seu coração e se sentiu muito mais perto de casa.

— Mas... por que você deve ir? Kells não pode conduzir o exército? — Afinal, ela acreditava que Dane era mais que uma cabeça de ferro agora, o homem que dava as ordens e não um homem que tinha necessidade de lutar na linha de frente.

— Isto é um ataque sério, Maven. A ameaça mais séria para Caralon dos Virgs desde que meus pais foram mortos. Eu sou necessário e devo ir.

Ela sentiu seu lábio inferior começar a tremer e seu estômago agitado. Por que ela se importava? Na verdade, ela mal o conhecia. E como ela disse-lhe inúmeras vezes, ela não gostava dele. Que importava para ela se ele partia para a guerra e que podia ser ferido ou morto? Ela podia compreender a reação, mais ainda, se sentia exatamente como se alguém que amava estava sendo forçado a situações perigosas.

Ele inclinou a cabeça ligeiramente. — Se eu não a conhecesse melhor, eu juraria que vi o medo por mim em seus lindos olhos. — Então ele balançou sua cabeça. — Mas certamente eu estou vendo coisas. Anime-se, Maven, você pode ter sorte e eu poderia ser morto.

Ela respirou fundo com a sugestão, seu estômago agora se retorcendo em nós dolorosos. — Eu nunca desejei que você morresse.

Nesse sentido, a nova e chocante sensação de pânico correu através dela mais silenciosamente enquanto seu marido permanecia observando-a. Ela não conseguia ler sua expressão — pois estava extremamente ocupada tentando absorver as notícias que ele tinha acabado de dar, tentando decifrar por que a incomodava tanto assim.

Querido Ares, ele estava saindo para a batalha, arriscando sua vida um dia depois de se casar com ela!

Finalmente, ele suspirou, olhando-a como se talvez ele tivesse acabado de render um pouco de si mesmo, então a esmagou em um abraço duro. Quando o calor e o terror a encheram, foi a primeira vez que ela compreendeu com clareza que seus sentimentos para com Dane eram mais profundos do que a luxúria.

No momento, ela não quis rasgar suas roupas ou tomá-lo dentro dela — ela só queria que ele se mantivesse seguro e queria que nunca acabasse.

Depois do que pareceu um longo tempo, ele a soltou, apenas para levantar as mãos para seu rosto. Olhou-a intensamente nos olhos e a beijou na boca tão forte e selvagem que tudo que ela pôde fazer foi não desmoronar sob seu poder.

Após liberá-la, ele a olhou longamente e então se virou saindo do quarto e indo para a guerra.

O coração de Maven sentiu como se tivesse se desintegrando em seu peito. Como isso aconteceu? Quando ela começou a se preocupar com a grande fera? O que, em nome de Ares, ele fez para ganhar sua atenção?

Mas que rapidamente, ela começou a entender que estas questões não mais importavam — porque muito mais urgente estava substituindo-as em seus pensamentos.

E se ele morresse?

E se ela nunca mais visse seu marido vivo?

* * * * *

— Dane, atrás de você!

A advertência de Kells enviou Dane, rápido como um raio, para encontrar um Virg protegido com um capacete de couro a correr em sua direção, a lâmina levantada e pronta para atacar. Dane jogou sua lança, apontando para o coração do Virg, batendo logo baixo das costelas em uma morte rápida e limpa que gritou um — Ooomff.

Como o Virg sujo estava preso ao chão encharcado de sangue, Dane pegou a lâmina do homem e esquadrinhou a área procurando mais atacantes.

Ele viu apenas seus próprios homens — vestidos de preto — que pontilhavam o campo de batalha.

— Isto eram todos eles? — Ele perguntou, com a respiração difícil.

Próximo a ele, Kells também respirava duro.

— Eu não vejo mais nada.

A batida do coração de Dane começou a diminuir a velocidade pela primeira vez em horas quando uma sensação cautelosa de alívio começou a aparecer.

Mas só então, um vago e baixo zumbido pôde ser ouvido ao longe, chamando-lhe ao horizonte para olhar ao norte.

— Ares, — ele ofegou — outro regimento.

Eles podiam ser vistos três colinas ao longe, um borrão de couro marrom e aço refletindo debaixo do sol.

— Reagrupar homens! — Ele gritou para aqueles ao redor dele. — Tomem cobertura naquelas árvores! — Ele apontou para uma grande linha de pinheiros altos que esconderiam a presença deles dos Virgs até que estivessem mais perto.

Apressadamente, as forças de preto pegaram as armas de seus inimigos mortos e se retiraram para os bosques.

Dane deitou de barriga para baixo ao lado de Kells, olhando sobre o campo de batalha, os olhos abertos para a primeira aparição das tropas que eles aguardavam.

— Ares o que eu não daria pra estar nos braços de Lonya agora — Kells murmurou, soando triste, mas também determinado. — Juro por Ares, Dane, se eu sair vivo desta eu vou tomar aquela mulher como minha esposa.

Dane desviou os olhos brevemente dos Virgs para o seu amigo desarrumado.

— Seus sentimentos para a mulher são tão fortes assim rapidamente? Forte o suficiente para durar a vida inteira?

Kells assentiu sem uma pitada de hesitação. — Ela é única.

Engraçado, há poucos dias estas palavras teriam chocado Dane, até o deixado confuso. Antes de alguns dias atrás, o casamento era estritamente uma forma de conseguir

uma expectativa de sociedade para um homem rico, uma maneira de conseguir um herdeiro assim ele teria alguém para deixar sua vasta propriedade e, acima de tudo, para ele uma oferta de poder sobre Caralon. Mas deitado entre as agulhas de pinheiros, o cheiro da terra úmida debaixo dele enchendo seus sentidos, ele percebeu que se ele morresse, a única coisa que ele detestava deixar para trás não era o seu poder, nem sua propriedade — mas sua esposa.

Ainda que ela o odiasse. Ainda que eles nunca fossem felizes juntos.

Os momentos em que passavam juntos traziam-lhe uma satisfação mais profunda que ele já conhecera. Ele não esperava por isso. Ele não acharia isto possível, dado o desdém dela por ele. No entanto, de alguma forma ele viria a sentir algo mais profundo para ela do que mero desejo.

Ele pensava há alguns dias atrás sobre o desejo de fazê-la feliz, mas agora era mais que uma necessidade, uma compulsão para fazer o que fosse necessário para Maven sorrir. Para fazer Maven sentir-se segura. Para agradá-la de modo que ele de repente sentiu-se preenchido por ela.

Fazia pouco sentido para ele, dado o início muito rochoso de seu casamento, mas a sensação foi além do seu propósito. Era em momentos como estes que o homem olhava para o seu coração e compreendia o que era importante. Agora, uma palavra, um nome, manteve-se tocando de novo em sua cabeça.

Maven. Maven. Doce, insolente, ansiosa, Maven.

Ele queria fazê-la sorrir.

Ele queria fazê-la gritar de prazer.

Ele queria tudo com ela — tudo o que duas pessoas podiam sentir. Ele queria o que seus pais tinham, um casamento verdadeiramente maravilhoso, um casamento de amor, confiança e respeito genuíno. Ele supôs que não pensava há muito tempo sobre seus pais naquele modo, antes que ela entrasse em sua vida.

Uma coisa lhe ocorreu então — será que isso era tudo que ela estava realmente pedindo? Amor, confiança e respeito genuínos. De repente, pareceu-lhe tão fácil. E ele tinha tornado tudo tão difícil, sentindo com tanta certeza que sua noiva cabeçuda estava tentando mudá-lo, tentando tirar algo dele. Sentindo-se tão determinado a quebrar a vontade dela depois de descobrir sua teimosia.

Nesse momento, com a morte e o perigo ao seu redor e enchendo seus sentidos, ele descobriu de repente o quão era sem importância sua busca para governar Caralon. Ah, certamente se ele sobrevivesse a isso, ele sabia que voltaria a subir a importância para ele, mas na vida estava prestes a ganhar mais poder do que ter controle.

— Ares, saber que Maven, mesmo que por pouco tempo, havia suavizado algo nele, abriu-lhe o sentimento que ele não viveria o bastante para conhecê-lo. Ele se destinava a conquistar, mas não podia deixar de pensar que ela conquistou algo dele e ele não podia se desculpar por isso.

Só então, o aguardado regimento de Virgs veio correndo subindo pela extremidade do campo, espadas, machados e lanças levantadas, os invasores gritando com todo o seu poder.

Ares, mas eles eram selvagens e brutos — o suficiente para fazer o seu próprio coração golpear de medo. Isso, se ele fosse se permitir sentir tal emoção. Mas ele não iria. Especialmente não agora. Derrotá-los era uma coisa natural, uma coisa que simplesmente tinha que ser feita — nenhum outro resultado era possível. E se tivesse começado a permitir-se sentir uma sugestão de medo no início deste dia, um sentimento de preocupação e uma pitada de dúvida que foi jogada longe por sua determinação inabalável de retornar para sua esposa e fazer com que as coisas dessem certo com ela.

Ele observou que os Virgs cresceram como um inimigo feroz que não podia ver, agora retardados por numerosos mortos em seu caminho, seus gritos de guerra troando ligeiramente na sóbria visão de seus companheiros caídos.

Dane observou a abordagem deles, estudou-lhes os olhos — alguns dos quais estavam começando a nublar de preocupação — até que chegaram mais perto e, de repente, ele sabia que o momento havia chegado.

— Começar! — Ele gritou e o exército do norte de Caralon de Rawley saltou pronto para atacar seus inimigos, pronto para tomar de volta suas terras.

* * * * *

Dias se passaram e as únicas notícias que Maven ouviu era que havia batalha após batalha ocorrendo há algumas milhas para o leste da fortaleza de Dane. Quanto aos prejuízos, existiam muitos em ambos os lados, embora alegadamente tinham mais Virgs mortos que Caralonians. Do exército de Caralon, entretanto, ninguém soube quem caiu, nem mesmo se seu líder ainda estava de pé.

Caminhando para a janela do segundo andar no quarto onde passou a sua noite de núpcias, ela olhou para as colinas e os campos vastos. Tudo estava calmo, só se ouvia os cantos dos pássaros, o grito ocasional de um falcão ou a voz de um jardineiro — era difícil de acreditar que a guerra estava sendo travada não muito longe dali.

Somente depois que Dane se foi é que ela teve tempo para perceber as lindas terras em que ele vivia.

Ela se mudara para o quarto de Dane logo após a partida dele, pensando que era direito dela dormir lá e logo rezou a Ares para protegê-lo e trazê-lo de volta.

A princípio, ela se sentiu atordoada e preocupada por sua segurança. Mas agora que ela desistiu do choque, concentrou-se apenas no seu medo. Ela não conseguia deixar de pensar que se ele morresse, ela morreria também, por dentro. Tais emoções intensas pareciam loucura mesmo quando ela as experimentou, mas que Ares a ajudasse, ela temia que tivesse amadurecido para... bem, amar o grande bruto.

Ela estava traindo a si mesma?

Talvez.

Mas ela não se importou.

Uma batida leve na porta veio e Kaelen entrou, pronta para vesti-la e arrumar seu cabelo.

— Há alguma notícia de Dane? — Perguntou ela, afastando o seu olhar da janela para a empregada.

Kaelen acenou com um gesto simpático. — Hoje não, eu estou com medo.

Com um aceno e um suspiro, Maven sentou no banco acolchoado em sua penteadeira antes de visualizar-se no espelho. Ela observava silenciosamente Kaelen escovar-lhe os cabelos, concentrando-se sobre as madeixas longas e lisas, tentando não pensar em Dane.

Mas era impossível. Ela encontrou-se imaginando ele aos quinze anos, perdendo seus pais tão severamente e lutando de volta sem pensar em sua própria segurança. Ele tinha se tornado um homem valente e viril por causa disso.

Um minuto depois, seus pensamentos foram deslocados para tempos mais recentes — para lembranças emocionantes de seus corpos se fundido. Ela mordeu os lábios, imaginando-o ajoelhado entre suas coxas neste exato momento, levantando sua saia, afundando sua língua hábil e quente em sua vagina tão faminta por ele.

Mas não, mesmo a visão não era o suficiente — ela precisava de mais. Ela precisava de seu pênis incrível batendo nela, fazendo-a esquecer de tudo. Como era bom ser devorada pelo grande e temido Dane de Rawley — seu marido!

Ainda observando-se diante do espelho, ela viu a gargantilha preta de couro ainda presa em seu pescoço. Era difícil acreditar que ela há tão pouco tempo queria tirá-la. Desde que ele foi embora, depois de ter dado o seu presente — ela tinha começado a senti-la quase como uma parte de seu corpo — olhou no espelho para afagar o seu pequeno pedaço de consolo.

— Se ele voltar, — ela admitiu para Kaelen, — eu não desperdiçarei nosso tempo juntos — não me comportarei como uma criança tola.

Atrás dela, Kaelen falou em um tom macio e suave, colocando uma mão gentil no ombro de Maven e apertando-o. — Seus sentimentos por Dane mudaram e se aprofundaram.

— Sim. Sim, muito. Eu fui uma idiota com ele, Kaelen.

A empregada agitou a cabeça levemente se vendo no espelho, levemente acariciou o braço de Maven. — Não é uma tola, Maven. Você já passou por uma tremenda mudança em sua vida nestes últimos dias. E às vezes... bem, infelizmente, às vezes é preciso uma tragédia para ajudar a colocar as coisas numa nova perspectiva.

— Se ele voltar para mim, — Maven disse, o coração contraído em seu peito e sua vagina inchada de desejo, — eu vou fazer amor com ele até que nós dois estejamos moles e esgotados.

Kaelen sorriu para ela pelo espelho. — Eu desejava que Dane pudesse ouvir o que você disse agora. Certamente o inspiraria.

Maven sorriu pelo pensamento, imaginando se fosse verdade. E esperando fervorosamente que ele pudesse perdô-la por sua teimosia e deixá-la começar de novo.

Terminando com o cabelo, Kaelen silenciosamente removeu o vestido de dormir de Maven e ajudou vestir um de couro índigo-tingido que ficava firmemente preso na frente. Após colocar a roupa macia e dar um beijo reconfortante na testa de Maven, ela saiu do quarto, deixando-a sozinha.

Maven soltou um suspiro, seus pensamentos mudaram amorosamente para Lavonia e sua orientação. Lavonia havia ensinado-lhe bem e agora ela queria nada mais que continuar praticando suas habilidades sexuais com Dane. Abaixo do vestido, sua vagina cresceu úmida com tais pensamentos.

Ela ainda sentia falta da sua querida camareira e sua família, mas de um modo diferente agora. Não queria mais voltar para eles, pois ela sabia que seu lugar era ali, com Dane de Rawley.

Respirando fundo, ela moveu-se para a janela e desviou a vista outra vez, para bem longe onde os olhos podiam ver e enviou uma mensagem silenciosa de paixão para Dane, só rezando para que ele pudesse de alguma forma sentir, de alguma forma absorver seu desejo.

Volte para mim. Esteja dentro de mim. Possua-me profundamente.
E eu serei sua para sempre.

Capítulo Dezesseis

Maven ajoelhou-se diante de seu marido, a mão envolvida em torno de seu pênis maravilhosamente grande, sua língua lambendo e brincando ao redor da cabeça. Acima dela, ele gemeu seu prazer e o som gotejou por ela, se espalhando como xarope lento até as pontinhas dos dedos das mãos e dos pés. Tomá-lo dentro dela, ela tinha que tomá-lo dentro dela agora.

Abrindo os lábios, ela afundou a boca sobre o eixo rígido, ouvindo seu profundo gemido. As mãos dele empurravam seus cabelos até amassarem seu couro cabeludo, enquanto ela o tomava mais profundidade, para em seguida recuar e depois aumentar a profundidade.

— Eu quero agradá-lo sempre, mestre, — ela disse a ele, olhando-o nos olhos poderosos.

Ele a olhou com um olhar mais possessivo, enchendo-a com uma alegria que mal podia compreender.

— Eu sou sua — ela sussurrou para ele. — Eu sou sua.

Foi então que notou os outros homens no quarto e virou a cabeça para olhar. Havlin, Galt, Kells, todos os homens que realizaram os rituais da paixão por ela. Também viu os três meninos de sua orientação e seus olhos se estreitaram para Donnell, o jovem estava com olhos brilhantes e famintos sobre ela.

Eles estavam esperando. Em uma fila. Esperando pelo o que ela dava a Dane.

Medo e trepidação a atravessaram e ela fincou os dedos das duas mãos sobre as coxas resistentes de Dane, sussurrando para ele.

— Só você.

Ele olhou surpreso. — Mas todos querem você, Maven. Você poderia ter qualquer um de qualquer forma que desejar. Você está livre para ir com qualquer um deles.

Pelo olhar dele ela entendeu, era uma gentileza. Ele estava sendo generoso, deixando-a ir, deixando-a ter o que pensava que ela queria, todo o prazer que ela pretendia tomar em outro lugar.

— Não vou prendê-la aqui se você deseja ir, — ele acrescentou.

Mas ela simplesmente balançou a cabeça.

— Só você agora marido. Eu pertencço a você.

Como que por magia, os outros homens desapareceram deixando-os sozinhos. Ela e Dane de repente estavam em uma cama, no leito conjugal deles e dizia:

— Venha noiva. Monte forte em mim. Monte até que você goze para mim.

Ela foi para cima dele e ele a encheu. Ela se moveu e o montou como ele a tinha instruído, todo o tempo seus olhos se fixando nele, com fome. Ele a prendeu no lugar, empurrando mais profundo puxando-a para o prazer, silenciosamente exigindo o seu clímax.

Quando isso aconteceu, veio forte e duro sobre ela, levando-a cada vez mais alto, e quando ela finalmente desceu, caiu em cima dele com um solavanco.

Quando ela abriu os olhos, sua mão repousava entre as coxas, seu vestido de dormir estava em seus quadris. Oh Ares! Foi só um sonho. Apenas um sonho horrível e ao mesmo

tempo maravilhoso de querer pertencer a um homem que já não estava aqui para lhe pertencer.

Duas semanas se passaram sem nenhum sinal de seu marido.

Os exploradores do forte que montaram no local das batalhas trouxeram notícia que Dane parecia estar vivo, mas ninguém sabia ao certo, porque os exploradores não o tinham visto.

O coração de Maven sentiu-se perto de quebrar e ela não pôde deixar de sentir muito medo.

Esta foi a forma de Ares puni-la, por ser tão fria com Dane, por não aceitar a felicidade que ele queria dar a ela. Ares iria levá-lo para longe dela agora, agora que ela finalmente percebeu o quanto tinha tido sorte de tê-lo. Sua vida de repente parecia muito vazia sem ele, mesmo após um prazo muito curto em que eles estavam juntos. Mesmo ele querendo ser dono dela.

Sua teimosia sobre esse assunto deixou de importar. Ela nunca se entregaria para ele, nunca se deixaria acreditar em tal posse, mas diante de perdê-lo, ela estava disposta a aceitá-lo como uma falha dentro de si, uma falha que poderia sobreviver apenas se ele estivesse de volta em seus braços.

Eles tinham transado três vezes, só três vezes. Três vezes que a tinham modificado, convertido-a em alguém novo. Três vezes não estava perto de ser o bastante. Ela não podia imaginar se alguma vez ia ter bastante do seu pênis majestoso, seu abraço musculoso, seu olhar possessivo.

Sim, ela realmente queria que ele fosse dono dela e não podia se negar mais. Ela não entendia, mas não se negaria. Porque ela não tinha compreendido tudo isso antes que ele se fosse? Como ela o tinha deixado entrar na batalha pensando que ela ainda o odiava e que não queria ser sua esposa?

— Por que não saímos para uma caminhada? Kaelen sugeriu ao encontrar Maven onde ela parecia sempre viver nestes dias ao lado da janela do quarto de dormir que ela tanto queria compartilhar com seu marido novamente.

Maven olhou rapidamente e apenas balançou a cabeça.

— Você está se tornando tão pálida! Você precisa de algum sol. Não quer que Dane volte para encontrá-la parecendo um fantasma, não é?

Ela não tinha comido muito, simplesmente não tinha mais apetite desde que Dane tinha ido para a batalha.

— Eu aprecio sua preocupação, Kaelen, mas não desejo andar agora, talvez depois. — Ela fez essa mesma observação para sua empregada nos últimos quatro dias e sempre dizia as palavras com boas intenções, mas, quando mais tarde chegava, ela ainda não tinha energia para se aventurar.

Kaelen aproximou-se, levantando uma mão para acariciar o cabelo dela.

— Sinto que você esteja tão triste. — Então ela apertou a mão de Maven. — Talvez eu pudesse fazer você se sentir melhor.

Maven suspirou. — Não vejo como.

Kaelen deu a ela uma mordida sensual em seu lábio inferior enquanto a olhava intensamente nos olhos.

— Eu poderia tocar você. Beijá-la, — ela sussurrou. — Dane gostaria, tenho certeza. Apesar dos problemas entre vocês, ele não quer que você sofra. Ele gostaria que eu encontrasse uma maneira de livrar sua mente de preocupações, mesmo que fosse apenas por um momento. Você poderia fechar os olhos e esquecer-se de seus medos e deixar-me fazer você gozar.

Antes de seu casamento com Dane, Maven sentia uma atração inegável por Kaelen. Mesmo agora, era fácil de lembrar a sensação dos seios suaves de Kaelen pressionando em seus braços na banheira, a visão sedutora dos mesmos através do vestido de seda branca. E a noção de que Dane poderia desejar que ela gozasse com Kaelen quase emprestou algum crédito à idéia.

Mas Dane não estava ali para desejar nada. Se fosse ele e se ele quisesse que ela gozasse com Kaelen, ela concordaria em um piscar de olhos. Excitação para ele seria excitação para ela, e ela faria qualquer coisa por ele agora. Porque ela queria ser só dele, queria apenas agradá-lo e ser a mulher que ele queria que ela fosse.

— Obrigada Kaelen. Você é doce por oferecer. Mas sem Dane, nada de excitamento, não é certo.

Kaelen tentou um sorriso, mas ela parecia triste e irrefutável, se era sobre Dane ou a recusa de sua oferta, Maven não sabia.

— Aposto que Dane entrará por aquela porta antes que você o saiba, — disse Kaelen e então beijou sua testa e virou-se para sair, deixando Maven sozinha de novo olhando pela janela e desejando.

No fim da tarde, Maven estava dormindo quando um sonho com Dane encheu seus sentidos.

Nele, ele estava deitado ao lado dela, olhando para ela, empurrando seu cabelo delicadamente do rosto com as pontas ásperas dos dedos. Seus olhos eram tão intensos e cativantes como sempre, mas ela não mentia sobre o poder que aqueles olhos pareciam ter sobre ela sempre, ela não mais se importou com o poder que aqueles olhos pareciam ter sobre ela.

— Dane, você está de volta, — ela sussurrou.

— Você sentiu a minha falta, noiva?

— Loucamente. Eu achei até que estava doente. Eu estava com tanto medo que você morresse.

Foi só quando ele baixou a boca para a dela num beijo mais terno que ele já tinha lhe dado e as sensações quentes de formigamento correrem por ela, que lhe ocorreu que não era um sonho! E se ele estivesse realmente lá?

— Você é real? — ela perguntou confusa, olhando para ele. Ela chegou a tocar seu rosto, surpresa ao sentir os pêlos grossos do cabelo e a barba por fazer sob seus dedos.

Ele deu uma risada suave.

— Claro, minha esposa.

Ficando completamente acordada, ela o alcançou mais uma vez para tocar em sua bochecha e seu cabelo.

— Você está realmente aqui? Você realmente voltou?

Ele sorriu e tomou a mão dela, colocando-a em seu pênis, que se erguia completamente por baixo do couro de suas calças.

— Isso convence você?

Ela se ajeitou na cama, piscou e olhou profundamente em seus olhos quando uma alegria pura a atacou.

— Oh Ares! É verdade! Você está realmente em casa! Você voltou para mim!

O sorriso dele foi cauteloso, ainda que brincalhão, as sobrancelhas ligeiramente erguidas.

— Sim, é verdade, mas... Quem é você e onde está a Maven com raiva que deixei para trás?

— Oh Dane, — disse ela, deslizando a mão pela bochecha dele, — se eu devo pertencer a você, então eu vou, contanto que você esteja comigo, contanto que você esteja seguro.

Ele inclinou a cabeça e falou profundamente.

— Oh, meu amor!

Ele realmente tinha acabado de chamá-la de seu amor? Não podia ser. No entanto, apesar de seu choque e de sua dúvida, ela podia jurar que viu a emoção brilhando muito nos olhos dele.

— Você não precisa dizer tais coisas.

Ela piscou atordoada, ainda confusa.

— Não preciso?

Ele puxou-a para um grande abraço, esmagando-a contra seus músculos rígidos, envolvendo-a forte nos braços fortes. Ele sussurrou em seu ouvido:

— Eu te amo Maven e quero que você seja feliz. Estou pronto para tratá-la como igual.

Maven retrocedeu para olhá-lo nos olhos mais uma vez. Ele realmente acabava de dizer isto? Foi incrível, um sonho que literalmente se realizava.

— Dane, eu... eu... Ela estava muito cheia de emoção para conseguir dizer qualquer coisa.

— Você o quê, amor?

Ela enroscou seus braços sensualmente em volta do pescoço dele e decidiu não discutir com ele, aceitar somente o que ele dizia e expressar o que estava em seu próprio coração — tão simplesmente quanto ela podia.

— Eu quero tanto você dentro de mim! Minha vagina sentiu a falta do seu pênis maravilhoso, marido. Por favor, não me faça esperar.

Maven nunca tinha visto um espetáculo mais emocionante do que o fogo fresco que acendeu em seu olhar azul.

— E eu senti muito a falta de sua vagina doce e apertada, meu amor. Eu sonhava que possuía você todas as noites e durante o dia fantasiava sobre isso.

O pensamento a alarmou, mesmo sucumbindo aos beijos em seus lábios, face e garganta.

— Dane, você devia ter se concentrado em sua segurança.

— Querer voltar e me afundar em seu calor era o que me mantinha lutando, minha linda noiva. — Ele aproveitou a oportunidade para deslizar a mão na parte interna das coxas dela até os dedos se afundarem em sua molhada e faminta vagina.

Ela gemeu com encanto, erguendo-se para ele automaticamente, o seu montículo imediatamente pedindo mais dele.

— Oh, Dane, por favor, me possua. Possua-me bem forte. Faça-me saber o quanto você é real. Agora!

Em um movimento rápido, Dane rasgou o corpete do vestido e afundou a sua boca nos seios necessitados. Levantando a saia dela, ele começou a empurrar até mesmo antes que a sua calcinha fosse retirada.

— Seu pênis, — ela ronronou. — Eu preciso dele.

Ele parecia tão impaciente que ela o sentiu se afastar e lutar para desatar a frente de suas calças, até que finalmente o seu eixo enorme foi liberado.

Ares era ainda maior do que ela lembrava. Ela ao mesmo tempo o queria tanto para lambê-lo quanto para tê-lo dentro dela.

O segundo desejo ganhou quando ela lhe pediu novamente.

— Coloque em mim, Dane! Possua-me agora com esse membro grande e lindo!

— Oh, minha adorável, faminta e pequena noiva, — ele disse com um sorriso malicioso, — Eu vou penetrar em você mais e mais profundo do que já fiz antes.

Ela abriu as pernas, soltando um suspiro e ele empurrou dentro dela com uma estocada poderosa que tomou sua respiração de uma vez castigando-a até que se entregou a excitação, ficou maravilhada com o tamanho dele e gemeu de prazer.

— Tão grande amor, — ela sussurrou. — Você me preenche completamente.

— E sua doce vagina me envolve tão úmida e apertada!

Ela inclinou a cabeça para trás com uma felicidade absoluta, rindo. Mas quando ele começou a penetrá-la tão incrivelmente forte, não havia espaço para a diversão. O prazer era muito profundo, balançando todo o seu ser a cada impulso potente que ele empregava.

Ela gritou em cada golpe, cada um parecendo mergulhar mais e mais profundo em sua vagina, para que ele expelisse todo o pensamento ou emoção e tudo que ela podia fazer era aquecer-se na maravilha de ser completamente possuída por seu marido.

Então foi um choque quando de repente ele se retirou, deixando-a abandonada e vazia, mas apenas por um momento, até que ele afundou a boca nela.

— Ohhh, — ela gemeu, igualmente tão atordoada com o prazer súbito em seu clitóris.

— Ah, sim, amor, sim! — Ela chorou, enquanto ele a lambia com a mesma paixão áspera que tinha usado para possuí-la e ela abriu as pernas mais ainda, separando-as tanto quanto podia, querendo apenas abrir-se mais para ele, dar-se a ele em todos os sentidos.

Ele ergueu sua vagina para a boca ocupada e ávida dele, sussurrando.

— Sim, sim, só um pouco mais. Assim. Sim, oh... oh sim! Dane! Sim! Sim! — O orgasmo veio para ela como um relâmpago, que lhe atingiu da cabeça aos dedos dos pés. Ele não parou mesmo quando certamente sabia que ela tinha gozado e a estendia ao clímax por mais tempo, tornando-o mais forte que qualquer um que ela já tinha experimentado.

Quando acabou ele se afastou para dar-lhe o seu habitual sorriso malicioso e ela sentiu-se inteiramente exausta.

— Oh Dane, — ela ronronou — você realmente sentiu a minha falta.

Ele riu, mas o riso enfraqueceu rapidamente quando o olhar caiu para sua vagina, para suas pernas ainda separadas o mais distante possível.

— Mmm, Maven, — ele rosnou e em seguida, num gesto rápido bateu o seu pênis de volta nela.

Ela gritou com o impacto, o calor dele enchendo-a quase ao transbordamento.

— Eu te amo! Ela gritou. — E quero pertencer a você, Dane! Eu quero pertencer a você sempre!

— Ah, — ele suspirou, inclinando a cabeça para trás de paixão, — Ares, estou aqui amor! Eu estou gozando em você, gozando dentro de você.

A voz dele era um simples sopro, mas seus golpes abaixo de Maven estavam entre os mais potentes que ela já tinha alguma vez sentido. Quando ele gozou, ela teve a estranha sensação de se afogar nele, em um sentido totalmente prazeroso que a fez se sentir segura, amada e apreciada de uma forma que ela teve antes.

Poucos minutos depois, eles estavam nus debaixo das cobertas, ela não deu nenhum pensamento para a tristeza ou a raiva que ela tinha sofrido toda vez que eles tinham transado. Como esperava, eles estavam realmente começando de novo. Ela se aninhou contra o peito nu e musculoso e ele a prendeu em um frouxo abraço, acariciando-lhe as costas e a curva de um seio.

— Fiquei feliz de encontrá-la aqui neste quarto em particular, — disse ele com um sincero e amoroso sorriso.

— Eu subi aqui assim que você partiu. Pareceu certo.

Ele balançou a cabeça e em seguida beijou-lhe a testa.

— Foi o certo.

— E Dane, — ela disse, levantando os olhos para ele, — o que eu disse enquanto fazíamos amor, sobre o desejo de pertencer a você, me pareceu certo, também. Eu quis dizer isso e é o que quero.

Ele balançou a cabeça contra travesseiro cheio de pena e olhava para ela conscientemente.

— Não, minha noiva, eu acho que você não compreendeu totalmente.

Ela ergueu o olhar ligeiramente para ele.

— É só nos caminhos do amor e do sexo que você deseja pertencer a mim, — disse ele. — Isso e querer realmente ser minha posse são duas coisas diferentes. Eu entendo isso agora.

Oh, de repente ela achava que não, também.

— Quer dizer que quando você está dentro de mim, querer pertencer-lhe é natural, mas isso não significa que eu realmente quero que você seja meu dono e que essa parte de mim não mudou?

Ele balançou a cabeça.

— Nem eu quero. Eu te amo do jeito que você é Maven. Eu amo cada polegada ardente, independente e teimosa de você. A única vez que eu quero que você deseje pertencer a mim é quando estivermos fazendo amor.

— E diga-me, marido, o que ocasionou esta mudança abrupta e fez você entender tudo tão bem?

— Além de temer morrer e nunca estar dentro de você novamente? Ele carinhosamente acariciou os cabelos dela. — Bem, suponho que é porque quando estamos fazendo amor, quero pertencer-lhe também.

Epílogo

Naquele outono, Dane realizou uma grande festa. Ele convidou os homens poderosos de todo o domínio, bem como a família de Enrick, Governador de Caralon, para honrar a sua esposa e anunciar que na primavera ela daria à luz um filho dele.

Depois que toda a caça, as frutas, os pães e as tortas haviam sido devorados, depois que os músicos de uma aldeia próxima entretiam a multidão feliz, Enrick puxou sua filha mais velha de lado. Ele usava um sorriso orgulhoso enquanto dizia.

— Você parece bem, Maven.

Dada a forma como ela estava com raiva de seu pai tempos atrás quando ele concedeu-lhe a Dane, detestava admitir isso, mas em vez disso, ela só pôde devolver-lhe o sorriso.

— É verdade. Estou muito feliz com Dane. Ele resultou não ser exatamente tão terrível como eles diziam.

Seu pai deu-lhe um aceno sábio.

— Suspeitei que visse isso a tempo. E eu sabia que só um homem poderoso como Dane para satisfazer a minha filha mais obstinada.

Ela ofereceu um riso leve, em seguida, deu a seu pai um abraço.

Um momento depois ela sentiu um aperto firme no seu pulso e levantou os olhos para encontrar seu bonito marido, seus olhos vislumbrando um calor familiar. Parecia não importar o quanto eles transavam, ele nunca se cansava dela. Que era uma sorte, porque também ela não se cansava.

Ele puxou-a para uma alcova escura, em seguida, aliviou os braços em torno de sua cintura um pouco mais larga agora. Quando ele se inclinou, ela teve o prazer de encontrá-lo já totalmente ereto.

— Mmm, — ela ronronou, de repente com fome de seu pênis enorme.

— Não sou tão terrível, hein? Perguntou ele com um sorriso malicioso.

Ela bateu alegremente em seu peito.

— Você estava ouvindo a minha conversa particular com o meu pai?

Ele apenas deu de ombros, suas mãos deslizando pelas laterais dos seios dela através de seu vestido de seda e afagando os polegares em seus mamilos enfeitados com contas, fazendo sua vagina arranhar de prazer.

— Sim, esposa, eu estava e agora estou pensando que é tempo de escapar da festa para que eu possa satisfazer a minha esposa cabeçuda mais uma vez. O que você diz, amor?

Ela lançou seu sorriso mais sensual.

— Eu digo... Que você corra imediatamente para o quarto.